

Coleção Desenvolvimento do Turismo

Volume 5

MOBILIDADES TURÍSTICAS: DEBATES E ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS

Organizadores

Thiago Allis

Camila Moraes

Barbara Catalano



PPGTUR - Programa de Pós-Graduação em Turismo
Escola de Artes, Ciências e Humanidades
Universidade de São Paulo

Edições EACH

Coleção Desenvolvimento do Turismo

Volume 5

MOBILIDADES TURÍSTICAS:
DEBATES E ESTUDOS
CONTEMPORÂNEOS

Organizadores

Thiago Allis

Camila Moraes

Barbara Catalano

SÃO PAULO
Edições EACH
2023

DOI 10.11606/9786588503324



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons

2023 – Escola de Artes, Ciências e Humanidades/USP
Rua Arlindo Bettio, 1000 – Vila Guaraciaba
Ermelino Matarazzo, São Paulo (SP), Brasil
CEP: 03828-000

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor
Vice-Reitor

Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior
Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES

Diretor
Vice-Diretor

Prof. Dr. Ricardo Ricci Uvinha
Profa. Dra. Fabiana de Sant'Anna Evangelista

Conselho Editorial das Edições EACH

Prof. Dr. Jefferson A. Mello (Presidente -EACH/USP – Brasil)
Profa. Dra. Ana Paula Fracalanza (EACH/USP – Brasil)
Analúcia dos Santos V. Recine (EACH/USP – Brasil)
Profa. Dra. Anna Karenina A. Martins (EACH/USP – Brasil)
Profa. Dra. Clara Vasconcelos (Universidade do Porto – Portugal)
Prof. Dr. Daniel Hoffman (Rutgers University - EUA)
Profa. Dra. Flávia Mori Sarti (EACH/USP – Brasil)
Maria Fátima dos Santos (EACH/USP – Brasil)
Prof. Dr. Michel Riaudel (Sorbonne Université – França)
Profa. Dra. Rosely A. Liguori Imbernon (EACH/USP – Brasil)
Profa. Dra. Verónica Marcela Guridi (EACH/USP – Brasil)

Organizadores

Publicação

Thiago Allis
Camila Moraes
Barbara Catalano

Edição e diagramação

V&V Editora

Imagens

Adobe Stock
Den-belitsky
Alicja Neumiler
Daxiao Productions

indicada.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO
Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca.
Maria Fátima dos Santos (CRB-8/6818)

Mobilidades turísticas : debates e estudos contemporâneos / organizadores
Thiago Allis, Camila Moraes, Barbara Catalano. – São Paulo : Edições EACH, 2023.

1 ebook. – (Coleção desenvolvimento do turismo; v. 5)

ISBN 978-65-88503-32-4 (recurso eletrônico)
DOI 10.11606/9786588503324

1. Turismo. 2. Viagens. 3. Teoria do turismo. I. Allis, Thiago, org. II. Moraes, Camila Maria dos Santos, org. III. Catalano, Bárbara, org. IV. Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Programa de Pós-graduação em Turismo. V. Série.

CDD 22. ed. – 910

Como citar esta publicação no todo, segundo ABNT NBR 6023: 2018:

ALLIS, T.; MORAES, C.; CATALANO, B. (org.). **Mobilidade turísticas**: debates e estudos contemporâneos. São Paulo: Edições EACH, 2023. 1 ebook. (Coleção desenvolvimento do turismo, 5). DOI 10.11606/9786588503324.

Como citar o capítulo desta publicação, segundo ABNT NBR 6023: 2018:

SOBRENOME, Iniciais do(s) pré-nome(s); SOBRENOME, Iniciais do(s) pré-nome(s); SOBRENOME, Iniciais do(s) pré-nome(s). Título do capítulo. *In*: ALLIS, T.; MORAES, C.; CATALANO, B. (org.). **Mobilidade turísticas**: debates e estudos contemporâneos. São Paulo: Edições EACH, 2023. p. xx-yy. (Coleção desenvolvimento do turismo, 5). DOI 10.11606/9786588503324.

Mobilidades Turísticas: debates e estudos contemporâneos

Autores:

Barbara Catalano

Bárbara Helenni Gebara Santin

Camila Moraes

Carla Oliveira Brito

Carlos Martins

Danielli Nogueira Alves da Silva

Davi Alysson da Cruz Andrade

Eliane Avelina de A. Sampaio

Felipe Zaltron de Sá

Isabella Santos

Jéssica Sewaybricker Ribeiro

Juliana Carneiro

Juliane Santos Lumertz

Lorena Cunha de Sena

Luciana Resende Borges

Renan Augusto Moraes Conceição

Thiago Allis

Edição e Diagramação:

V&V Editora

Imagens:

Adobe Stock/ den-belitsky/ alicja neumiler/ Daxiao Productions/ whitcomberd

SÃO PAULO
Edições EACH
2023

Sumário

Apresentação	1
Thiago Allis, Camila Moraes e Barbara Catalano	
CAPÍTULO 1	
Mobilidade no turismo do século 21 - virtuais que transcendem a distância geográfica e social dos destinos turísticos?	4
Eliane Avelina de A. Sampaio, Carla Oliveira Brito e Jéssica Sewaybricker Ribeiro	
CAPÍTULO 2	
Mobilidade e hospitalidade em eventos: para além do movimento dos corpos	22
Lorena Cunha de Sena, Luciana Resende Borges e Davi Alysson da Cruz Andrade	
CAPÍTULO 3	
Mobilidades, Atritos e Hotspots: um panorama do turismo na América do Sul.....	39
Juliane Santos Lumertz e Renan Augusto Moraes Conceição	
CAPÍTULO 4	
<i>Cartes-de-visite</i> e as mobilidades turísticas na construção de imaginários turísticos sobre o Brasil no século XIX	60
Isabella Santos, Danielli Nogueira Alves da Silva e Juliana Carneiro	
CAPÍTULO 5	
Lugares em movimento e em resistência: A Escola de Samba Vai-Vai em seus processos móveis no bairro do Bixiga (São Paulo)	82
Bárbara Helenni Gebara Santin, Felipe Zaltron de Sá e Carlos Lúcio Martins	
CAPÍTULO 6	
Mobilidades e turismo: costurando mais agendas de pesquisa	100
Thiago Allis, Camila Moraes e Barbara Catalano	
Sobre o organizador e as organizadoras	113
Sobre as autoras e os autores	116

Apresentação

Thiago Allis
Camila Moraes
Barbara Catalano

Esta coletânea de textos se propõe a iluminar dimensões das (i)mobilidades – de pessoas, objetos, imagens, imaginários, mensagens – em uma interface com temas e questões do universo do turismo. Para tanto, parte do reconhecimento e da aplicação de enfoques teórico-metodológicos derivados no chamado "giro" ou "virada das mobilidades" (URRY, 2000; HANNAM *et al.*, 2006; SHELLER e URRY, 2006; CRESSWELL, 2010; FREIRE-MEDEIROS e LAGES, 2020).

A obra é um dos muitos resultados do constante exercício de integração acadêmica interinstitucional e internacional, com um esforço de consolidação e expansão de redes de colaboração na produção científica em turismo e mobilidades. Dos três organizadores, dois estão no Brasil (EACH-USP e Unirio) e uma na Argentina (Universidad Provincial de Córdoba). Cada qual, com seus grupos de trabalho e pesquisa, buscando, por perspectivas convergentes, avançar nos estudos do turismo vestindo as lentes das mobilidades. Além de organizarmos esta obra em colaboração, compartilhamos agendas de trabalhos há vários anos, a partir de publicações conjuntas, mesas em eventos científicos, participação em aulas e conferências, dentre outras atividades típicas de acadêmicos que atuam em rede.

Assim, a proposta do livro nasce do encontro e engajamento de pesquisadores e pesquisadoras que se debruçaram de maneira específica sobre o estudo das mobilidades turísticas, tendo por referência a agenda de trabalho do **Grupo de Pesquisa Mobilidades e Turismo**, baseado na Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH-USP), registrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq desde 2019. Este grupo mantém um podcast (*Mobilidades & Turismo*) desde 2019, acessível por plataformas gratuitas, um perfil no Instagram (@mobtur_usp), além de ter participação na coordenação de um grupo de trabalho (*Mobilidades e Turismo*) no seminário anual da Associação Brasileira de Pós-Graduação e Pesquisa em Turismo (ANPTUR). A agenda do MobTur e é sempre feita em com outros grupos de pesquisa: o MTTM (MOBILIDADES: Teorias, Temas e Métodos, @mobilidades.mttm, @gpmobilidades e <https://gpmobilidades.fflch.usp.br>), baseado na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da USP (FFLCH-USP); o **Grupo de Estudo em Turismo e Sociedade**, na linha de pesquisa Turismo e Mobilidade, que mantém na

TurisData (@turisdata), uma base de dados que reúne a produção brasileira sobre mobilidades, mobilidades turísticas e mobilidades e lazer; e o **Grupo de Estudos em Turismo e Sociedade**, do Instituto de Investigaciones Gino Germani, da Universidad de Buenos Aires.

Publicar este livro no Brasil e em português é uma forma de gerar conteúdo ancorado nas manifestações localizadas do fenômeno, mas sem perder uma perspectiva de contribuição global – inclusive como recurso pedagógico para o estudo e o ensino do turismo em etapas iniciais de formação de estudantes e futuros pesquisadores e pesquisadoras. Acreditamos que, a despeito da barreira linguística, o texto pode ser apreensível e útil para o público hispanohablante - algo que não é tão óbvio quanto no que se refere à língua inglesa, idioma ainda predominante nos escritos sobre mobilidades e turismo.

O conjunto de capítulos propõe interpretações sobre as mobilidades turísticas na contemporaneidade, trazendo literatura de referência e pesquisas aplicadas em diferentes situações. Contudo, para que se avance efetivamente em estudos neste enfoque é preciso reconhecer e assumir com clareza que "mobilidade turística" não é sinônimo de turismo, senão, diferente de um objeto ou tema, por um enfoque complexo capaz de proporcionar leituras mais apuradas sobre o turismo como um todo. E, a partir disso, vislumbram-se desdobramentos de toda ordem, no campo das políticas públicas, nos investimentos públicos e privados, medidas de controle e incentivo etc.

O livro está composto por seis capítulos, sendo que os cinco primeiros representam contribuições de pesquisadores e pesquisadoras de turismo, de variadas origens disciplinares e geográficas. A produção dos capítulos foi o resultado de pesquisas originais, orientadas por alguns marcadores de base: a) apresentação e debate sobre questões e processos turísticos ancorados nos pressupostos teóricos das derivados das ideias da "virada das mobilidades", b) prioridade para reflexões sobre uma pesquisa aplicada, ainda que os levantamentos de gabinete tenham sido predominantes - dado, especialmente, ao momento em que foram conduzidos (segundo semestre de 2021), ainda sob restrições sanitárias por conta da pandemia de Covid-19 e c) seleção e análise de uma ou mais dimensões analíticas das mobilidades (BÜSCHER *et al.*, 2011; URRY, 2000; ALLIS e FRAGA, 2018).

Os **capítulos 1 e 2** abordam a dimensão virtual associada ao turismo e à hospitalidade. Em *Mobilidade no turismo do século 21: virtuais que transcendem a distância geográfica e social dos destinos turísticos?* (Sampaio, Brito e Ribeiro), as autoras propõem um debate de caráter ensaístico sobre as possibilidades de interpretação sobre o turismo para além das corporealidades físicas. Já em *Mobilidade e Hospitalidade em eventos: para além do movimento dos corpos*, Andrade, Sena e Borges fazem uma análise sobre um evento acadêmico (XIX Seminário da ANPTUR),

sob os princípios da hospitalidade, realizado no formato virtual durante a pandemia em 2021.

O **capítulo 3**, *Mobilidades, Atritos e Hotspots: Um panorama do turismo na América do Sul*, Lumertz e Conceição recuperaram a categoria "fricção" nos estudos de mobilidade, conforme proposto por T. Cresswell, para entender os atritos na integração regional do turismo na América do Sul.

O **capítulo 4** (*Cartes-de-visite e as mobilidades turísticas na construção de imaginários turísticos sobre o Brasil no século XIX*, por Santos, Nogueira Silva e Carneiro) traz uma análise histórica sobre os *cartes-de-visite*, artefatos fotográficos que, ao circularem em papel, alimentaram a construção de imagens do Brasil que viriam a ser - e ainda são, em alguma medida - presentes na imagem turística do país.

Em *Lugares em movimento e em resistência: A Escola de Samba Vai-Vai em seus processos móveis no bairro do Bixiga*, o **capítulo 5** escrito por Santin, de Sá e Martins, discute os tensionamentos espaciais em volta da presença histórica de uma escola de samba em São Paulo, marca potente da tradição cultural e turística da região central da capital paulista, que tem sua existência ameaçada por dinâmicas urbanas excludentes.

No **capítulo 6** (*Mobilidades e turismo: costurando mais agendas de pesquisa*), que arremata a coletânea, os organizadores apresentam um grande panorama dos estudos sobre turismo e mobilidades, tanto em retrospectiva - a partir de uma revisão geral sobre a produção no assunto no mundo e no Brasil - quanto em prospecção, sugerindo uma agenda objetiva para esforços futuros.

Com este livro, um exercício datado, mas situado em um ambiente de pesquisa conscientemente estabelecido, espera-se que a aproximação teórica e prática entre mobilidade e turismo siga repercutindo em outros grupos de pesquisa, estudos e produções acadêmicas e não-acadêmicas. Com as contribuições da obra, organizadores e autores gostariam de inspirar e estimular novas contribuições, a partir do olhar que alcançam para o momento, sempre na expectativa de ampliar interlocuções, diversificar parcerias e, mais importante, manter o compromisso com a construção de conhecimento relevante nas esferas científica, política e social.

CAPÍTULO 1

Mobilidade no turismo do século 21 - virtuais que transcendem a distância geográfica e social dos destinos turísticos?

Eliane Avelina de A. Sampaio

Carla Oliveira Brito

Jéssica Sewaybricker Ribeiro

Introdução

As mudanças culturais da pós-modernidade redesenharam as formas de consumo, os modos de vida e as formas de apropriação do espaço-tempo mediadas por novas relações de poder (SÁNCHEZ, 2010). Tais relações perfilam-se num contínuo movimento condicional e relacional, que é primário como uma condição fundamental de ser, espaço, sujeito e poder (SHELLER, 2018). Se a espacialidade e a temporalidade sob a pós-modernidade são representadas em movimento, o estar no mundo contemporâneo pode e deve ser [re]pensado pelo viés da mobilidade (DE SÁ; GASTAL, 2021). Trata-se, portanto, de reconhecer que as mobilidades assumem processos multidimensionais que transcendem a obviedade do mover-se nas suas formas mais tradicionais – corpos no espaço.

A relação do tempo na contemporaneidade ganha a conotação de achatamento do espaço, a medida em que as experiências de deslocamentos dos percursos e dos lugares são transcendidas pelas questões físicas e atingem a esfera virtual, acarretando uma sensação de eterno presente (CANTON, 2011; FALCÃO, 2015). Guiado então pelas lentes das mobilidades, pode-se afirmar que o virtual transporta e conecta sujeitos numa relação de apropriação espaço-temporal transcendendo questões geográficas, e por vezes, culturais, econômicas e sociais. No turismo, tais nuances de movimento se consolidam como parte da extensão teórica dessas mobilidades, ainda que a “corporeidade” da viagem seja uma característica fulcral (ALLIS, 2016). Mas, e na prática, **em que medida a mobilidade virtual oportuniza uma nova dimensão de circulação e aproximação geográfica e social aos destinos turísticos?** Tal questionamento nos guiou na construção deste ensaio.

Tendo em vista os aspectos enunciados, este ensaio foi realizado com o intuito de identificar, organizar e analisar contribuições teóricas que permitam leituras sobre

como mobilidades turísticas se desenham na contemporaneidade e como a mobilidade virtual oportuniza novas dimensões de circulação, que permite presença e ação a distância, e que de forma paradigmática rompe questões tradicionais e incide em um novo olhar para as (i) mobilidades. Discute-se, também, as viagens virtuais e em que medida elas colocam em voga a dimensão da experiência através das telas.

Para tanto, esta investigação possui teor ensaístico. Por estarmos tratando de abordagens teóricas ainda em curso, o nosso objetivo foi explorar questões gerais das mobilidades turísticas para algumas concepções particulares acerca das viagens virtuais. Notadamente, as dimensões que as caracterizam como viagem, no que abrange os contornos e questões mais tradicionais do turismo.

Quanto à forma de abordagem ao problema, realizamos um trabalho qualitativo, utilizando como principal técnica de pesquisa o levantamento bibliográfico contido em teses, livros e capítulos, e em artigos obtidos a partir de buscas nas bases: Web of Science, Scopus e Scielo. A finalidade foi a de constatar, qualitativamente, os resultados oferecidos por estas bases ao se pesquisar os termos: “mobilidade”, “turismo virtual”, “mobilidades virtuais” e “viagens virtuais”.

Vale ressaltar que, neste ensaio entende-se que sem deslocamentos físicos não teríamos turismo, ainda que o fenômeno envolva outras dimensões (DE SÁ; GASTAL, 2021). Considera-se, portanto, que a mobilidade tem concepções anteriores ao deslocamento, e pelos movimentos oriundos de tal dinâmica, se tais práticas não são Turismo, que mobilidades são estas, que escapam à regra dos conceitos disciplinares tradicionais? (ALLIS, 2016).

Norteados por tais premissas, o presente ensaio divide-se em cinco partes. Após a introdução, discutem-se os aspectos conceituais que abordam as características da mobilidade turística enquanto prática simbólica de uma materialidade fluida. Posteriormente, discute-se a mobilidade virtual como um fator de estreitamento geográfico e social aos destinos turísticos. De modo correlacionado, parte-se para a terceira seção que aborda as viagens virtuais a partir das dimensões do geográfico tangível e do simbólico e pontos onde estas se cruzam. As principais conclusões, ainda que temporárias, fecham a última seção deste ensaio.

Da Mobilidade às Mobilidades Turísticas – fios que conduzem a uma vivência experiencial fluida

As viagens contemporâneas conduzem a um interesse especial pelos quadros da estrutura da sociedade e pelos fios condutores que ligam as sociedades e as suas culturas (CATALANO, 2019). Mobilidade e Turismo se entrecruzam enquanto

caminhos de transformação espacial, econômica, social e cultural que afetam o espaço e os territórios contemporâneos (BAPTISTA; NOFRE; ROSÁRIO, 2018).

Torna-se relevante mencionar que, neste ensaio, compreende-se que Espaço e Território são categorias contínuas, onde o conceito de espaço não deve ser entendido de forma desarticulada do território, mas o território deve ser entendido como produto das relações que se estabelecem no espaço, além de desempenhar uma função decisiva na estruturação de uma totalidade, de uma lógica, de um sistema (LÉFEBVRE, 1976). Deste modo, a compreensão do Território extrapola a conceituação pelos limites meramente físico-terrestres e alcança uma perspectiva Haesbertiana (HAESBART, 2010) de um território que envolve dimensões simbólicas, culturais, atribuídas pelos grupos sociais sobre o espaço em que vivem. E nisso inclui concepções que abarcam os espaços e os “territórios móveis” tendo em vista a fluidez proporcionadas pelos novos fluxos.

Nessa perspectiva, a dimensão espaço-tempo tem sido repensada em uma conjuntura que coreografa tanto as mobilidades cotidianas quanto turísticas, como novos movimentos de corporeidade, físicos, imaginativos, virtuais e comunicativos como uma (re) configuração social e material dos mundos (HALDRUP, 2010). Uma materialidade que tem sido cada vez mais líquida, fluida, em que as práticas turísticas já não cabem num espaço demarcado por uma rigidez geográfica - normalmente representado pelo destino turístico evidente.

Pelas lentes das mobilidades, o turismo é analisado não como um aspecto efêmero da vida social que é praticado fora da vida normal e cotidiana, mas como parte integrante de processos mais amplos que são constitutivos dessa vida cotidiana (COLES; HALL, 2006; HANNAM; BUTLER; PARIS, 2014). Logo, não é somente a experiência no destino (final) que socialmente se conjuga uma prática turística, mas o movimento centrado-ampliado nas relações pessoais e de sociabilidade constitutivas dessa experiência, e nisso inclui, também, a expectativa antes, durante e depois da viagem. Ser “turista” independe dessa “geografia territorial” que por vezes está atrelada a uma rigidez conceitual do termo, e é possível sê-lo no seu próprio entorno, ou quiçá da sua própria casa, tal como enuncia Gale (2008).

Tais menções reverberam nos espaços sociais distintos ou ancoragens que orquestram formas de vida social e cultural para além de um destino turístico (HANNAM; BUTLER; PARIS, 2014). São vivências e atividades que se dão nas estações, aeroportos, hotéis, estradas, complexos de lazer, praias, galerias, parques à beira da estrada e assim por diante. De modo específico aos aeroportos, Huang *et al.* (2018) os analisaram como espaços de liminaridade que não servem apenas como parte do que uma infraestrutura turística, mas como um microdestino em que as pessoas desejam conhecer, estabelecem relações sociais e culturais de familiarização

com o espaço, relações de trabalho, ou mesmo como um espaço de vivência turística onde o tempo e o espaço se tornam fluidos.

Em que pese tais colocações, a mobilidade turística é, portanto, condicional, relacional, e a vivência experiencial, mediada pelas muitas formas de mover-se, é líquida e fluida. O homem também se faz turista ao percorrer o caminho, assim como um rio ao ir cruzando com a solidez das rochas vai se encaixando, passando, se adaptando às novas paisagens (RIBEIRO, 2017).

Logo, a natureza experiencial nos diferentes modos de viagem coloca em voga o habitar em movimento “*dwelling-in-motion*” (HANNAM; BUTLER; PARIS, 2014; SHELLER; URRY, 2006; HANNAM; ROY 2013), nos quais independem se esse ‘lugar de habitação’ é fixo ou móvel, se essa presença é física ou móvel. Os lugares reais não são necessariamente fixos, são dinâmicos e podem ser móveis dentro de uma complexa rede de agentes humanos e não - humanos que põe os lugares em movimento (LIMA; SILVA; TORINI, 2019), compreendendo que tais experiências são determinadas pelos fluxos de um contexto que engloba um espaço – por vezes – transitório e suas respectivas conexões.

O avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), intensificados com a globalização dos fluxos ganha novos contornos na pós-modernidade e cada vez mais contribui com a diluição da relação tempo e espaço contraído, e, conseqüentemente, reverberou em novas formas de mobilidade.

Tendo em vista os aspectos enunciados, as dimensões de circulações passam, inclusive, a se dar nos espaços virtuais (ALLIS; MORAES; SHELLER, 2020), a medida em que os equipamentos tecnológicos intermediam essas novas relações com o espaço permitindo que as pessoas vivam estilos de vida e consumo "geograficamente independentes", e que cada vez mais sejam "livres para viver onde quiserem e viajar tanto quanto quiserem", através de formas de viagens virtuais e imaginativas. O turismo, portanto, flui através de uma vivência social móvel.

Mobilidade Virtual – estreitamento geográfico e social aos destinos turísticos?

No bojo das discussões que abarcam os sistemas complexos das mobilidades múltiplas, encontra-se a mobilidade virtual. Esta pode ser representada enquanto prática que envolve a dimensão de circulação em tempo real proporcionados pelas tecnologias que diluem as distâncias geográficas (URRY, 2007) numa perspectiva de reprodução da habitabilidade entre o real e o virtual. Tal prática se dá por meio da realização de tarefas que antes requeriam deslocamento físico, apenas acessando

dispositivos conectados à internet, como é o caso de pagamento de contas, transferência de valores, escolha de destinos turísticos, reserva de hotéis, organização e seleção de pacotes turísticos, dentre outros (TAUFER, 2020).

É importante evidenciar que, embora exista um debate acerca do turismo realizado de forma digital, optou-se por não incluir este ponto nesta discussão, uma vez que a literatura indica para maior emprego da abordagem das mobilidades virtuais ao invés de digitais. O que resulta, na prática, abordar mais sobre turismo virtual e não o digital.

A ubiquidade tecnológica tem sido um fator chave na transformação da sociedade contemporânea e deu origem a uma cultura em que as pessoas dependem cada vez mais de tecnologias para manter a sua estrutura social, complementar o trabalho e orientar muitos outros comportamentos promulgados no dia a dia (SIGALA, 2018). As fronteiras territoriais são cruzadas pela virtualidade. Deste modo, se faz necessário compreender a dimensão da mobilidade no que abrange o virtual e as possibilidades de aproximação geográfica e social entre sujeitos e os destinos turísticos a partir da formação de novos espaços.

O espaço, enquanto objeto de estudo da Geografia, é o conjunto entre os sistemas de objetos e ações em que a história acontece, produzido pelas relações sociais, de produção e por uma configuração territorial (SANTOS, 2012). Esta configuração territorial se dá em oposição à primeira natureza e à valorização da natureza antropizada, que hoje vem sendo substituída pela natureza artificial e seus objetos mecanizados, técnicos e cibernéticos e ações cada vez mais artificializadas que se colocam à disposição das forças sociais mais poderosas, gerando exclusão.

Nessa perspectiva, o desenvolvimento tecnológico promulgado nos últimos 60 anos reconfigurou e mobilizou o conceito de espaço em si, trazendo à tona o ciberespaço e onde os espaços virtuais são configurados com base no interesse humano ao invés de proximidade física (HANNAM; BUTLER; PARIS, 2014). É, portanto, baseado na continuidade deste espaço físico para um espaço virtual, imagético, que o ciberespaço ganha destaque. Neste espaço, a tecnologia é capaz de transcender as barreiras de tempo e de comunicação, ampliando assim as possibilidades de visitação e imersão dos turistas nos destinos (GOMES; ARAÚJO, 2012). O realce desse território cibernético é, também, vinculado ao cotidiano das pessoas, e transforma a mobilidade numa produção social online (DE SÁ; GASTAL, 2021), onde o espaço virtual desterritorializa e cria novos territórios.

Ainda que a realização de viagens se trate de um processo que ocorre com grande intensidade, é historicamente muito recente o acesso de grande parte da população mundial a um conjunto de meios de deslocamentos que mudaram

profundamente o modo de nos movermos em contextos territoriais “desconhecidos” (BAPTISTA; NOFRE; ROSÁRIO, 2018). Não só a mobilidade por via aérea se generalizou, como também os deslocamentos nas cidades ou em destinos turísticos foram simplificados pela disponibilidade de informação nas plataformas virtuais, as quais podem ofertar o mapeamento dos destinos, ofertar informações de pontos de lazer, atrativos turísticos, informações gastronômicas e hoteleiras, além da possibilidade de uma experiência mais aproximada através dos guias interativos. Tais ferramentas são importantes para otimizar a gestão das informações turísticas, especialmente ligadas à decisão de compra do serviço.

Parte das pessoas agora estão viajando pela internet e com a internet (MOLZ, 2006), buscam satisfazer seu desejo de experiência, tanto na hiper-realidade quanto na interação dentro do turismo (GAO *et al.*, 2022), o mundo digital está presente no cotidiano turístico, pois parte das experiências turísticas já são virtuais (MURA; TAVAKOLI; SHARIF, 2017) e isto se desdobra em uma perspectiva que põe em voga as práticas de um Turismo Virtual.

O turismo virtual é um tipo de turismo cujo objetivo é potencializar as experiências turísticas promovidas no ciberespaço e atua como acelerador para a (re) produção dos destinos turísticos virtuais, de espaços e experiências turísticas (MURA; TAVAKOLI; SHARIF, 2017; BECK, RAINOLDI; EGGER, 2019). Os objetos dos ambientes presentes no turismo virtual e seus locais projetados são originados por computadores (GAO *et. al.*, 2022) e seus principais elementos: visualização, imersão e interatividade (GUTTENTAG, 2010) criam experiências virtuais que replicam a realidade dos destinos turísticos, bem como de suas atrações, sem o turista mover-se do seu local geográfico.

Tais práticas, utilizam-se, principalmente, da realidade virtual e aumentada para recriar o ambiente, através de modelos simulados (3D) de lugares reais ou imaginários, permitindo uma imersão por entre os territórios virtuais (BECK; RAINOLDI; EGGER, 2019), possibilitando que turistas, através da tecnologia virtual, experimentem destinos e atrações muito próximo do real (GAO *et. al.*, 2022).

Mura, Tavakoli e Sharif (2017, p.148) instigam a uma definição de turismo virtual que “contemple a existência de realidades ou mundos alternativos (digitais e não digitais) nos quais os turistas podem viajar sem seus corpos”. É um tipo de prática que desafia a dimensão temporal ao contestar a ideia tradicional de que o turismo é uma fuga temporal e temporária do trabalho e das rotinas da vida cotidiana. Ademais, o turismo virtual pode complementar outras formas de fazer turismo ao invés de substituir integralmente os padrões corporais de mobilidade (MURA; TAVAKOLI; SHARIF, 2017).

No que tange ao virtual, como fator de aproximação geográfica e social à destinos turísticos, é importante refletir sobre como o auxílio da tecnologia pode contribuir com indivíduos – por vezes – privados de realizarem deslocamentos por motivos de mobilidade física e/ou econômica, no que tange os custos gerados por uma visitação, pela distância do local a que se quer visitar, ou locais inóspitos, frágeis, perigosos e até que não mais existentes (GUTTENTAG, 2010), entre outros aspectos que demarcam processos de (i)mobilidade.

Neste contexto, a tecnologia se apresenta como uma opção para redução da exclusão no campo do turismo, especialmente por meio do uso da realidade virtual, que aliada a outros recursos disponibilizados permitem o acesso a experiências de mobilidade sem a necessidade de deslocamento corpóreo. Isso ocorre, por exemplo, nos casos de experiência de “visitas” ou “deslocamentos” por meio de ferramentas como o Google Maps - Street View e o Google Art & Culture utilizado para visitasões a museus, que oferecem vistas panorâmicas de 360°, permitindo que as pessoas “se movimentem” por esses espaços (LIMA; SILVA; TORINI, 2019).

A imersão nos espaços museológicos permite que seus visitantes percorram corredores e conheçam obras de arte sem o deslocamento corpóreo, sendo possível, por exemplo, conhecer o Museu do Louvre em Paris, a Pinacoteca de São Paulo, o Museu Nacional de Antropologia da cidade do México, entre outros. As referidas visitasões virtuais democratizam a possibilidade de viajar e contribuem no acesso de experiências para determinados grupos (MURA; TAVAKOLI; SHARIF, 2017).

Por meio da disponibilização dos recursos virtuais é possível, por exemplo, que idosos em asilos possam ultrapassar as barreiras das dificuldades de mobilidades impostas devido à idade avançada, e possam “visitar” vários destinos ao redor do mundo (FIOCCO *et al.*, 2021) e assim, fazer com que se sintam incluídos na prática do turismo, preenchendo algumas de suas necessidades e até mesmo reduzindo sintomas de depressão. Também possibilita que pessoas com dificuldade de acesso decorrentes de limitação motora ou deficiência física possam ter a experiência e a possibilidade de realizar as visitasões virtuais, contornando as barreiras tradicionais e vivenciando experiências de viagens dinâmicas e interativas (GUTTENTAG, 2010).

A mundo virtual permite, ainda, que pessoas acessem locais remotos, frágeis, como por exemplo, as Cavernas Mogão na China, ou até mesmo motivados pela própria realidade financeira e social (TAVAKOLI; MURA, 2015), uma vez que o custo com o deslocamento torna inviável a visitação por determinados grupos e ressaltam a necessidade de outro tipo de mobilidade para realizar tal visitação. Outra contribuição que a realidade virtual gera são as possibilidades de minimização dos impactos gerados pelas visitas presenciais em espaços mais frágeis, como em unidades de

conservação, patrimônios históricos e em reservas biológicas, evitando modificações no ambiente causadas pelas ações antrópicas.

Apesar de tais menções, o território cibernético transforma a mobilidade numa produção social online, e como característica, carrega desigualdades e está, também, submetido a relações de poder (DE SÁ; GASTAL, 2021). Afinal, nem todos possuem a mesma disponibilidade de acesso à internet e encontram-se no “fosso digital” (FRITZ, 2012) ou como designaram Pearce e Gretzel (2012): alguns locais podem ser identificados como zonas mortas de tecnologia. Essa falta de acesso expõe uma realidade desigual, de privilégio. Relação explicada por Bauman (2009) como uma lógica do consumismo e resposta aos desafios que são impostos aos indivíduos.

Deste modo, as mobilidades tanto corpóreas quanto as virtuais, podem ser vistas como manifestações de poder, uma vez que os recursos tecnológicos que mobilizam a apropriação do espaço cibernético, tais como *smartphones*, *laptops*, *tablets*, *internet*, não são acessíveis a todos. Logo, numa sociedade de consumo, a mobilidade figura como um bem de consumo. O modo de produção e consumo determina quem viaja, e o desenvolvimento tecnológico, como fazê-lo. Todavia, dependendo desse “poder” econômico e social que o indivíduo detém e está inserido, as mobilidades assumem distintos significados (LIMA; SILVA; TORINI, 2019).

Ademais, os sujeitos criam suas mobilidades virtuais, o que em outros termos, leva como decorrência à novas representações das relações sociais na sua forma tradicional e presencial, gerando novas formas de experienciar as destinações turísticas. Kounavis, Kasimati e Zamani (2012) colocam em voga a desvantagem dessa viagem em mundos virtuais, uma vez que estas não permitem que as pessoas desenvolvam relações dentro do real e, em vez disso, requer imersão total em um ambiente simulado.

O aumento da popularidade e da quantidade de tempo de lazer gasto explorando o mundo virtual, coloca em voga os chamados por alguns autores como “destinos digitais” e substitutos para experiências de viagem corpórea, trazendo à tona o que pode ser pensado como turismo de realidade virtual dentro desses espaços digitais (HANNAM; BUTLER; PARIS, 2014). Em sugestão, Gale (2008) enuncia que devido à sobreposição entre turismo virtual (dentro de mundos virtuais) e formas físicas de turismo, os mundos virtuais poderiam ser vistos como um tipo de espaço “turístico temático”.

Para tanto, a mobilidade virtual reverbera em práticas de turismo virtual. Todavia, ainda que tal termo apresente controvérsias para uma ampla comunidade acadêmica, é importante refletir sobre essas mudanças no fazer turismo sem a

necessidade do deslocamento nas formas tradicionais que envolvem o deslocamento corpóreo.

Viagens Virtuais – onde o geográfico tangível e o simbólico se cruzam

A análise do fenômeno turístico, sob a perspectiva da mobilidade, abarca diversas discussões e propõe uma reflexão sobre as possibilidades de realização do Turismo. Em virtude da pandemia causada pelo vírus SARS-Cov-2, popularmente difundido como COVID-19, e do *lockdown*¹ imposto por recomendação das autoridades, observou-se a necessidade de encontrar outras maneiras de realizar as atividades que, até então, eram realizadas de maneira presencial: encontro com familiares e amigos, trabalho, estudos e atividades de lazer. A reprodução da vida no ciberespaço encontrou notoriedade e acelerou um processo de mudança que já havia começado, mas que poderia levar mais alguns anos para acontecer da maneira como ocorre, acelerando também a digitalidade e virtualidade do turismo.

A viagem é um deslocamento concreto no espaço, produzido a partir do imaginário do viajante e nesta perspectiva, se desdobra em uma nova possibilidade de interpretação: a do deslocamento/viagem/mobilidade imaginária (FERRARA, 2002). É, também, a materialização da transformação no sujeito (TAUFER, 2020), que está fundamentada no desejo (PERAZZOLO; SANTOS; FERREIRA, 2013) e no simbólico (FERRARA, 2002). Em razão disso, a viagem se estabelece na interpretação entre o espaço e o tempo, que possibilita a reinterpretação entre o geográfico tangível e o virtual. Assim, a possibilidade de um espaço virtual, num deslocamento virtual torna possível que se pense em viagens virtuais em toda abrangência do termo, conforme explica Figueiredo (2009). Podem as viagens virtuais serem efetivamente consideradas viagens?

Na perspectiva de Gomes e Araújo (2012) o turismo virtual passa a ser uma subdivisão do pós-turismo, em que o ambiente artificial é formado pela realidade virtual dentro da perspectiva de vivência no ciberespaço. Hannam, Butler e Paris (2014), por sua vez, também consideram as viagens virtuais e imaginativas. Uma dimensão relacional que evidencia as discussões sobre o conceito de espaço em si e as múltiplas des-re-territorializações temporais destes. Os espaços virtuais são, portanto, configurados com base no interesse humano ao invés de proximidade física.

¹ No Brasil o lockdown no período pandêmico não ocorreu como em outros países. Houve restrições de circulação, assim como de viagens nacionais e internacionais, bloqueios entre fronteiras, mas que não corresponderam a um isolamento total da população, apenas parcial e privilegiado por algumas classes sociais.

As proximidades físicas dão espaço ao imaginário do sonhar uma destinação turística, seja através dos livros, imagens, formas imaginativas de viajar, e até dos sons, como os *podcasts* tão popularizados atualmente. Vários lugares do mundo convergem tendo seus destinos transformados em ícones, onde o real recua para o virtual transcender (ONFRAY, 1959).

As viagens virtuais utilizam telas, que são comparadas às janelas, e promovem uma sensação de imersão na experiência vivenciada através da interação (TORI; KIRNER, 2006). O virtual, para a filosofia não é o oposto do real, mas, do atual; um pensamento relacionado à desterritorialização do “aqui” e do “agora” (LÉVY, 1996) que possibilita transcender o ponto de partida e o ponto de chegada, uma vez que ele existe em diversos espaços simultâneos e ocasiona o rompimento de limites. Diante deste exposto, uma vez que o virtual não se opõe ao real, é pertinente elucubrar que a viagem virtual também faz parte da realidade e por isso, pode ser considerada como uma maneira concreta de fazer turismo.

Embora sejam capazes de distingui-la de forma clara, a experiência virtual da real, as emoções vivenciadas no espaço virtual também podem proporcionar o sentimento de vinculação com o local visitado virtualmente, ainda que não seja de forma completa, pois geram o desejo de conhecer o destino turístico de forma real. Assim, pode-se inferir que o turismo virtual é validado enquanto prática turística devido a essa subjetividade vivenciada em oposição à experiência em si (VASCONCELOS, 2018).

Mas, conforme exposto por Book (2003), por mais comprometidas que estejam, experiências adquiridas em mundos virtuais não substituem as experiências em atrações da viagem “real”. Ramkissoon e Uysal (2011) destacam que o virtual nunca poderá ser um lugar autêntico, pois a autenticidade é um fator chave na motivação do turista, intenção, comportamento e na imagem do destino. Onde as formas virtuais de se fazer turismo são consideradas pouco autênticas do que a experiências de viagens reais (MURA; TAVAKOLI; SHARIF, 2017).

Em contrapartida, considerando que o deslocamento, a imagem e o conhecer são virtuais e imediatos e por isso, a diversão também se torna virtual. Através da internet, pessoas que não teriam condições de conhecer determinados lugares ganham a possibilidade de viver a experiência destes locais sem sair de casa (DE GREEF; MORRIS; INKPEN, 2016; TAVAKOLI; MURA, 2015), portanto, as viagens virtuais se tornam possíveis.

A viagem virtual proporciona conhecimento acerca dos destinos, aproxima – mesmo que digitalmente – turistas e residentes, através de um contato prévio se assim desejar, e instiga a vontade de realizar tal deslocamento ao destino turístico.

Ainda que tais menções sejam positivas, cabe ressaltar que a convergência do turismo e da tecnologia e a hibridização dos espaços virtuais e físicos exacerbaram ainda mais a exclusão de um grande número de pessoas. Para além da exclusão por falta de acesso – já mencionada –, com a hibridização do espaço estes indivíduos também são excluídos das formas fundamentais de compreensão e vivência dos locais em que habitam ou que desejariam conhecer (FRITH, 2012). Allis (2010) menciona que os contatos virtuais reforçam o valor do que não pode ser experimentado eletrônica ou digitalmente, logo, o atrativo de um espaço urbano não é vivido integralmente, pois a viagem ou visitação real proporcionam aos visitantes um contato mais intenso com o destino, através de suas experiências de deslocamento.

Deste modo, sem negar a possibilidade das viagens virtuais, cabe, no entanto, relacionar que existe uma dimensão da experiência turística que é um processo sistemático de conhecimento e aprendizagem obtido a partir das vivências e suas práticas (TAUFER, 2020). Tais experiências são constituídas nos momentos vividos, anteriores ou posteriores à viagem, que podem ocorrer à parte do lugar cotidiano (PANOSSO NETTO, 2005). A qualidade da experiência é determinada pela disposição e pela intensidade da emoção do viajante em vivenciar aquele momento (FIGUEIREDO, 2009).

Face ao exposto, é necessário que se coloque em tela o conceito de telepresença, visto que a percepção de presença é subjetiva. Segundo Slater e Usoh (1993), a telepresença se caracteriza pela eliminação do pensamento de que se está em um espaço diferente daquele em que seus corpos estão materialmente localizados. Esta presença tem um envolvimento remoto, proporcionada pelo uso dos dispositivos digitais e até mesmo, pela mente humana, como é o caso da imaginação (MOURÃO, 2021; ZHAO, 2003). Desta forma, pode-se inferir que a telepresença está relacionada à percepção. Davidoff (1993) explica que a percepção é composta pelas sensações recebidas e processadas que criam a consciência do indivíduo e do ambiente; é o processo que permite que o homem entre em contato com a realidade.

Assim, partindo destes conceitos apresentados, as viagens virtuais, a telepresença, a percepção e a realidade encontram pontos comuns entre si. Porém, é importante destacar que embora as viagens virtuais sejam possíveis, elas possuem limitações, principalmente, no campo sensorial, dada a incapacidade de geração de estímulos ligados aos sentidos humanos: tato, olfato, a temperatura e paladar, ou seja, tem-se uma experiência incompleta, pois a captação da realidade é incompleta (RODRIGUES, 1997).

A existência de viagens virtuais torna possível o conceito de turismo sem território trabalhado por Cruz (2001). Para a autora, este tipo de turismo é deslocado de seu entorno, independentemente do território que está inserido, e a única forma

disso acontecer seria por meio das viagens virtuais. Assim, tal como enuncia Ianni (2001), as fronteiras imaginárias e virtuais são criadas e equilibram os pontos territoriais e torna o mundo um território de todo mundo. Todavia, têm-se a ciência de que, no mundo contemporâneo, a realização de deslocamentos, mesmo que virtual, ainda não é possível a uma grande parte da população.

Conclusões de uma abordagem em curso

Este ensaio considerou apresentar um panorama teórico sobre como a distância geográfica e social dos destinos turísticos podem ser transcendidos pela mobilidade virtual, apresentando questões transversais ao evidenciar que o modo de se mover com a finalidade de praticar turismo é relacional, condicional, espacial, temporal e envolvem combinações complexas de movimentos que nem sempre são e serão lineares.

A própria definição e composição da atividade turística implica em refletir sobre os conceitos de espaço geográfico, visto que é sobre ele que o turismo se desenvolve, e do território, que devido à seletividade turística espacial produz o território turístico. Espaço e Território já não são categorizados por uma geografia “estática”, e passam a ser compreendidos pelos simbolismos implícitos ou explícitos próprios do cotidiano, do particular e do vivido que se dão, inclusive, no espaço cibernético.

À medida em que o movimento dos indivíduos se torna independente das questões geográficas, outras formas de mobilidade se tornam necessárias para superar os contornos tradicionais do turismo. Deste modo, percebe-se que a dimensão transversal das mobilidades passa a ser considerada na medida em que ela atinge distintos aspectos da existência humana: física e mental, individual e social; local, regional e global etc. Em virtude dessa compreensão, percebeu-se que nos trabalhos revisados para a composição do ensaio, os autores estabelecem uma clara relação entre a mobilidade e o turismo, em que a busca pelas mobilidades turísticas é categorizada como lente para proporcionar leituras dos movimentos dos sujeitos ao realizar práticas turísticas.

No que tange o turismo virtual, fica evidenciado que as viagens virtuais aproximam os sujeitos dos destinos. E, por vezes, é a alternativa mais viável para concretização de uma visita, sobretudo, para sujeitos privados pela mobilidade corpórea, econômica, social e cultural. Apesar disso, a dimensão da experiência turística real-tangível-experiencial, que é obtida a partir das vivências no destino "real", ainda é uma discussão sem um contorno definido no turismo, visto que não se pode negar a importância dos laços sociais e espaciais desenvolvidos nas viagens presenciais.

De modo conclusivo, é digno de registro a percepção de Bauman (2001, p.16) quando afirmou que “quando a distância percorrida numa unidade de tempo passou a depender da tecnologia, de meios artificiais de transporte, todos os limites à velocidade do movimento, existentes ou herdados, poderiam em princípio, ser transgredidos”. Tais percepções são assumidas no mover-se virtual, onde tempo e espaço se conectam, e alude a um reconhecimento de que as viagens virtuais, a telepresença, a percepção e a realidade encontram pontos comuns entre si.

Deste modo, no que tange a mobilidade virtual como fator de aproximação geográfica dos destinos turísticos, fica claro que os meios tecnológicos possibilitam acessar um destino onde não se teria a disponibilidade para conhecer por meio da mobilidade corpórea. Esta realidade foi intensificada na pandemia da Covid-19 onde as pessoas passaram a se refugiar no virtual para realizarem práticas de lazer e turismo. Houve um *boom* de *tours virtuais* que permitiram aos imobilizados conhecer visualmente diversos espaços no mundo. Todavia, esse tipo de experiência do e no espaço cibernético não alcança a dimensão da experiência completa, uma vez que não envolve os cinco sentidos.

Tais reflexões colocam a vivência turística contemporânea representada em movimento. Deste modo, no campo da pesquisa científica, as metodologias móveis acrescentam ao repertório de técnicas de coleta de dados e ajudam a dar vida ao entendimento das mobilidades turísticas (ADEY *et al.*, 2014). Portanto, tornam-se relevantes metodologias móveis, não necessariamente para “capturar”, mas para acompanhar a vida social-turística em movimento, e a (des) ordem do fluido e da imersão (des) territorializada da vida. E é dentro deste espaço de análise que este ensaio pode contribuir fornecendo uma compreensão acerca da mobilidade virtual e seus desdobramentos turísticos.

Referências

ADEY, P.; BISSELL, D.; HANNAM, K.; MERRIMAN, P.; SHELLER, M. **The Routledge handbook of mobilities**. 1. Ed. London: Routledge, 2014.

ALLIS, T. Experiências de mobilidade turística no espaço público urbano. In: PANOSSO NETTO, P.; GAETA, C.; (org). **Turismo de experiência**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010, 255-274.

ALLIS, T. Em busca das mobilidades turísticas. **Plural**, São Paulo, v. 23, n. 2, 94-117, 2016. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2016.125112>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/125112>. Acesso em 14 out. 2021.

ALLIS, T.; FRAGA, C. Mobilidades turísticas e hospitalidade urbana: Análise bibliográfica a partir de publicações de turismo no Brasil. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, v. 26, 155-165, 2016. DOI: <https://doi.org/10.34624/rtd.v0i26>.

10787. Disponível em: <https://proa.ua.pt/index.php/rtd/article/view/10787>. Acesso em: 16 out. 2021

ALLIS, T.; DOS SANTOS MORAES, C. M.; SHELLER, M. Revisitando as mobilidades turísticas. **Revista Turismo em Análise**, v. 31, n. 2, 271-295, 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcso.2016.12511>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/173696>. Acesso em: 18 out. 2021.

BAPTISTA, L. V.; NOFRE, J.; JORGE, M. do R. Mobilidade, Cidade e Turismo: pistas para analisar as transformações em curso no centro histórico de Lisboa. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, p. 14-32, 2018. DOI: 10.21747/08723419/soctem2018a1. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/4957>. Acesso em: 02 dez. 2021

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução, Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BAUMAN, Z. **Vida Líquida**. Ed. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BECK, J.; RAINOLDI, M.; EGGER, R. Virtual reality in tourism: a state-of-the-art-review. **Tourism Review**, v. 74, n. 3, 586-612, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1108/TR-03-2017-0049>. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/TR-03-2017-0049/full/html>. Acesso em 01 nov. 2021.

BOOK, B. Traveling through cyberspace: tourism and photography in virtual worlds. **Conference Tourism & Photography: Still Visions. Changing Lives in Sheffield**, 20-23, 2003. DOI: <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.538182>. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=538182. Acesso em 02 dez. 2021

BUSCHER, M.; URRY, J. Mobile methods and the empirical. **European journal of social theory**. v. 12, n. 1, 99-116, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1177/13684310080996>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1368431008099642>. Acesso em: 12 out. 2021

BUSCHER, M.; URRY, J.; WITCHGER, K. **Mobile Methods**. London: Routledge. 2011.

CANTON, K. **Temas da Arte Contemporânea: Tempo e Memória**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CATALANO, B. Movilidad turística e integración: teoría y métodos para su abordaje. Quid 16: **Revista del Área de Estudios Urbanos**, n. 11, 259-280, 2019. Disponível em: <https://publicaciones sociales.uba.ar/index.php/quid16/article/view/2752>. Acesso em 12 out. 2021

COOPER, C.; HALL, M.; TRIGO, L. G. G. **Turismo Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Campus, 2011.

CRESSWELL, T. **On the Move: Mobility in the Modern Western World**. New York: Routledge, 2006.

- CRUZ, R. de C. A. da. **Política de turismo e território**. São Paulo: Contexto, 2001.
- DAVIDOFF, L. L. **Introdução à psicologia**. São Paulo: McGraw – Hill do Brasil, 1993.
- DE GREEF, L.; MORRIS, M. R.; INKPEN, K. TeleTourist: Immersive telepresence tourism for mobility-restricted participants. In: **Proceedings of the 19th ACM Conference on Computer Supported Cooperative Work and Social Computing Companion**. San Francisco, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1145/2818052.2869082>. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1145/2818052.2869082>. Acesso em 01 nov. 2021.
- DE SÁ, F. Z.; DE ARAÚJO GASTAL, S. Turismo, Mobilidade e Pós-Modernidade: Interrelações Iniciais. **International Journal of Safety and Security in Tourism/Hospitality**, v. 22, n. 4, 2021. Disponível em: https://www.palermo.edu/Archivos_content/2021/negocios/ijsssth/04-Susana-Gastal-y-Zaltro-de-Sa.pdf. Acesso em: 25 out. 2021.
- EDENSOR, T. Mundane mobilities, performances and spaces of tourism. **Social & Cultural Geography**, v. 8, n. 2, 199-215, 2007. DOI:10.1080/14649360701360089. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14649360701360089>. Acesso em: 03 out. 2022.
- FALCÃO, M. J. B. Tempo de arte: a espessura necessária para experiências subjetivas. **Educação & Tecnologia**. Belo Horizonte, v. 19, n. 2, 40-46, 2015. Disponível em: <http://seer.dppg.cefetmg.br>. Acesso em 28 nov. 2021.
- FERRARA, L. d'A. O turismo dos deslocamentos virtuais. In: CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. de C. A. da; YÁZIGI, E. (Org.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. Ed. 3. São Paulo: Hucitec, 2002.
- FIGUEIREDO, S. L. Turismo Virtual? In: PANOSSO NETTO, A.; ANSARAH, M. G. dos R.; CANTON, A. M. (Ed.). **Segmentação do mercado turístico: estudos, produtos e perspectivas**. Barueri, SP: Manole, 2009.
- FIOCCO, A. J.; MILLETT, G.; D'AMICO, D.; KRIEGER, L.; SIVASHANKAR, Y.; LEE, S. H.; LACHMAN, R. Virtual tourism for older adults living in residential care: A mixed-methods study. **Plos one**, v. 16, n. 5, e0250761, 2021. DOI:10.1371/journal.pone.0250761. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0250761>. Acesso em: 17 out. 2021.
- GALE, T. The end of tourism, or endings in tourism. In: BURNS, P. M.; NOVELLI, M. **Tourism and mobilities: local-global connections**. Oxfordshire: CABI International, 2008, 1-14. DOI: doi.org/10.1079/9781845934040.0001 Disponível em: <http://sherekashmir.informaticspublishing.com/744/1/9781845934040.pdf#page=27>. Acesso em: 05 nov. 2021.
- GAO, B. W.; ZHU, C.; SONG, H.; DEMPSEY, I. M. B. Interpreting the perceptions of authenticity in virtual reality tourism through postmodernist approach. **Inf Technol Tourism**, 24, 31–55, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1007/s40558-022-00221-0>.

Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s40558-022-00221-0>. Acesso em: 30 nov. 2021.

GOSSLING, S.; COHEN, S.; HIBBERT, J. F. Tourism as connectedness. **Current Issues in Tourism**, v. 21, n. 14, 1586-1600, 2018. DOI:10.1080/13683500.2016.1157142. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13683500.2016.1157142>. Acesso em: 27 nov. 2021

GUTTENTAG, D. A. Virtual reality: applications and implications for tourism. **Tour Manage**, v. 30, n. 5, 637-651. 2010. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2009.07.003>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0261517709001332?via%3Di> hub. Acesso em: 27 nov. 2021.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

HALDRUP, M. Choreographies of leisure mobilities. In: **Mobile methods**. Routledge, 2010.

HANNAM, K.; SHELLER, M.; URRY, J. Mobilities, Immobilities and Moorings. **Mobilities**, v. 1, n. 1, 1-22, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1080/17450100500489189>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17450100500489189>. Acesso em 12 out. 2021.

HANNAM, K.; ROY, S. Cultural tourism and the mobilities paradigm. **The Routledge Handbook of Cultural Tourism**, 167-173, 2013.

HANNAM, K.; BUTLER, G.; PARIS, Cody Morris. Developments and key issues in tourism mobilities. **Annals of Tourism Research**, n. 44, 171-185, 2014. Disponível em:

HUANG, W. J.; XIAO, H.; WANG, S. Airports as a liminal space. **Annals of Tourism Research**, 70, 1-13, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.annals.2018.02.003>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S016073831300131X>. Acesso em: 19 out. 2021.

IANNI, O. **Teorias da globalização**. Ed. 9. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

KOUNAVIS, C. D.; KASIMATI, A. E.; ZAMANI, Efraxia D. Enhancing the Tourism Experience through Mobile Augmented Reality: Challenges and Prospects. **International Journal of Engineering Business Management**, 2012. DOI: <https://doi.org/10.5772/51644>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.5772/51644>. Acesso em: 03 nov. 2021.

LEFEBVRE, H. **Espacio y Política**. Barcelona: Península. 1976.

LÉVY, P. **O Que É Virtual?**. São Paulo: Editora 34, 1996.

LIMA, M. C.; SILVA, C. C. dos S.; TORINI, D. M. Métodos Móveis no Contexto do Paradigma das Novas Mobilidades. **Revista Eletrônica de Negócios Internacionais**, v. 14, n. 2, 145-160, 2019. DOI: <https://doi.org/10.18568/internext.v14i2.533>. Disponível em: <https://internext.espm.br/internext/article/view/533>. Acesso em 16 nov. 2021.

MURA, P.; TAVAKOLI, R.; SHARIF, Saeed Pahlevan. Authentic but not too much': exploring perceptions of authenticity of virtual tourism. **Information Technology & Tourism**, v. 17, n. 2, 1-15, 2017. DOI: 10.1007/s40558-016-0059-y. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s40558-016-0059-y>. Acesso em 17 nov. 2021.

MOLZ, J. G. 'Watch us Wander': Mobile Surveillance and the Surveillance of Mobility. **Environment and Planning A: Economy and Space**, v. 38, n. 2, 377-393, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1068/a37275>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1068/a37275>. Acesso em: 07 nov. 2021.

MOURÃO, T. B. **Telepresença e percepção: limitações e potencialidades da visita virtual ao Centro Histórico de Ouro Preto**. 2021. Universidade Federal de Brasília, Centro de Excelência em Turismo, Brasília, 2021. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/28759/1/2021_ThalysonBarbozaMourao_tcc.pdf. Acesso em: 17 out 2021.

ONFRAY, M. **Teoria da viagem: poética da geografia**. Porto Alegre, RS: L&PM, Edição eletrônica: S. Bacamarte, 1959.

PANOSSO NETTO, A. **Filosofia do turismo: teoria e epistemologia**. Aleph, 2005.

PEARCE, P. L.; GRETZEL, U. Tourism in technology dead zones: Documenting experiential dimensions. **International Journal of Tourism Sciences**, v. 12, n. 2, 1-20, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1080/15980634.2012.11434656>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15980634.2012.11434656>. Acesso em: 26 out. 2021.

PERAZZOLO, O. A.; SANTOS, M. M. C. Dos; PEREIRA, S. (2013). O acolhimento – ou hospitalidade turística – como interface possível entre o universal e o local no contexto da mundialização. **Pasos Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**. v. 11, n. 1, 45-55, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=88125588004>. Acesso em: 17 nov. 2021.

RAMKISSOON, H.; UYSAL, M. S. The effects of perceived authenticity, information search behaviour, motivation, and destinations imagery on cultural behavioural intentions of tourists. **Current Issues in Tourism**, v. 14, n. 6, 537-562, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1080/13683500.2010.493607>.

RIBEIRO, M. S. Turismo em tempos de modernidade líquida. **Revista Latino-Americana de Turismologia**, v. 3, n. 2, 8-23, 2017. DOI: <https://doi.org/10.34019/2448-198X.2017.v3.10046>. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/rlaturismologia/article/view/10046>. Acesso em 05 nov. 2021.

RODRIGUES, A. A. B. **Turismo e espaço**: rumo a um conhecimento transdisciplinar. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, M. **A natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SÁNCHEZ, F. **A reinvenção das cidades para um mercado mundial**. Chapecó: Argos, 2010.

SHELLER, M. **Mobility Justice**: The Politics of Movement in the Age of Extremes. London: Verso, 2018.

SHELLER, M.; URRY, J. The new mobilities paradigm. **Environment and Planning A**, v. 38, n. 2, 207-226, 2006. DOI:10.1068/a37268. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1068/a37268>. Acesso em: 04 dez. 2021

SIGALA, M. New technologies in tourism: From multi-disciplinary to anti-disciplinary advances and trajectories. **Tourism management perspectives**, v. 25, 151-155, 2018. DOI: 10.1016/j.tmp.2017.12.003. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S2211973617301435?via%3Di> hub. Acesso em: 04 dez. 2021.

SLATER, M.; USOH, M. Representations Systems, Perceptual Position, And Presence In Virtual Environments. **Presence: Teleoperators And Virtual Environments**, 2(3), 221- 233, 1993. DOI: <https://doi.org/10.1162/pres.1993.2.3.221>. Disponível em: <https://direct.mit.edu/pvar/article-abstract/2/3/221/58839/Representations-Systems-Perceptual-Position-and?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 05 dez. 2021.

TAUFER, L. **Turismo, Realidade Virtual e Experiência Turística**: Aproximações Reflexivas. Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2020. DOI: <https://doi.org/10.18226/21789061.v11i4p908>.

TAVAKOLI, R.; MURA, P. 'Journeys in Second Life' - Iranian Muslim women's behaviour in virtual tourist destinations. **Tourism Management**, v. 46, 398-407, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2014.07.015>.

TORI, R.; KIRNER, C. Fundamentos da realidade virtual. In: TORI, Romero; KIRNER, Claudio; Siscoutto, Robson. **Fundamentos e Tecnologia de Realidade Virtual e Aumentada**. Editora SBC: Porto Alegre, 2006.

URRY, J. **Mobilities**. Cambridge: Polity Press, 2007.

ZHAO, S. Toward a Taxonomy of Copresence. **Presence: Teleoperators and Virtual Environments**. v. 12, n. 5, 445-455. Cambridge: MIT Press, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1162/105474603322761261>. Disponível em: <https://direct.mit.edu/pvar/article-abstract/12/5/445/58924/Toward-a-Taxonomy-of-Copresence?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 30 out. 2021.

CAPÍTULO 2

Mobilidade e hospitalidade em eventos: para além do movimento dos corpos

Lorena Cunha de Sena

Luciana Resende Borges

Davi Alysson da Cruz Andrade

Introdução

A mobilidade tem sido objeto de atenção entre os diversos aspectos do turismo e demais segmentos que envolvem movimento de corpos. Diante desse cenário, elegeu-se aprofundar os estudos sobre a mobilidade em eventos no ambiente remoto.

No contexto da pandemia da Covid-19, observou-se uma expansão significativa de eventos remotos em períodos de isolamento social e restrições sanitárias. Considerando os anos de 2020 e 2021, percebeu-se que as pesquisas têm se centrado nos impactos dos eventos nos destinos e a influência que os mesmos constroem nos participantes, organizadores, promotores e prestadores de serviços.

O trabalho buscou discorrer sobre a mobilidade, hospitalidade e os eventos. Levando em conta as relações entre eles e a importância de cada um no contexto geral. Considerando que a hospitalidade virtual em eventos, vista pelas lentes das mobilidades, é capaz de evidenciar aquilo que se move para além dos corpos, tais como sentimentos, emoções, imaginários e comunicações virtuais diversas.

Assim, o capítulo apresenta os principais resultados sobre a investigação realizada a partir da edição do Seminário Anptur 2021, evento promovido pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo.

Mobilidades, hospitalidade e evento virtual

No contexto das novas mobilidades, intitulado e proposto por John Urry, se faz evidente a associação ao incremento das tecnologias de transporte e de comunicação, com a desmaterialização das conexões decorrente do surgimento de novos equipamentos tecnológicos tais como telefones celulares, *ipods*, *laptops*, *tablets*, *smartphones*, *ereader*, drones, *smartwatches* e demais dispositivos, entre outros (URRY, 2007).

Fruto do aumento da convergência entre transportes e comunicação, que impacta sobre a redefinição da relação espaço-tempo, implicando em novas combinações de presença e ausência na sociedade. Nesta conjuntura, Sheller e Urry (2005) atestam que todos os lugares estão interligados em redes de conexões que ultrapassam qualquer tipo de fronteira.

A mobilidade virtual pode ser vista como fonte de *status* e de poder. Quanto maior for o acesso a recursos tecnológicos tais como *smartphones*, *laptops*, *tablets*, maior será o *networking* dos indivíduos (SHELLER e URRY, 2005). Enquanto empresários, executivos, professores, estudantes, artistas e atletas ganham repercussão global, encenam a descrição do turista, proposta por Bauman (1999), os refugiados se convertem no que o autor nomeia de refugio humano. Cabe destacar que em uma sociedade de consumo, a mobilidade figura como um bem de consumo; assim sendo, dependendo da classe social que o indivíduo está inserido, a mobilidade pode assumir distintos significados (BAUMAN, 1999). Logo, em uma sociedade de consumo, a relação entre o capital de mobilidade e a liberdade para escolher onde estar, é que estratifica seus membros (BAUMAN, 1999, p.94). Isso equipara-se a afirmar que apesar da revolução tecnológica, seja no âmbito do transporte ou da informação, a mobilidade tem o poder de reforçar os contatos e vínculos sociais.

As mobilidades são fenômenos de base que explicam não somente o aumento exponencial do turismo nos últimos anos, como as possibilidades do contato com o desconhecido e a importância da hospitalidade nessas relações.

Com isso, a hipermobilidade tornou o contato com o estrangeiro tão comum, e, conseqüentemente, a hospitalidade tão necessária à hipermobilidade, se tornando importante para o encontro com o desconhecido para estabelecer as relações de trocas e por vezes, de vínculos sociais.

As relações entre mobilidade e hospitalidade também estão presentes nos ambientes virtuais, momentos em que a hospitalidade virtual se faz cada vez mais necessária. A cada dia os avanços tecnológicos se expandem fazendo com que a população de uma forma geral, se exponha aos ambientes e recursos virtuais. Salvo as questões sociais limitantes de não acesso a tecnologias pela população.

A sociedade evoluiu do sedentarismo para uma crescente mobilidade. Tal crescimento da mobilidade traz a hospitalidade para um campo privilegiado dando foco ao bem receber. Camargo (2019, p. 13) aponta que “receber e ser bem recebido passam a ser competências essenciais em tempos de mobilidade”.

No que tange a hospitalidade, Santos (2014) destaca

“tem-se a hospitalidade, constituindo-se em objeto de estudo sob múltiplas lentes analíticas, as quais, no entanto, longe de serem excludentes, apenas traduzem o intrincado de suas múltiplas dimensões e a riqueza interpretativa a que ela conduz, E assim podemos nos permitir incursões em tempos e espaços da filosofia, da antropologia, da psicologia, da comunicação, entre outros, e aí vê-la relacionada a concepções e práticas sociais, educativas, comunicacionais, jurídicas, culturais, turísticas” [...] (SANTOS; BAPTISTA, 2014, p. 13-14).

A hospitalidade pode ser analisada por meio das lentes de diversas áreas do conhecimento, o que permite um compartilhamento de visões, percepções, objetivos, saberes e fazeres como substratos para fortalecer relacionamentos, por meio do estreitamento dos laços sociais permeados por uma comunicação efetiva. Os laços sociais são permitidos até mesmo em eventos virtuais quando os contatos físicos são inexistentes, mas possibilitam na condição virtual o contato à distância. O estudo da hospitalidade, ultrapassando os limites das relações comerciais e de consumo, a partir de uma perspectiva mais ampla, que abrange o conjunto de valores, modelos e ações presentes em todas as circunstâncias do fazer humano relacionado ao ato de acolher pessoas (OLIVEIRA, SANTOS, 2010).

No sentido de uma melhor compreensão, a hospitalidade vem sendo objeto de diferentes abordagens filosóficas e epistemológicas, que refletem no universo conceitual inerente à cada uma delas.

O estudo da hospitalidade nos espaços virtuais traz à reflexão, dentre outros aspectos, sobre o acolhimento humano e o toque personalizado dos serviços, pois as pessoas possuem necessidades únicas, desejos e processos cognitivos diferentes, transcendendo apenas a qualidade dos serviços, exigindo cuidado, credibilidade, informações claras em tempo hábil (SOARES, 2013).

Uma realidade que conduz os conceitos de hospitalidade para o centro das questões de políticas públicas das cidades e espaços que recebem turistas e/ou moradores, participantes de eventos, amenizando possíveis desconfortos com o desconhecido ou momentos de exclusão. Visto que o afastamento do cotidiano, de casa, quando nos movimentamos, nos obriga a necessitar da hospitalidade alheia e recursos para o bem-estar físico e mental.

No ponto de vista dos eventos virtuais, a hospitalidade, em suas distintas perspectivas, apresenta relação com a mobilidade e a receptividade das pessoas. Com isso se compreende que a hospitalidade acontece e se desenvolve por meio das relações entre duas ou mais pessoas, anfitriões e visitantes. Principalmente ao considerar que o setor da hospitalidade e os seus profissionais envolvem todo o

sistema turístico, além de empresas e organizações que acolhem os habitantes da própria cidade (CAMARGO, 2002).

O evento gera um ponto de encontro, permitindo, durante a sua realização, a relação entre os participantes, entre si e com os anfitriões. A partir desse contato, se faz relevante considerar os aspectos tangíveis e intangíveis, os retornos, aprendizados, conhecimentos resultantes desse encontro. Os atores de cada papel (anfitrião e hóspede), se valem de ritos, de acordo com seus costumes e tradições, para moderar o relacionamento de forma positiva (hospitalidade) ou negativa (hostilidade) (CAMARGO, 2019).

Os eventos são acontecimentos que remontam desde a antiguidade, presentes nas manifestações religiosas, culturais e esportivas, acompanhando as transformações da sociedade com a globalização e os avanços da tecnologia. Neste estudo entende-se o evento como experiência turística, especialmente como local de trocas, de relações humanas, possibilitando cenas hospitaleiras.

Os eventos virtuais também fazem parte da possibilidade de um processo em movimento da transposição da realidade presencial para a virtual (não vista como absoluta) em decorrência das mudanças ocorridas na sociedade ao longo dos tempos, da globalização, dos avanços nas tecnologias e no crescente aumento das mobilidades virtuais. A inovação tecnológica se mostra presente nos ambientes de experiência turística, lazer e profissional, bem como nos eventos virtuais. Fato que se mostrou evidenciado com a pandemia do COVID-19.

Os espaços virtuais podem trazer implicações para a sociedade em geral. Filimonau, Ashton e Stankov (2022), apontam as perspectivas futuras para os espaços virtuais de eventos, destacando que precisam ser mais colaborativos e mais produtivos, com foco nas experiências, além de fazer uso de tecnologia de alta performance. Yung e Le (2022) destacam a importância de pesquisar os eventos virtuais com a abertura da possibilidade de realização de desse tipo.

O bem receber é característico das modalidades virtuais de acesso e a hospitalidade virtual uma forma moderna de receber bem. Levando em consideração a hospitalidade como um modelo operativo cujos “traços” estruturais são bem identificados e cujas características são fortemente variáveis, compreendidas sob o ângulo da reciprocidade (GOTMAN, 2004).

Nos estudos de Camargo (2004) sobre os tempos e espaços da hospitalidade humana, a dimensão virtual é destacada como um dos espaços da hospitalidade. Para o autor, “nada é mais sinônimo de hospitalidade do que o ato de acolher pessoas que batem à porta seja em casa, na cidade, no hotel ou virtualmente” (CAMARGO, 2004, p. 52). O desenvolvimento das tecnologias de comunicação contribuiu com os novos

usos desses espaços virtuais. A pandemia de Covid-19 abriu portas, levando anfitriões e convidados a se encontrarem nesses novos espaços, evidenciando a importância da hospitalidade virtual no cotidiano das pessoas.

Praticar a hospitalidade virtual requer cuidados com o outro. Os processos de alteridade se evidenciam, pois, muitas vezes, o primeiro contato com o serviço ofertado é por meio virtual e a hospitalidade já se revela nesse contato inicial, abrindo expectativas e emoções positivas, na tentativa de evitar hostilidades e fricções.

Assim, de imediato, as facilidades de acesso aos ambientes virtuais, por meio de plataformas se tornam práticas de hospitalidade virtual nos eventos ou em qualquer encontro online. O retorno das solicitações virtuais materializa a humanização do processo virtual como ação de hospitalidade. Cabe a indagação para as futuras condutas nas relações sociais: essa resposta ou retorno de solicitações se tornaria uma incondicionalidade da hospitalidade virtual?

Outra vertente a ser abordada com a crescente mobilidade virtual e a necessidade da hospitalidade nesse ambiente é indicada por Derrida (1997) com a invasão da tecnologia no cotidiano das pessoas, transformando a realidade da sociedade. Para o autor, a tecnologia invade a casa, transforma o cotidiano das pessoas e o inimigo virtual está mais propenso ao contato. As pessoas podem se tornar xenofóbicas virtuais, afetando a auto hospitalidade e colocando em evidência as práticas incondicionais da hospitalidade. Vale ressaltar, que a atitude relutante não é destinada ao indivíduo, e sim, ao meio digital exacerbado, ao poderio tecnológico não utilizado a contento.

As mobilidades, os eventos e a hospitalidade virtual vão além dos supostos xenofobismos mencionados, podendo estabelecer benefícios cada vez mais evidentes na sociedade, sem excluir a importância dos contatos presenciais entre os indivíduos. Os aspectos considerados aqui contemplam as relações que envolvem pessoas e ambientes diferentes para a possibilidade de abertura de investigações em futuros estudos, por se tratar de fenômenos multidimensionais e dinâmicos, que sofrem alterações constantes na sociedade.

As mobilidades sem o tradicional face a face adquirem relevância para a compreensão de um mundo na centralidade da vida em movimento de uma sociedade em redes. Viaja-se sem sair do lugar, nos lugares imaginários virtuais, com as mobilidades comunicativas e virtuais, para além dos corpos, e ainda assim, promovendo aproximação.

Os fenômenos se entrelaçam, por vezes em situações operacionais, cabe o esforço para abrir horizontes, analisar situações em que estão presentes a fim de dar ênfase no interesse a ser desvendado, para assim, contribuir com novas possibilidades

interpretativas. A hospitalidade adquire um sentido mais amplo e fluido no espaço virtual como geradora de um convívio social.

Para Krippendorf (1989) as pessoas viajam porque não suportam a qualidade da sua vida cotidiana. O isolamento provocado pela pandemia de Covid-19 obrigou as pessoas a suportarem mais o cotidiano e adiarem viagens tradicionais. Por outro lado, foi possível participar de shows, conhecer museus, (re)encontrar amigos e desconhecidos no espaço virtual. A sala de estar, o escritório, a cozinha eram apresentados e visitados virtualmente.

As viagens virtuais evoluíram com a ajuda de simuladores, inteligência artificial e realidade aumentada. Um possível turismo virtual ganhou mais ferramentas e adeptos.

Se Krippendorf (1989) recomenda viajar sempre para o mesmo lugar e para mais perto, de forma a criar laços com o local, hoje podemos criar laços com pessoas e lugares viajando pelo espaço virtual e para lugares cada vez mais distantes. Da mesma forma ocorreu com os eventos, que passaram a ser virtuais.

Procedimentos metodológicos e análise empírica

A opção metodológica para este estudo foi a qualitativa, aliada ao estudo de caso de um evento, com técnicas de observação participante e análise de conteúdo. Assim, conseguimos relacionar os fenômenos sociais, aliando as teorias e as práticas. Para tanto, foi adaptada a observação participante comumente aplicada às observações presenciais à realidade do evento digital. Na observação participante o pesquisador “não é apenas um espectador do fato que está sendo estudado, ele se coloca na posição e ao nível dos outros elementos humanos que compõem o fenômeno a ser observado” (RICHARDSON *et al.*, 2007, p. 261), o que possibilita compreender com mais clareza e profundidade a realidade que observa.

A análise de conteúdo busca compreender melhor um discurso, aprofundar suas características gramaticais, fonológicas, cognitivas e ideológicas e extrair os momentos mais importantes (RICHARDSON *et al.*, 2007). Essa técnica se aplica à análise de textos escritos ou de qualquer comunicação (oral, visual, gestual). A organização da análise de conteúdo envolve três fases: pré-análise, exploração do material, também chamada de descrição analítica e análise e interpretação dos resultados (CHIZZOTTI, 2001).

Tomando como pressuposto que a pesquisa qualitativa se preocupa fundamentalmente em conhecer a realidade pela perspectiva dos sujeitos

participantes. Nessa pesquisa o processo de coleta de dados se deu simultaneamente à análise, em todas as fases do evento: pré-evento, trans-evento e pós-evento.

Com frequência as pesquisas em eventos visam dentre outros aspectos: avaliar o evento, traçar o perfil do público participante, identificar as expectativas de viagens e sobre o evento.

Atendendo ao objetivo da investigação exploramos o evento acadêmico XVIII Seminário Anptur, realizado virtualmente no ano de 2021. Para tanto os pesquisadores participaram do evento guiados por um formulário de observação participante, como diário de bordo da pesquisa. Foi considerado um movimento virtual ao participar do evento, experimentando a facilidade das tecnologias para reunir pesquisadores através das sensações de estar em um evento virtual.

O *corpus* para a análise de conteúdo compreende nas mensagens publicadas em redes sociais e e-mails enviados pela organização do evento aos participantes nas fases de pré-evento, trans-evento e pós-evento.

Büscher e Veloso (2018) exploraram os chamados métodos móveis em sua relação com o novo paradigma das mobilidades e com o papel central do movimento na produção de realidades. Os autores difundiram a compreensão sobre as mobilidades em seus aspectos sociais, políticos, epistemológicos e emocionais. Os exemplos estão agrupados em torno de eixos temáticos: mover-se e tornar-se, mover-se e o movimento, mover-se e comover-se e, por último, mover-se por impulso.

Desta forma, com o evento no formato digital o participante se move pela plataforma digital escolhida pela organização do evento, os encontros e as trocas hospitalares - e as inhospitais (se existirem) - se dão através das telas, tornando-se o meio possível para as pessoas moverem-se e comoverem-se em durante a pandemia.

Corroborando com o aspecto da comoção, os estudos de Clément e Sanger (2018) representam o crescente aumento das discussões que envolvem os sentimentos na mobilidade, que são tão presentes nos estudos e nas práticas da hospitalidade e dos eventos. Assim, evidenciamos aspectos sociais e emocionais e uma proposta epistemológica para uma compreensão possível da mobilidade pensada por meio da hospitalidade nos eventos digitais.

A análise do evento pesquisado

O Seminário Anptur é um evento promovido pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo. Evento de grande porte e abrangência internacional. Em 2021, alcançou sua 18ª edição, com a temática “Resiliência e

enfrentamento de crises no turismo”. O tema se alinha à situação que o turismo e setores interligados vêm enfrentando desde o início da pandemia. Os grupos de trabalho foram analisados e ampliados, baseando-se nas discussões e indicações dos participantes mediante pesquisas de satisfação.

Historicamente o Seminário é realizado em formato presencial, porém, os empecilhos sanitários impostos pela pandemia do Covid-19, no ano de 2020 foi realizado pela primeira vez em ambiente virtual, no mês de dezembro. Em razão das condições impostas pela pandemia e do lento avanço da vacinação, a Diretoria Executiva da ANPTUR, considerando as implicações de um evento presencial ainda em 2021, decidiu realizar o Seminário mais uma vez em ambiente virtual. Diante do exposto o evento ocorreu no período de 22 a 24 de setembro de 2021, em formato totalmente virtual. A entidade destacou a intenção de realizar um evento mais interativo, visando aproximar os participantes, a comissão organizadora e os palestrantes, mesmo que fisicamente distantes. Com esse intuito foram realizadas atividades ao longo do ano, que antecederam o evento principal.

O público-alvo do evento é formado por pesquisadores da área de Turismo e Hospitalidade, além de áreas afins. O objetivo maior do evento é a difusão de conhecimentos entre os participantes contribuindo para o desenvolvimento teórico e prático do turismo e seus campos de interfaces. Além de incentivar a entrada de graduados nos Programas de Pós-Graduação associados (ANPTUR, 2021).

A Anptur reúne as instituições brasileiras que mantêm Programas de Mestrado e/ou Doutorado em Turismo, Hospitalidade, Hotelaria, Lazer ou áreas afins, representando os seus interesses, especialmente no que concerne à formulação da política educacional de educação e pesquisa, ao estabelecimento de objetivos e padrões de excelência educacional, e à captação de recursos e incentivos para o desenvolvimento da pesquisa e do ensino de pós-graduação em Turismo no Brasil (ANPTUR, 2021).

Para condução da observação participante foi necessária a inscrição dos pesquisadores no evento e a participação nos espaços virtuais do evento. Com a finalidade de direcionar as observações foi utilizado o formulário de observação participante para eventos em ambiente virtual, tomando como base estudos anteriores que concebem análises em eventos digitais, a fim de pautar as anotações pertinentes à pesquisa, bem como informações adicionais que porventura surgirem ao longo da atividade (Quadro 1).

Quadro 1: Formulário de observação participante para eventos em ambiente virtual

Pré-evento				Trans-evento				Pós-evento			
<i>Itens</i>	<i>E</i>	<i>B</i>	<i>R</i>	<i>Itens</i>	<i>E</i>	<i>B</i>	<i>R</i>	<i>Itens</i>	<i>E</i>	<i>B</i>	<i>R</i>
comunicação				comunicação				comunicação			
recursos tecnológicos				recursos tecnológicos				recursos tecnológicos			
recursos humanos				recursos humanos				recursos humanos			
cerimonial				cerimonial				-			
entretenimento				entretenimento				entretenimento			
hospitalidade				hospitalidade				hospitalidade			
informações adicionais				informações adicionais				informações adicionais			

Fonte: Elaborado por Borges (2021), adaptado de Borges (2020)

O evento se dividiu em alguns momentos específicos de acordo com sua programação oficial disponibilizada previamente aos participantes. Palestras, *workshops* e consórcio doutoral no pré-evento; no trans-evento: abertura, conferências, palestras, grupos de trabalhos, lançamento de livros, atividades sociais, encerramento e pós-evento.

Portanto, a análise se divide em três momentos: o pré-evento, trans-evento e o pós-evento. Os itens analisados nessa fase da pesquisa empírica foram: comunicação com os participantes; recursos tecnológicos; recursos humanos; cerimonial; entretenimento; hospitalidade; informações adicionais. Com gradação avaliativa simplificada variando entre excelente (E), bom (B) e ruim (R).

Vale ressaltar que o contexto que envolve o local do evento em que foi realizado se restringe ao ambiente virtual, excluindo assim, observações de itens analíticos quanto ao local, como especificidades de condições físicas e adequadas para a realização do evento e da utilização de equipamentos turísticos, característicos de eventos presenciais. Diante dessa consideração, segue a análise do evento pesquisado.

A comunicação com os participantes nos três momentos do evento se deu de forma intensa, utilizando recursos digitais, inicialmente para confirmação de inscrição e orientação de acessos ao evento.

Os recursos tecnológicos para o acesso às salas do evento se deram de duas maneiras, uma via plataforma digital de acesso ao evento e outra via links disponibilizados pela organização para o acesso às salas simultâneas, ficando a critério

dos participantes escolherem o que desejavam assistir de acordo com seus interesses temáticos de estudos. Ressalta-se que a diversidade de abordagens temáticas envolvendo o turismo, foi satisfatória.

Esse processo da mobilidade entre as salas simultâneas permitiu acesso às diversas temáticas, não restringindo o participante a exclusividade de uma escolha isolada, considerada uma forma propositiva de bem receber e difundir o conhecimento.

Os recursos humanos também se aliaram aos recursos tecnológicos no quesito suporte técnico aos participantes durante todo evento. No caso dos eventos que ocorrem em ambiente virtuais, o auxílio aos acessos do evento é considerado essencial devido ao não nivelamento tecnológico do indivíduo e particularidades de cada pessoa.

Diante disso, a formação, a qualificação e a capacitação profissional dos trabalhadores do evento se torna fundamental, junto à disponibilidade hospitaleira de receber bem, ajudar, cuidar das necessidades do outro com as premissas da alteridade. Os recursos humanos são agentes de hospitalidade. Contatou-se no evento o auxílio imediato para o acesso às atividades, fazendo com que os interessados se sentissem pertencentes a aquele momento de participação, causando bem-estar e amenizando as possíveis dificuldades no encontro com o desconhecido.

Ainda nesse quesito vale ressaltar a presença de tradução simultânea nas palestras internacionais que corroboram com as iniciativas propositivas de aliar valores humanos e tecnológicos para o vínculo social no evento.

Pode ser observado uma condução do cerimonial do evento por intermédio de mestre de cerimônias nos momentos mais protocolares do evento, como abertura, encerramento e palestras. A condução dos mediadores dos grupos de trabalho simultâneos também se deu com a intenção de acolher os pesquisadores que apresentariam seus trabalhos e os ouvintes.

O entretenimento foi previsto a partir do planejamento de salas destinadas a confraternização. Com *links* de acesso previamente disponibilizados na programação do evento. Os inscritos possuíam livre acesso às salas denominadas Café com Prosa que simulavam o momento da pausa para o café nos eventos presenciais, nos intervalos das atividades. Acredita-se na tentativa de aproximar as pessoas, com conversas informais, aproximando as práticas do virtual ao presencial, promovendo a interação e fortalecimento da rede de contatos entre os participantes do evento.

Outro momento semelhante ficava destinado ao *happy hour* no final do dia, com mesma dinâmica de acesso e denominação Boteco Anptur, enfatizando a confraternização e o entretenimento.

Durante o “Café com Prosa”, a organização do evento destinou um momento para incluir lançamentos de livros nesses intervalos. Dando oportunidades aos autores exporem suas obras com apresentações sucintas e interações com os participantes. Os lançamentos foram previamente combinados e divulgados nas mídias sociais do evento.

Quando se observa o evento sob o prisma dos conceitos de hospitalidade percebe-se uma tratativa propositiva nos quesitos que permeiam o cuidado com o participante para que ele seja bem recebido, corroborando com a necessidade de aumentar a hospitalidade sobretudo quando a mobilidade é crescente, em sintonia com as proposições de Camargo (2021) sobre a necessidade de ser bem recebido em uma sociedade de mobilidade crescente.

Isso ocorre porque quanto maior a possibilidade de mover-se, seja de forma presencial ou digital, maior a expectativa e a necessidade de ser bem recebido na chegada e de ter as necessidades supridas na estada, as expectativas superadas, as emoções vivenciadas e as trocas realizadas.

Ainda nos preceitos da hospitalidade, pode ser destacada uma atividade realizada no pré-evento, a distribuição de canecas e camisetas personalizadas com a logomarca do evento para os palestrantes, coordenadores de grupos de trabalho e comissão organizadora do evento, conforme divulgado nas mídias sociais, caracterizando um ato de divulgação do evento, motivacional, incentivando a participação e o desejo daqueles produtos, promovendo mais um vínculo entre os participantes.

Para além do apelo mercadológico, as canecas também materializam práticas da hospitalidade virtual no evento, enfatizando como a mobilidade pode expressar aquilo que se move para além dos corpos, aliando a mobilidade virtual, despertando sentimentos e emoções.

Já as atividades no pós-evento foram a disponibilidade de certificados digitais aos participantes, ficha de avaliação do evento para análises da organização e divulgação dos resultados dessas avaliações. Esta última, apresentada nas mídias sociais do evento. Todas estas ações realizadas no ambiente virtual.

De uma forma geral, a realização do evento de forma virtual teve uma boa avaliação pelos pesquisadores, tendo como propensão indicações futuras de

participação. Algumas considerações foram vistas pelos pesquisadores no ato da observação participante, em especial nos momentos de entretenimento.

O Seminário adotou a plataforma *zoom* para interação entre comissão organizadora e palestrantes. E o *Youtube* para transmissão da programação, de forma que atendesse simultaneamente palestrantes, grupos de trabalho, pesquisadores e estudantes. A programação constava de mesas redondas, espaços das entidades, *workshops*, assembleia geral extraordinária, consórcio doutoral, conferências, café com prosa, mesa de encerramento, encontro de editores de periódicos científicos, além de atividades de entretenimento.

Dentre as considerações podem ser destacados, pedidos para que o evento se transformasse em híbrido para facilitar o acesso a quem tem dificuldade de se locomover ao evento presencial, dando oportunidade de escolha aos participantes aderirem ao formato desejado. E a sugestão de apenas uma plataforma de acesso às salas para unificar e facilitar o entendimento digital, visto algumas limitações tecnológicas de acesso dos indivíduos.

Observar o evento de forma ampla direciona a análise de conteúdo que se restringe ao corpo de análise das interações digitais via e-mails e mídias sociais. Diante destas considerações, a observação do participante permitiu um olhar holístico do evento analisado, possibilitando interpretações do evento em ambiente virtual sob as lentes da mobilidade e da hospitalidade.

No Quadro 2 destacam-se as principais interpretações da análise empírica aliada às discussões teóricas com a utilização de termos chave da pesquisa. A aplicação executada durante o período de realização do evento, tomou como base a avaliação do evento no que tange à mobilidade e hospitalidade na modalidade virtual.

Quadro 2: Síntese da interpretação teórica-empírica

EVENTO	MOBILIDADE	HOSPITALIDADE
Presencial - virtual	Presencial - virtual	Presencial - virtual
Expansão eventos	Crescente mobilidade	Aumenta necessidade de hospitalidade
Ausência de tecnologia	Fricções	Hostilidade
Inovações	Sentimentos e emoções	Bem receber, amenizar desconhecido, pertencimento, vínculo social, boas memórias

Fonte: Elaborado pelos autores.

Diante das considerações do quadro síntese de análise, pode ser visualizado um processo em movimento de transposição de ambientes presenciais para o virtual, tanto em relação aos eventos, às mobilidades e à hospitalidade. Vale ressaltar que não se considera uma justaposição, e sim, uma nova alternativa de contato que sofre influências e paradigmas sociais de avanços tecnológicos e acessos em contrapartida a limitações econômicas da sociedade.

A ausência de tecnologias em ambientes virtuais desencadeia as fricções e pode dificultar a mobilidade e evidenciar a inospitalidade ou hostilidade nos processos de trocas e relações sociais, pois sem o aparato tecnológico necessário, as relações entre anfitriões e convidados são prejudicadas ou até mesmo inexistente.

Para melhor esclarecer as fricções citadas acima, tomamos como base o trabalho do geógrafo Tim Cresswell sobre os seis componentes de mobilidade, consideradas: *força motriz, velocidade, ritmo, rota, experiência e fricção* (Cresswell, 2010). Realidade que torna possível a mobilidade no movimento físico de corpos através do espaço.

Para melhor esclarecer as fricções citadas acima, tomamos como base o trabalho do geógrafo Tim Cresswell sobre os seis componentes da mobilidade: força motriz, velocidade, ritmo, rota, experiência e fricção (CRESSWELL, 2010). Realidade que torna possível a mobilidade no movimento físico de corpos através do espaço.

Ainda nas fricções, existem disparidades sociais que acentuam a falta de acesso às tecnologias que permitem o acesso aos eventos digitais. E por outro lado, mesmo quem tem o privilégio de possuir o acesso está exposto às intempéries climáticas que prejudicam as conexões e a qualidade da internet e energia, ou ainda da tecnologia das plataformas sociais, resultando naquela inospitalidade nos eventos virtuais, sendo esse um aspecto a ser considerado em pesquisas futuras sobre a temática.

As inovações tecnológicas e sociais que refletem nos eventos influenciam sentimentos, geram emoções, se transformam em memórias, amenizando o encontro com o desconhecido e se materializando nas práticas da hospitalidade virtual. A hospitalidade se concretiza desde o primeiro contato do anfitrião (comissão organizadora) com o participante, seja através de e-mail, site, redes sociais ou qualquer outro veículo de comunicação; durante o evento com ações de interações virtuais e na fase do pós-evento mantendo a comunicação com o participante.

Conclusão

Esse estudo buscou discorrer sobre a mobilidade, a hospitalidade e os eventos a partir das observações sobre o Seminário Anptur 2021, promovido pela Associação

Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo, realizado no ambiente virtual pela segunda vez.

Ancorado nos estudos sobre a mobilidade, a hospitalidade e os eventos, para focar no objeto de análise empírica, pode-se dizer que esses campos se unem nesse trabalho para entender, sob as lentes das mobilidades, como a hospitalidade virtual se manifesta para além de corpos em um evento virtual, sendo a mobilidade tratada como fenômeno multidimensional.

O novo paradigma das mobilidades (CRESWELL, 2010; URRY, 2000, 2007) avança dos aspectos mecânicos dos transportes, para um olhar mais direcionado ao movimento dos corpos, dentre outros elementos. Neste estudo foram observados aspectos para além dos movimentos dos corpos.

Dessa forma, proporcionando abertura de possibilidades de análises sociológicas, como metáfora e como processo da vida social do indivíduo em movimento, esse novo paradigma das mobilidades permite abertura epistemológica para o entendimento de fenômenos amplos.

Assim, as vivências nas mobilidades, sejam turísticas, nos eventos e ainda imbuídas de hospitalidade, vão para além dos pensamentos de deslocamentos, expandindo para os parâmetros que envolvem expectativas, experiências, memórias, para o despertar do pertencimento ao ambiente e relações sociais entre as pessoas, seja em formato presencial ou virtual, para que assim possam se materializar as trocas e os vínculos sociais, permitindo que a hospitalidade seja praticada.

Neste contexto de ligação os estudos de Sheller e Urry (2004) fazem a passagem dos espaços de experiências turísticas (*places to play*) para os espaços em movimento (*places in play*) são aliados aos estudos de Camargo (2004, 2019, 2021) sobre a hospitalidade.

A hospitalidade se faz cada vez mais necessária em uma sociedade de mobilidades crescentes, garantindo o bem receber das pessoas, amenizando o encontro com o desconhecido, nos processos de inclusão e vínculos sociais, seja em ambiente presencial ou virtual.

Receber bem gera emoções, desperta sentimentos positivos e gera boas memórias das relações entre as pessoas, expressando aquilo que se move além de corpos, e se mostram como campo de estudo relevante nas temáticas que envolvem os eventos, as mobilidades e a hospitalidade, bem como os lugares e as experiências turísticas de uma forma geral, assim como nos estudos de Clément e Sanger (2018) sobre mobilidade e emoções.

Os espaços de experiências turísticas colocados em movimento também podem ser aludidos a espaços virtuais de mobilidades contemporâneas nas relações sociais, visto que os eventos virtuais podem ser considerados espaços móveis geradores de experiências com finalidades diversas e comumente imbuídos de hospitalidade, como observado nesse trabalho.

Dessa forma, são casos que podem ser reconhecidos como experiências turísticas, como alerta Hall (2008), sobre a importância de compreender as mobilidades pelo prisma dos indivíduos e suas atividades desempenhadas.

Com efeito, para Allis (2016) as mobilidades convergem o contato entre os lugares, eventos e pessoas por vezes utilizando as tecnologias para este alcance. São os elementos móveis e dinâmicos presentes nas relações.

As mobilidades para além do face a face estão cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas na sociedade contemporânea, a necessidade de atitudes de hospitalidade no ambiente virtual caminha paralelamente. Os fenômenos são multidimensionais e pedem uma abertura interpretativa para analisar como se expressam, nas formas operacionais, dando ênfase aos interesses de observação da pesquisa para entender a dinâmica social e contribuir com as teorias e compreender as práticas.

Pesquisas futuras podem explorar outros aspectos das relações entre mobilidade e eventos virtuais, conforme Cresswell (2010). Também podem ser considerados os aspectos intangíveis na avaliação dos participantes do evento, comparações entre diferentes tipologias de eventos e a influência das mobilidades tradicionais e virtuais no contato e no estabelecimento de vínculo entre os participantes, especialmente entre estes e os anfitriões.

Referências

ALLIS, T. Em busca das mobilidades turísticas. PLURAL, **Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v.23.2, 2016, p.94-117. 2016.

ANPTUR. **XVIII Seminário Anptur**. 2021. Disponível em <https://www.anptur.org.br/seminario/2021/>, Acesso em 10 de março de 2021

BORGES, L. R. **Saberes, acolhimento, turismo e eventos: o ciclo virtuoso para encontros mais humanizados**. Jundiaí – SP: Paco Editorial, 2020.

BÜSCHER, M.; VELOSO, L. Métodos Móveis. **Tempo Social**, 30(2), 133-151, 2018. <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2018.142258>

CAMARGO, L. O. L. As Leis da Hospitalidade. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, 15 (2), 2021.

CAMARGO, L. O. L. **Hospitalidade**. 3ª edição. São Paulo: Aleph, 2004.

CAMARGO, L. O. L. Hospitalidade, turismo e lazer. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, 13 (3), 2019.

CAMARGO, L. O. L. Turismo, hotelaria e hospitalidade. In: DIAS, Celia Maria de Moraes (org.). **Hospitalidade: reflexões e perspectivas**. Barueri: Manole, 2002.

CLÉMENT, M.; SANGER, E. (Eds). Researching emotions in international relations. **Methodological perspectives on the emotional turn**. Cambridge: Palgrave macmillan, 2018.

CRESSWELL, T. Towards a politics of mobility. **Environment and planning D: society and space**, v. 28, n. 1, p. 17-31, 2010. <https://doi.org/10.1068/d11407>

DERRIDA, J. De l'hospitalité: **Anne Dufourmantelle invite Jacques Derrida à répondre**. Paris: Calmann-Lévy, 1997.

FILIMONAU, V.; ASHTON, M.; STANKOV, U. Virtual spaces as the future of consumption in tourism, hospitality, and events. **Journal of Tourism Futures**, n. ahead-of-print, 2022.

GOTMAN, A. Introduction. In: GOTMAN, A. (Dir.). **Villes et hospitalité: les municipalités et leurs étrangers**. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 2004.

HALL, C. M. Off time and space and other things: laws of tourism and the geographies of contemporary mobilities. In: BURNS, P. M.; NOVELL, M. **Tourism and mobilities: local-global connections**. Oxfordshire: CABI International, p.15-32. 2008.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

RICHARDSON, R. J. et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

SANTOS, M. M. C. A metáfora laços sociais e a hospitalidade. In.: SANTOS, M. M. C.; BAPTISTA, I. (Org.). **Laços sociais: por uma epistemologia da hospitalidade**. Caxias do Sul: Educs, 2014.

SHELLER, M.; URRY, J. Places to play, places in play. In: **Tourism mobilities**. Routledge, 2004.

SHELLER, M.; URRY, J. The new mobilities paradigm. **Environment and planning A**, v. 38, n. 2, p. 207-226, 2006.

SOARES, C. M. P. Hospitalidade virtual: uma tentativa de compreensão. **Revista Hospitalidade**, v. X, n. 2, p. 213 - 233, dez. 2013.

URRY, J. *Sociology beyond society: Mobilities for the twenty-first century*. **Routledge**. 2000.

URRY, J. *Mobilities*. **Cambridge**, Malden: Plity, 2007. Universidade de São Paulo. Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica.

YUNG, R.; LE, T. **Conceptualising the virtual events: SP-EL Cube**. CAUTHE 2022: Shaping the Next Normal in Tourism, Hospitality and Events, 2022.

CAPÍTULO 3

Mobilidades, Atritos e Hotspots: um panorama do turismo na América do Sul

Juliane Santos Lumertz

Renan Augusto Moraes Conceição

Mobilidade, Fricção, Atrito, Calor

Quando falamos em mobilidades e em mobilidades turísticas como temas de estudo nas ciências sociais, há um consenso em posicionar os trabalhos de Mimi Sheller e John Urry como pontos de partida desse entendimento, a chamada *mobilities turn*, ou virada das mobilidades (HANNAM; BUTLER; PARIS, 2014; ALLIS, 2016; ALLIS; MORAES; SHELLER, 2020; FREIRE-MEDEIROS; LAGES, 2020). Indicando alguns pressupostos teóricos, o livro de Sheller e Urry, *Tourism Mobilities: places in play, places to play* (2004) apresenta uma coletânea de textos que apontam uma lente específica sobre as mobilidades nos estudos em turismo, rompendo com uma análise puramente estática dessa atividade. Em seguida, o artigo *The new mobilities paradigm* (SHELLER;URRY, 2006) aprofunda mais a centralidade da mobilidade e da imobilidade para o campo geral das ciências sociais, postulando a necessidade de se entender os fenômenos como elementos móveis, em um mundo cada vez mais dinâmico.

Com a centralidade do movimento, é interessante notar que muitos elementos externos às ciências sociais passam a compor essas novas abordagens. A própria noção de movimento introduz termos poucas vezes antes utilizados para os estudos da sociedade: móveis, imóveis e movimento. À semelhança de Durkheim (2007) em suas regras do método sociológico, que se apropria de conceitos da biologia, como evolução, espécie e organismo. Sheller e Urry se apropriam de um termo da física para analisar os fenômenos sociais, entre eles o turismo. Assim, mobilidade como um novo escopo quebra também com a rigidez de uma sociologia de matriz weberiana, em que há uma objetividade fixa nos estudos sociais, condições *a priori*, tipos ideais e uma neutralidade entre pesquisador e objeto de estudo (WEBER, 2001), pois se os elementos são móveis, se o novo entendimento pressupõe que há mobilidade, essa é “1) De Corpos [...]; 2) De Objetos entre produtores, consumidores e vendedores; 3) Imaginativos [...]; 4) Virtuais [...]; 5) Comunicativos [...].” (ALLIS, 2016, p. 99).

Se os elementos são móveis, não é propício analisá-los estaticamente, é preciso a elaboração de metodologias igualmente móveis: “o novo paradigma das mobilidades

sugere um conjunto de questões, teorias e metodologias em vez de uma descrição totalizante ou redutiva do mundo contemporâneo” (SHELLER; URRY, 2006, p. 210, tradução nossa). O paradigma das mobilidades adiciona aos estudos sociais noções da física, em que a ciência que estuda o movimento é a Mecânica. Essa é a origem de conceituações teóricas como a postulada por Tim Cresswell (2014) em seu *Frictions*, texto em que elabora com mais detalhes essa ideia, imbricada e, de certa forma, oculta no entendimento de mobilidade.

Façamos, então, uma abordagem mais ampla sobre os termos fricção e atrito para a física. Mossmann, Catelli, Libardi e Damo (2002) explicam que a força de atrito entre dois corpos depende da força com que esses corpos se comprimem e que não depende da área de contato entre eles e da velocidade com que esses corpos se tocam. Assim, “[...] se duas superfícies em contato apresentarem tendência a se mover uma em relação à outra, surge uma força ‘resistente’: a força de atrito” (MOSSMANN *et al*, 2002, p. 146).

Ainda de acordo com os autores, “no caso de a força aplicada não ser suficiente para colocar o corpo em movimento, a força de atrito se opõe à força aplicada e é chamada força de atrito estático” (MOSSMANN *et al*, 2002, p. 146). Por conseguinte, quando ocorre movimento após a aplicação de uma força, essa é chamada de força de atrito cinético (MOSSMANN *et al*, 2002). Em complemento, “a força de atrito cinético é sempre menor do que o da força de atrito estático e, uma vez iniciado o movimento entre duas superfícies em contato, a força de atrito cinético permaneceria constante” (MONTEIRO; MONTEIRO; GASPARGAR, 2012, p. 1123). Cresswell (2014) entende bem que o conceito de fricção da física tem relações intrínsecas com o conceito de mobilidades:

Novamente, podemos começar fazendo analogias com o(s) conceito(s) de atrito na física. O atrito estático descreve o atrito que existe entre dois corpos que não estão se movendo um em relação ao outro. Neste caso, o atrito atua para manter os dois corpos no lugar e não produz calor... O atrito cinético descreve a forma de atrito que ocorre quando duas superfícies deslizam uma contra a outra (CRESSWELL, 2014, p. 109, tradução nossa).

Cresswell (2014) também envolve o conceito de calor, resultado de uma ação de atrito. O autor afirma que as fricções das movimentações sociais resultam em *hotspots*, ou seja, pontos quentes, de disputa, como a fronteira do Afeganistão com o Paquistão ou os cordões de isolamento e pressão feitos pela polícia frente a manifestações em Londres, e o calor mesmo pode estimular o movimento (CRESSWELL, 2014).

O calor, na física, pode ser entendido como energia transferida nos processos de interação térmica entre sistemas, ou seja, energia em trânsito (BARROS, 1985).

Calor é uma forma de energia e, quanto maior a energia cinética de um corpo, mais calor ele pode fornecer (BARROS, 1985). Outra definição propícia é a de que calor é a forma de energia resultante do movimento vibratório das moléculas do corpo (ENS; LAGO, s/d). Calor, como movimento vibratório das moléculas de um corpo, pressupõe movimento, que pressupõe atrito, que pressupõe novamente o calor. Encontramos, então, elementos suficientes para uma relação de calor com temas das ciências sociais, como o turismo.

Nesse sentido, o turismo, por ser um fenômeno social e econômico, é estudado por diversas áreas, tornando-o objeto de grande complexidade, de abrangente âmbito de pesquisa e sobretudo de análise inter e multidisciplinar. Assim, enquanto fenômeno social, o turismo também apresenta essas relações de calor e de atrito.

Porém, além da simples movimentação de pessoas, o turismo também envolve a mobilidade de imagens, sentimentos e, mesmo quando a mobilidade de pessoas é abordada, as abordagens relativas a trabalhadores ou voltadas à América do Sul, por exemplo, ainda são pouco comuns. Cresswell (2014) realiza um esforço teórico importante ao trazer para o debate algo, que até então, estava sendo chamado de coágulos, bloqueios, opacidade, poderiam ser considerados efeitos de atrito.

Cresswell poderia ter se utilizado da famosa Primeira Lei de Newton, que postula que todo corpo tende a manter seu estado inicial, seja esse estado o movimento constante ou o repouso, se não for aplicado sobre ele nenhuma força externa ou se essas forças se equilibrarem. Esse postulado nos parece aqui mais uma oportunidade para se apropriar de uma teoria já bem estabelecida e relacioná-la com as mobilidades turísticas. A definição de fricções para Cresswell é, assim:

O atrito, aqui, é definido como um fenômeno social com sua própria política. Às vezes, retarda e impede a mobilidade de pessoas, coisas e ideias, e às vezes as capacita. A mobilidade é muitas vezes impossível sem atrito. O atrito faz as coisas acontecerem. Em alguns contextos, o atrito assume a forma de bloqueios e coagulações bastante literais que impedem a mobilidade de indesejáveis. Outras vezes, a fricção produz uma névoa de acaso e turbulência que torna o desejo logístico de suavidade um sonho vão (CRESSWELL, 2014, p. 114, tradução nossa).

Fricção e atrito, nas ciências sociais, são da mesma grandeza que a mobilidade. Para se mover, é preciso haver atrito. Para ocorrer movimento de corpos, objetos, imaginários e comunicações é preciso haver atrito, é preciso ocorrer alguma força de resistência, caso contrário, como na primeira das leis de Newton, esses elementos tenderão a permanecer em repouso.

O que propomos é, como Cresswell, a total centralidade das fricções para o paradigma das mobilidades. Não se trata de separar ideias que, para todos os efeitos,

são imbricadas, como se houvesse uma hierarquia: primeiro atrito, depois mobilidade. Compreendemos que os conceitos estão unidos. Colocamos em foco, no entanto, a ideia de atrito. Assim, pretendemos deixar em evidência um aspecto das mobilidades que, de forma geral, é pouco considerado. À semelhança dos estudos sobre motilidade, de Kaufmann, Bergman e Joye (2004) e Flamm e Kaufmann (2006), em que, para melhor compreensão da mobilidade, é preciso propor e desenvolver termos mais específicos como motilidade, assim é que estabelecemos a importância do atrito.

Entendendo que o atrito, para as mobilidades turísticas, é uma força de resistência, que impele, mantém ou cessa determinado objeto de se mover, podemos entender o funcionamento de certos fluxos turísticos ou fenômenos relativos a essa atividade tendo em vista principalmente as imobilidades, as desarmonias, as desavenças.

Acreditamos que é preciso propor investigações voltadas a novos pontos, diferentes percepções. Essas séries de movimentos seguidos por períodos de inércia mostram-se, em algumas análises gerais da América do Sul e dos relacionamentos entre os Estados, um ponto importante a ser entendido.

Dessa forma, buscamos jogar luz em um tema que deve ser melhor analisado, abordado com mais detalhes e abordagens inovadoras. Analisando a multiplicidade de países na América do Sul, com suas variadas realidades nacionais e enormes diferenças entre si, percebemos a importância de uma teoria que consiga fornecer conceitos propícios para essa análise ampla.

Nessa perspectiva, analisando dados publicados anualmente pela Organização Mundial do Turismo (UNWTO) em seu Barômetro, verificamos que o turismo receptivo internacional na América do Sul mantém-se em patamares relativamente modestos em comparação com outras regiões do mundo. Como entender as estatísticas? Como analisar os fluxos ou a falta deste? Parece-nos muito significativo, utilizando do grande escopo do paradigma das mobilidades, utilizar as lentes dos atritos e do calor resultante sem a obrigatoriedade de se rechaçar os outros conceitos pertinentes ao paradigma.

Da mesma forma como o calor é resultado do atrito ou mesmo causador de movimento, a América do Sul, vive, constantemente, focos de intenso calor, sejam eles crises econômicas, conflitos sociais ou instabilidades políticas, com esse calor aumentando a temperatura que, uma vez elevada, excita os átomos (os sujeitos, as sociedades), expandindo-os, empurrando-os até os limites de algo, muitas vezes extrapolando esses mesmos limites. Não há como separar essa movimentação provocada pelos pontos de calor da atividade turística no continente.

Buscamos entender um pouco mais da América do Sul, suas idiossincrasias. Desta forma, a próxima seção buscará lançar um olhar panorâmico sobre a América do Sul e se deterá no que poderíamos chamar de “corpos em atrito”, ou seja, possíveis elementos em que o movimento, no caso, o turismo, enfrenta forças opostas intensas, sendo eles: formação do território; aspectos econômicos e políticos e pactos de interação e cooperação internacional. Sendo uma abordagem macro, não iremos desenvolver análises extensas sobre cada elemento abordado, uma vez que a amplitude da região demandaria um estudo separado por países.

Integração Sul-Americana: processos históricos de integração do continente

A região denominada América do Sul corresponde à parte austral do continente americano, formada por diferentes países, climas, idiomas, tipos de vegetação e relevo. Fazem parte os seguintes países e territórios: Argentina, Aruba, Bolívia, Bonaire, Brasil, Chile, Colômbia, Curaçao, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Ilhas Malvinas, Ilhas Geórgia do Sul e Sandwich do Sul, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai e Venezuela.

Historicamente, a formação desses Estados foi realizada de forma diferenciada, baseada em diferentes povos formativos, nações colonizadoras e ações empreendidas para a definição de território, como embates, guerras e/ou negociações diplomáticas (CHINCHILLA, 2019; GARCIA, 2020; IGLESIAS, 2015; PIÑON, 2016).

Economicamente, esse subcontinente é marcado por grandes contrastes (VEIGA e RIOS; 2003). Brasil e Argentina são os maiores países da região fazendo parte do Grupo dos 20 (G20), agrupamento formado pelos ministros de finanças e chefes dos bancos centrais das 19 maiores economias do mundo e da União Europeia. Cabe ressaltar que, economicamente, o Brasil é a economia mais pujante, diversificada e forte, o que se dá tanto pelo tamanho do país em território e população, bem maior que os demais, como pela diversidade de produção econômica, ocupando, em 2022, a 10ª posição no *ranking* das maiores economias mundiais¹. No entanto, ainda persiste um nível de desigualdade social elevado e bolsões de pobreza nas cidades, nos estados e no país como um todo. Assim, como nos demais vizinhos, existem uma série de desafios (educacionais, políticos, sociais e econômicos) a serem tratados². No geral, são países produtores de *commodities* e pecuária, os quais são seus grandes produtos

1 Disponível em <https://static.poder360.com.br/2022/06/ranking-maiores-economia-2jun2022.pdf>.

2 Para uma leitura mais detalhada sobre o tema, sugerimos o trabalho intitulado "América Latina después de la crisis: los desafíos del siglo XXI", de autoria de Ricardo Lagos no livro *A América Latina no Mundo: Desenvolvimento Regional e Governança Internacional*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

de exportação. No entanto, crises econômicas eventualmente geram instabilidade econômica, levando ao enfraquecimento (BENI, 2011; BOUZAS, 2003; DRUMMOND, 2003; GARCIA-PELUFO, 2003).

Politicamente, diversas crises impactaram os governos da região e suas populações ao longo da história (TOMAZZONI, 2019). Essa fraqueza está presente ainda hoje em dia, causando atritos na região, enfraquecimento de processos de integração e tornando a região mais suscetível a pressões externas de grandes potências mundiais. Basta lembrarmos, aqui, do levante popular no Chile em 2020 e 2021, da deposição forçada de Evo Morales no ano de 2019 e posteriormente do processo eleitoral conturbado na Bolívia e Peru, entre os anos de 2020 e 2021, respectivamente.

Nos acordos de cooperação e blocos econômicos, políticos, sociais e culturais da região, parece não haver unidade. Tampouco, pode-se falar de protagonismo de um determinado país de forma geral, visto que são marcados sobretudo por avanços e retrocessos e por participação de diferentes países nos projetos, apesar de Argentina, Brasil, Chile e Colômbia aparecerem como países que mais relacionam-se politicamente por participarem de maior número dos projetos de integração da América do Sul. Traçando um histórico dos principais acordos que tiveram continuidade, temos, por ano de estabelecimento:

Quadro 1: Resumo dos projetos de integração na América do Sul

Projeto	Ano	Observação
Pacto de Não Agressão, Consulta e Arbitragem	1915	Conhecido como Pacto do ABC.
Associação Latino-Americana de Livre Comércio (ALALC)	1960	Substituído.
Associação Latino-Americana de Desenvolvimento e Intercâmbio (ALADI)	1980	Substituiu a ALALC; ainda em funcionamento e nas palavras oficiais dessa instituição, constitui-se como "o maior grupo latino-americano de integração" (ALADI, 2021).
Comunidade Andina de Nações (CAN)	1969	Segue em funcionamento.
Mercado Comum do Sul (Mercosul)	1991	Instituído pelo Tratado de Assunção em 1991; é uma organização intergovernamental caracterizada como uma união aduaneira ainda existente.
União de Nações Sul-Americanas (UNASUL)	2008	Em funcionamento, porém com força política bastante reduzida.
Aliança do Pacífico	2011	Segue em funcionamento, possuindo grupo técnico de turismo que empreende diferentes iniciativas, estudos e análises.

Fonte: dos autores (2022)

Como previamente exposto, esses processos e acordos de integração são instáveis, muitas vezes sendo utilizados na retórica, com ações reais fracas para manter uma unidade de visões, entendimento e vontades. Fazendo uma análise dos processos de integração na América do Sul, Oliveira (2015, p. 245) explica que:

A partir dos anos 2000, a América do Sul se vê dividida entre dois modelos distintos de inserção internacional: um de perfil mais endógeno, tendo os governos nacionais como seus principais promotores; e outro com características mais exógenas, em que os mercados desempenham papel de protagonistas. A chegada ao poder de uma série de líderes, por alguns considerados como progressistas, em países como Venezuela, Argentina, Brasil e Equador, deu à integração regional uma nova importância estratégica, resultando na criação de novos espaços – UNASUL, ALBA e CELAC. Nos últimos anos, no entanto, a integração sul-americana parece sofrer uma considerável desaceleração.

Socialmente, a América do Sul também apresenta debilidade e contrastes. Diferenças separam suas populações internamente, tendo, em suas capitais e maiores cidades, taxas diferenciadas de desenvolvimento, acesso à educação, índice de pobreza e nível de miséria, configurando-se como grandes problemas sociais ainda a serem enfrentados.

América do Sul e suas diferenças: o turismo como elemento de movimento?

Falar em turismo na região é um grande desafio, visto que pequena parcela da população tem acesso a essa atividade. Alguns autores têm trabalhado com o tema da mobilidade global e ressaltado o turismo como direito da humanidade e de suas liberdades de movimento (BIANCHI; STEPHENSON, 2013; SCHENKEL, 2013). Outros apontam para a questão da aeromobilidade, onde estão presentes relações de poder articuladas entre meios de transporte, sistemas de comunicação, infraestruturas tanto visíveis como invisíveis - como é o caso das rotas aéreas -, e regulação em um sistema de diferenças que determinariam certas formas de mobilidade (PIGLIA, 2018).

Na América do Sul, apesar de algumas décadas terem se passado desde a Declaração Universal dos Direitos Humanos pela Organização das Nações Unidas (1948) e da facilitação de múltiplas mobilidades, a liberdade de movimento - especialmente além das fronteiras - parecem encontrar dificuldades estruturais e econômicas, uma vez que significativa parcela de população não tem acesso ao turismo. Além disso, diante de questões econômicas e instabilidade política que levam a fluxos migratórios, sobretudo em busca de melhor qualidade de vida, alguns países tendem a endurecer políticas de passagem nas fronteiras ao mesmo tempo que as delimitações de território e sua magnitude vasta desafiam os governos, conforme apresentam Coles e Hall (2011) e Salazar (2020).

Adicionalmente, o turismo encontra o desafio do desenvolvimento em conjunto nessas regiões e as instabilidades políticas e econômicas dos governos. Além disso,

muitas vezes os países se veem como concorrentes no mercado internacional no momento de desenvolvimento de políticas conjuntas e pouco olham para os fluxos internos de turistas que compartilham – cujos índices são os mais expressivos.

Considerando dados publicados pela *United Nations World Tourism Organization* [UNWTO] (2021), em português Organização Mundial do Turismo [OMT], referentes a movimentação do ano de 2019, houve crescimento do fluxo turístico em todo o mundo de aproximadamente 4%. Porém, esse aumento foi acentuado em diferentes regiões, cabendo destacar o Oriente Médio (+ 8%) e Ásia e Pacífico e, também, Europa com crescimento de 4%. Ásia e Pacífico e Oriente Médio podem ser consideradas regiões emergentes, enquanto Europa tradicionalmente apresenta índices importantes e consolidados. Para pequenos países, muitas vezes o turismo se configura como a principal entrada de moeda estrangeiras, chegando a representar cerca de 90% do total de exportações, conforme estudo da UNWTO (2021).

A atividade turística representa a terceira maior categoria de exportação mundial, na sequência de produtos químicos (1) e combustíveis (2), e à frente de produtos automotivos (4) e alimentos (5) (UNWTO, 2021).

A América do Sul tem oscilado no número de turistas internacionais a cada ano, conforme pode ser conferido na Tabela 01: mesmo quando analisamos uma série temporal bastante distante, podemos perceber que o crescimento aguardado, dada as facilidades das viagens e novos adventos, não acompanham o aumento dos índices, os quais chegam a diminuir de um ano a outro dado diversos fatores como instabilidades econômicas internas dos países e volatilidade das moedas, a crises políticas.

Tabela 01: Índices de Turismo Internacional na América do Sul

Dado/Ano	2010	2018	2019
Chegadas de turistas internacionais (em milhões \$)	33,5	37,1	35,5
Receitas geradas por turistas internacionais (em milhões \$)	20,5	29,7	29,0

Fonte: Adaptado de UNWTO (2021).

Através dos índices de turismo internacional na América do Sul, percebe-se que o fluxo passa por pequenos crescimentos e alguns decréscimos.

Tabela 02: Índices de Turismo Internacional na América do Sul por país

Chegadas de Turistas internacionais por país de destino (em milhões)			
<i>País/Ano</i>	<i>2010</i>	<i>2018</i>	<i>2019</i>
Argentina	5,325	6,942	7,399
Aruba*	-	-	-
Bolívia	679	1,142	1,239
Bonaire	*	*	*
Brasil	5,161	6,621	6,353
Chile	2,801	5,723	4,518
Colômbia	2,385	4,020	4,154
Curaçao*	-	-	-
Equador	1,047	2,535	2,108
Guiana	152	287	315
Guiana Francesa	X	X	X
Ilhas Malvinas	-	-	-
Ilhas Geórgia do Sul e Sandwich do Sul	-	-	-
Paraguai	465	1,181	1,216
Peru	2,299	4,419	4,372
Suriname	205	X	X
Uruguai	2,349	3,469	3,056
Venezuela	526	X	X

Legenda: X dado não informado pela UNWTO | * Em seu agrupamento de países e regiões, a UNWTO conceitua esses países como Caribe | - Os dados deste país ou território não se encontram no Barômetro da UNWTO. Fonte: Adaptado de UNWTO (2021).

Para uma análise mais pontual sobre o turismo em países sul-americanos definimos expor dados daqueles que apresentam acima de 4 milhões de turistas internacionais em 2019. O recorte referente ao turismo internacional receptivo se justifica pela disponibilidade dos dados através de relatórios da UNWTO; por mostrar as dinâmicas internacionais de fluxos turísticos; e, por fim, por possibilitar uma análise em grande escala. Na sequência, serão apresentadas informações de Argentina, Brasil, Chile, Colômbia e Peru.

No Brasil, o turismo tem se mostrado de grande relevância como fator de desenvolvimento de diferentes regiões, geração de renda e empregos e melhoria de infraestrutura. No entanto, após um período de aumento, nos últimos anos o país tem apresentado estagnação. Ao se considerar o peso dos fluxos internacionais para o Brasil, há uma forte dependência dos visitantes internacionais da própria América do Sul. Cerca de 40% dos turistas internacionais que visitam o país são oriundos dos países membros do Mercosul, sendo o primeiro emissor internacional de turistas para o Brasil a Argentina (30,76%). Apresentando dados mais detalhados, temos um compilado de informações apresentadas no Anuário Estatístico de Turismo 2020, publicado pelo Ministério do Turismo (2021a), detalhando o número de turistas internacionais que visitaram o Brasil em 2019 (pré pandemia) e suas vias de ingresso (conforme Tabela 3).

Tabela 03: Turistas Internacionais no Brasil

			Vias de acesso							
			Aéreo		Terrestre		Marítima		Fluvial	
Países	Tur.Int.2018	Tur.Int.2019	2018	2019	2018	2019	2018	2019	2018	2019
Am. Sul	4.050.598	3.597.179	2.059.307	1.911.509	1.846.414	1.525.036	70.749	77.614	74.128	83.020
Argentina	2.498.483	1.954.725	1.188.295	1.006.018	1.174.960	802.184	66.105	69.012	69.123	77.511
Bolívia	126.253	132.069	49.599	62.792	76.524	69.047	70	192	60	38
Chile	387.470	391.689	373.349	372.907	13.023	16.438	1.034	2.295	64	49
Colômbia	131.596	126.595	113.810	105.799	17.437	20.354	238	362	111	80
Equador	29.374	31.040	23.731	24.756	5.582	6.206	53	68	8	10
Guiana	4.253	4.885	387	346	3.824	4.515		3	42	21
Guiana F.	13	4	10	3	3	1	X	X	X	X
Paraguai	356.897	406.526	58.067	60.686	294.562	340.811	223	251	4.045	4.778
Peru	121.326	135.880	91.416	103.811	29.464	31.648	126	175	320	246
Suriname	5.836	8.776	5.643	8.515	115	239	X	X	78	22
Uruguai	348.336	364.830	126.458	139.632	218.825	219.935	2.842	5.120	211	143
Venezuela	40.761	40.160	28.542	26244	12.095	13.658	58	136	66	122

Fonte: Adaptado de Ministério do Turismo (2021a).

Analisando informações de turismo internacional na Argentina¹ em 2019, o país apresentou aumento em relação ao ano anterior, tendo recebido 7.399.050 de turistas estrangeiros, ocupando a 48^a posição no *ranking* de turismo internacional. Os principais emissores de turismo para Argentina são seus vizinhos geográficos, tendo o fluxo oriundo do Brasil com 18,99%, do Chile com 15,66% e do Paraguai com 12,96%. É importante salientar que a Argentina recebeu mais turistas internacionais, porém menos argentinos foram ao exterior especialmente devido à desvalorização de sua moeda.

Diferentemente da Argentina, o Chile² apresentou decréscimo no número de turistas em relação aos números de 2018. Foram recebidos 4.517.962 turistas estrangeiros, em sua maioria de países da região. Ao olharmos os dados apresentados na estatística de chegadas de turistas estrangeiros formulado pela Subsecretaria de Turismo, os turistas originados nos países da América do Sul somaram 3.270.641 milhões. Os principais emissores não são somente aqueles com os quais o país divide fronteiras terrestres, tendo fluxo da Argentina na casa de 42%, do Brasil com aproximadamente 10% (e aqui parece ser importante a conectividade aérea e a distância encurtada em relação a outros países internacionais), Bolívia com cerca de 9% e Peru com aproximadamente 7%.

Nos dados publicados pelo Centro de Información Turística de Colombia (CITUR)³, uma iniciativa do Ministério de *Comercio, Industria y Turismo* da Colômbia,

1 A Argentina apresenta em seus estudos uma diferenciação diferente de países, agrupando alguns e deixando outros com seus próprios números e dividindo-os por trimestres. Para maior verificação de dados sugere-se a consulta ao site do Instituto Nacional de Estadísticas y Censos da República Argentina. Disponível em: <https://www.indec.gob.ar/indec/web/Nivel4-Tema-3-13-55>.

2 Para maiores dados, sugere-se a visita ao site da Subsecretaria de Turismo do Chile, seção Estatísticas. Disponível em: <http://www.subturismo.gob.cl/documentos/estadisticas/>.

3 COLOMBIA. MINCIT - CITUR. https://www.citur.gov.co/estadisticas/df_viajeros/all/4#gsc.tab=0.

encontramos informações mais detalhadas do que o número de Chegadas presente no barômetro da UNWTO. Segundo o estudo de *Estadísticas Nacionales - Turismo Receptor* no ano de 2019, 3.213.837 estrangeiros não residentes entraram na Colômbia, 955.206 colombianos residentes no exterior estiveram no país, e ainda somados a estes foram contabilizados 361.531 passageiros de cruzeiros internacionais na Colômbia. Analisando os dados de outro levantamento publicado no *site* desta iniciativa, o de chegadas de estrangeiros por país via aérea no ano de 2019, encontra-se o número total de 3.213.835 estrangeiros. A Tabela 04 apresenta emissores considerando apenas aqueles que obtiveram acima de 100 mil visitantes na Colômbia.

Tabela 04: Chegada de estrangeiros na Colômbia (por país emissor acima de 100 mil)

1	Estados Unidos da América	705.359
2	Venezuela	399.812
3	México	198.455
4	Peru	180.664
5	Argentina	174.807
6	Equador	159.165
7	Brasil	156.883
8	Chile	142.085
9	Panamá	129.528
10	Espanha	129.263

Fonte: Adaptado do MinCit - Citurdes.

Ao analisar-se os números presentes na Tabela 04, verifica-se que a Colômbia parece ser uma nação menos dependente de fluxos de turistas oriundos da própria América do Sul ou apenas de um país, visto que há uma diversificação de países emissores de estrangeiros. O grande fluxo aéreo da Venezuela para a Colômbia, mesmo sendo vizinhas territorialmente, o relevante número de espanhóis que ingressam via aérea pode também estar atrelado a um bom serviço de promoção exterior que a Colômbia tem realizado nos últimos anos.

Verificando os dados apresentados pelos órgãos de Turismo da Colômbia, há uma certa dificuldade para poder definir se realmente seriam relacionados a Turistas, usando a definição padrão da UNWTO. Os dados, apesar de bastante organizados, e os estudos realizados e apresentados de formas diferenciadas, deixam dúvidas se realmente está sendo medido todos os ingressos que seriam relativos a Turismo. Importante ressaltar o esforço do atual governo colombiano que está revisando sua forma de levantar e compilar os dados, refazendo sua metodologia. Talvez possa ajudar a unificar os dados em nível internacional.

Em busca de dados do Peru, deparamo-nos com uma grandiosidade de análises de Turismo realizados pela *Comisión de Promoción del Perú para la Exportación y el Turismo* - PROMPERÚ - órgão ligado ao Ministério de *Comercio Exterior y Turismo* do

Peru¹. Conforme explica a própria Comissão de Turismo, a América Latina é a região com mais emissores de turismo para o Peru. Em 2019 houve decréscimo de turistas no país quando comparado com o ano de 2018. Dados de 2018 demonstram que foram 2.626.828 chegadas de turistas internacionais originários da América do Sul no Peru. Analisando emissores da América do Sul, o Chile é o maior mercado emissor seguido por Equador (conforme dados da Tabela 05).

Tabela 05: Chegada de turistas internacionais no Peru desde América do Sul

		2018	2019
1	Chile	1.159.188	1.196.234
2	Equador	293.231	339.486
3	Argentina	216.041	214.608
4	Colômbia	219.452	223.943
5	Brasil	177.711	193.898
6	Bolívia	158.974	188.642
7	Venezuela	367.739	99.856
8	Uruguai	22.932	22.870
9	Paraguai	11.560	11.351

Fonte: Adaptado do PromPERU - Arribos de turistas internacionales procedentes de Latinoamérica.

Analisando esses dados pode-se dizer que o Peru se encontra bastante suscetível a oscilações na América do Sul, visto que a maior parte de seus turistas são originários dessa região.

Ao verificar-se os números de turistas internacionais nos países do Mercosul², observa-se que a integração social possui elevado potencial para conferir aos países membros um sentimento de unidade, ou pelo menos de facilidade de movimentação, conforme enfatizado por Catalano (2021). Através do turismo internacional, a integração regional das sociedades poderia ser aprofundada, com base na identidade de interesses e valores, através de conexões sociais, transformando esse processo numa prática mais democrática.

Complementando essa ideia, a abordagem de Vaz (2002, p. 255) defende que “a participação social levaria, em tese, à estruturação de uma agenda e, por conseguinte, a propostas e iniciativas que projetariam a integração em novas frentes, ora complementando, ora avançando o processo de negociação intergovernamental”.

1 PERU. PROMPERU. Cifras turísticas. Disponível em: <https://www.promperu.gob.pe/TurismoIN/sitio/MercadosSegmentos>.

2 Os Estados partes do Mercosul nos dias atuais são Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e Venezuela (a qual recebeu suspensão de direitos e obrigações). Atualmente, a Bolívia encontra-se em processo de adesão ao bloco. Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Peru e Suriname são 'Estados Associados', com os quais são constituídos acordos bilaterais. Visando melhor compreensão da função e das características de um Estado Associado no Mercosul, sugerimos a visita ao sítio web oficial do bloco. Mais informações disponíveis em: <https://www.mercosur.int/pt-br/>.

Tratando a atuação internacional, Oliveira (2015) faz uma análise sobre o que denomina de forças em busca de poder, especialmente relacionadas ao governo e em sua vertente internacional a atuação diplomática. Na leitura deste autor, ainda existem outras forças denominadas "sociais" que englobariam questões científicas, culturais, tecnológicas, mercadológicas, populacionais, geográficas e assuntos de interesse das sociedades internacionais conectadas. Souza (2015) segue a mesma linha de pensamento de integração como movimentações de poder: "a estratégia de inserção internacional adotada por um país pode ser entendida como um reflexo das forças políticas que disputam o poder" (SOUZA, 2015, p. 245). Desta forma, precisamos olhar para o turismo e os processos de integração na América do Sul e entender quais seriam essas forças que poderiam fomentar as ações na região.

Desenvolvimento ou estagnação: um olhar para a cooperação turística no Mercosul

A respeito da institucionalização dos debates de turismo em nível internacional, apresentamos uma reflexão baseada nas práticas do Mercosul. Na primeira seção do capítulo, apresentamos a ideia de atritos, fricções e *hotspots* que, em muitos casos, caracterizam-se por serem pontos de disputa. Esses pontos de calor podem causar movimentos que paralisam e, em outros momentos, retomando o que nos aponta a física, dão força e impulsionam novas ações ou tentativas de movimentar-se.

Como abordamos na segunda seção deste estudo, o Mercosul é marcado institucional e politicamente por mais movimentos de estagnação em seu projeto de cooperação do que de movimento fluido e constante, uma vez que há uma série de propostas e ideias debatidas, inclusive em reuniões oficiais, mas poucas com efetivo desenvolvimento em marcha até os dias atuais. Dessa forma, tendo em vista as ações e políticas de turismo neste âmbito, não conseguimos observar grandes avanços ou projetos de continuidade. No turismo, como projetos desenvolvidos de forma integrada, destaca-se: o Escritório de Promoção do Turismo do Mercosul no Japão nos anos 2000, o qual não está mais em funcionamento; a proposta de integração do circuito de turísticos integrados, tendo o plano das missões jesuíticas guaranis o que mais avançou dentro das ações debatidas nesse nível, fomentado pelo Fundo para a Convergência Estrutural do MERCOSUL (FOCEM); e, o projeto de uniformização e qualidade na documentação e nas estatísticas em turismo, ainda não consolidados entre os países membros.

No segundo semestre de 2021, em função da pandemia que fechou muitas fronteiras, acompanhamos os processos de reabertura dos países para viajantes do exterior, buscando entender se a proximidade geográfica e a oferta de ligações aéreas poderiam se configurar em fatores preponderantes para a recepção de turistas

estrangeiros. Nesse sentido, observamos se ocorreria alguma manifestação do Mercosul para essa reabertura no âmbito do Parlamento do Mercosul (Parlasul) ou dos Ministros de Estado. Em 22 de outubro de 2021, foi realizada a XXV Reunião de Ministros de Turismo do Mercosul (RMTur) na cidade de Recife (MERCOSUL, 2021).

Conforme Ata da XXV RMTur, os temas tratados abrangeram uma série de iniciativas no turismo, englobando os seguintes pontos:

- a) ressaltar a importância de trabalhos de forma cooperada na região;
- b) promoção turística conjunta com a aprovação de uma marca única para o Bloco, desenvolvida internamente pela Embratur – a qual versava sobre visitar a América do Sul, tendo como slogan “Um lugar, Vários mundos”;
- c) programas de investimentos, harmonização de protocolos de biossegurança;
- d) desenvolvimento de rotas turísticas como a Rota de turismo religioso, Caminho dos Jesuítas na América do Sul, além de projetos de Turismo de Natureza e do Corredor Bioceânico (Mercosul, 2021).

De acordo com o Ministério Turismo do Brasil (2021b) tal marca conjunta seria lançada no dia 15 de novembro de 2021, durante a Semana do Brasil na Expo Dubai 2020. Porém, não é possível encontrar nos *sites* oficiais nenhuma informação sobre tal identidade visual ou o lançamento. Dessa forma, apesar da pretensa evolução do trabalho conjunto em turismo, observamos uma tendência ao repouso na movimentação turística do bloco, com as ações contidas em ata constituindo-se mais em retórica/discurso do que em ações práticas levadas a cabo.

Assim, é possível identificar, com o acontecimento de uma reunião desse porte e nos resultados desse encontro, a existência das forças de atrito caracterizadas no início do capítulo. Uma reunião com objetivos explícitos de cooperação para ações de impulso ao turismo, ou seja, que atuaria como força de atrito cinético, resulta, em realidade, em força contrária ao movimento turístico. Com os fluxos turísticos ainda sofrendo os impactos da pandemia, os esforços políticos deveriam propiciar uma força constante capaz de vencer a inércia atual. Nesse sentido, ações para aumento da confiança do turista e também de confiança do próprio *trade* turístico, em conjunto com decisões mais práticas e diretas por parte dos responsáveis pelo turismo no Mercosul. O que se observa, porém, é uma lista de ações genéricas que poderiam ter sido realizadas em qualquer outro momento histórico. E que até o momento não foram colocadas em prática; pelo menos, não no prazo acordado.

Vicissitudes e fricções das mobilidades turísticas na América do Sul

Analisando os processos de integração da América do Sul e os dados de turismo apresentados por diferentes países - com estratégias particulares de promoção e planejamento turísticos - chegamos à constatação de inércia ou de fricções que não resultam em real movimentação de grande escala ou em fluxo contínuo. Os dados não acompanham o crescimento do fluxo turístico internacional. É preciso estabelecer que a mobilidade turística e os resultados do turismo no continente perpassam uma série de condições de integração complexas. É necessário refletir o que está acontecendo e onde repousam os obstáculos ao desenvolvimento do turismo na região.

Conforme as estatísticas apresentadas, é possível salientar que o turismo na América do Sul, há anos, apresenta variações de crescimento e decréscimo e, em alguns casos, estagnação dos fluxos turísticos internacionais. Não é possível detectar um padrão único no que se refere a análises sobre os principais destinos da região. A Tabela 1 apresenta os números dos últimos dez anos, tanto em número de turistas quanto de receitas. A Tabela 2 fornece mais detalhes sobre o número de turistas por países. É possível verificar que mais de 70% dos turistas se concentram nos cinco países analisados: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia e Peru. Se o Uruguai for considerado no somatório dos países que mais recebem turistas internacionais, apenas seis países concentram o turismo na América do Sul, respondendo por quase 90%. Porém, não há crescimento muito acentuado de um ano para o outro. As chegadas de turistas internacionais se mantêm em uma mesma faixa. As análises por países mostram, inclusive, que boa parte dessas chegadas internacionais é fruto do turismo interno na própria América do Sul.

Tome-se o Brasil como exemplo: dos seis milhões de turistas internacionais que o país recebe já a alguns anos, dois terços são da própria região. O mesmo acontece com os demais países analisados. Isso demonstra a importância de se estabelecer uma cooperação mais sólida entre os países do continente para fomentar ainda mais a mobilidade interna, para além dos acordos existentes, principalmente com o Mercosul. Uma vez que os turistas de outras regiões do mundo parecem não considerar os países da América do Sul como opção principal de viagem, o fortalecimento do turismo interno representa o caminho mais seguro para o continente no que se refere ao turismo.

Da mesma forma, a receita gerada com esse turismo também fica estagnada, pois não apresenta um crescimento exponencial. E dada a dependência regional do fluxo turístico, qualquer crise política e econômica em um dos países da região, ou

mesmo pressões externas como volatilidade das moedas nacionais em relação a outras externas, influencia fortemente o número de turistas e as receitas do outro. Estabelecemos, então, a fragilidade da América do Sul frente às forças de atrito.

Os focos de calor não geram um movimento uniforme e contínuo, com as consequências de cada momento de disputa não se expandindo para outras áreas e servindo de força motriz para o turismo, especialmente quando analisamos ações planejadas para desenvolver-se e que estão paradas sem maiores explicações técnicas, como se tivessem sido esquecidas ou abandonadas.

A maior integração da região e o menor impacto a crises ou trocas governamentais passa também pelo fortalecimento do processo de integração, até então fortemente ancorado nas ações oficiais dos governos, com pouca participação social. No caso do turismo, seria de suma importância maior envolvimento de atores de representação, atuação, análise e fomento do turismo.

No turismo, podemos ter a participação de diversos sujeitos-atores no seu desenvolvimento. Tem-se as comunidades receptoras - através das ações de municípios de fronteiras, ou capitais de estado com maior fluxo turístico estabelecido, ou até mesmo facilitado por rotas aéreas. O trabalho das operadoras de turismo, agências de viagens, hotelaria, empresas de transportes (empresas de ônibus, locadoras de veículos e cias aéreas) por meio do desenvolvimento de parcerias, criação de ações conjuntas em destinações comuns, estabelecimento e retomada de linhas aéreas. O diálogo e as colaborações entre organismos de representações turísticas - associações, *conventions bureau*, sindicatos de classe, as quais podem estar alinhadas entre representações de diferentes países entendendo cada realidade e compartilhando ideias.

A vivência de turistas e sociedades, que ao conhecer as diferentes particularidades de cada país, podem aprender mais sobre o outro, entender as diferenças e as similaridades que nos aproximam, cobrar de seus representantes maiores e efetivas ações para facilitação da movimentação na região, e optar pela visita aos países vizinhos. Também a imprensa, que poderia apresentar e auxiliar em uma maior divulgação das realidades de cada países e não apenas dos problemas.

Cabe ressaltar que a pressão da opinião pública no mundo atual é componente essencial das relações internacionais e da ação dos governos, os quais não eximimos da participação no turismo e nos processos de integração. Faz-se necessário um abandono das retóricas para efetivamente desempenhar ações com continuidade, com maior velocidade e de forma integrada, seja nos planejamentos, na estruturação regional ou mesmo na promoção turísticas para outros mercados mais longínquos.

A partir da análise dos dados turísticos na região, percebemos não só a falta de integração com relação às ações conjuntas para o desenvolvimento turístico, mas também a falta de unicidade na geração dos dados turísticos. Tanto os dados dos países, como os conceitos e metodologias aplicadas dificultam uma análise conjunta da movimentação turística no continente. Salientamos que na 12ª Reunião de Ministros do Turismo do Mercosul (2012), ficou determinado que os países empreenderiam esforços para padronizar a metodologia de estudos e pesquisas sobre fluxo turístico sul-americano. No entanto, como citado anteriormente, ainda não houve efetiva implementação de tal instrumento. Alguns países consideram ou desconsideram alguns tipos de viagens, o que pode levar a considerações infladas ou subestimadas dos fluxos turísticos. Outros são capazes de diferenciar o movimento turístico gerado a partir de grupos específicos de viajantes, o que contribui enormemente para a compreensão das viagens na região.

Por outro lado, apesar de incipientes, vemos movimentos colaborativos no sentido de levantar temas comuns dentre os países sul-americanos dentro da academia. Pesquisas que aplicam um olhar crítico para questões sociais e econômicas que perpassam e dão forma à atividade turística sendo, tanto fomentadoras da atividade como resultantes desta. Com este ensaio pretendemos contribuir para a reflexão sobre as necessidades e oportunidades para a criação de conhecimento e integração na América do Sul, especialmente sob a ótica do turismo.

Considerações finais

O turismo na América do Sul, na última década, se desenvolveu em ritmo mais lento se comparado com outros continentes e regiões do mundo. As estatísticas que anualmente a UNWTO publica mostram que há um crescimento modesto de ano a ano, sem nos esquecer que também ocorrem alguns decréscimos. Nessa perspectiva, o trabalho cooperativo entre os países poderia se apresentar como uma solução para os muitos pontos de disputa existentes nas mobilidades turísticas do bloco, atuando como uma força de atrito cinético. Tendo em vista o contexto mundial dos últimos anos, com a Covid-19, a carência de integração entre os países da América do Sul acabou por se configurar como mais um ponto de atrito estático, imobilizando as ações conjuntas que seriam importantes para minimizar os impactos sociais e econômicos de uma pandemia, em um contexto regional.

Dado as menores distâncias geográficas, as realidades sociais e econômicas mais semelhantes e a existência de fronteiras abertas entre muitos países da região, houve grande oportunidade de trabalho conjunto entre os países vizinhos e parceiros. No entanto, até o momento - e mais uma vez - não houve integração dos países no alinhamento de ações, tampouco na preocupação da retomada de fluxo turístico entre

países, mercados prioritários de turismo internacionais quando olhamos para os números apresentados.

Analisando os dados e o aporte teórico apresentados, podemos inferir que as instabilidades políticas, econômicas e sociais da última década, em vários países da América do Sul - como, por exemplo, a instabilidade política e econômica do Brasil a partir de 2014; a situação da Venezuela com os bloqueios econômicos internacionais; a extrema crise de governabilidade política peruana a partir de 2019; a revolta popular no Chile de 2019; o golpe de estado na Bolívia em 2019, entre muitos outros - podem ser considerados fricções ao desenvolvimento do turismo internacional no continente sul-americano, pois segundo o conceito de Cresswell (2014), estaríamos lidando com entraves que diminuem, fazem parar e, às vezes, movimentam pessoas, ideias, objetos e imagens com mais energia.

Ao mesmo tempo, em um cenário pandêmico, são relançadas questões sobre qual turismo queremos ter sob a ótica da equidade de mobilidade (SHELLER, 2021). Seria possível o desenvolvimento da atividade turística com menor impacto para as comunidades dependentes do turismo? A elite móvel, ou seja, aqueles que se beneficiam sobremaneira da grande conectividade e facilidade de movimentação, e que agora se mantém relativamente inerte, seria capaz de repensar os custos sociais e ambientais de suas escolhas - sejam elas individuais ou sociais - de ocupação/apropriação dos espaços comuns?

Os países da América do Sul, organizados sob um projeto de integração comercial, parecem não possuir interesse em dar continuidade a efetivas ações de integração turística, como as anteriormente citadas que estagnaram sem maiores explicações ou continuidade, tampouco novos rumos do turismo na região para o desenvolvimento de uma atividade sustentável. Assim, a ausência de atividade conjunta contínua e a existência de focos de calor isolados mantém, ainda, a região em inércia.

Referências

ALLIS, T. Em busca das mobilidades turísticas. **Plural**, n. 23,v. 2, p. 94-117, 2016.

ALLIS, T.; MORAES, C. M. S.; SHELLER, M. Revisitando as mobilidades turísticas. **Revista Turismo em Análise RTA**, n. 31, v. 2, p. 271-295, 2020. DOI; <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v31i2p271-295>.

BARROS, C. **Química e física 1º grau** (Vol. 3, un. 10). São Paulo: Ática, 1985

BENI, M. C. **Globalização do Turismo: megatendências do setor e a realidade brasileira**. São Paulo: Aleph, 2011.

BIANCHI, R. B; STEPHENSON, M. L. Deciphering tourism and citizenship in a globalized world. *Tourism Management*, n. 39, p. 10-20, 2013. DOI: 10.1016/j.tourman.2013.03.006.

BOUZAS, R. Mercosur: ¿Crisis económica o crisis de la integración? *In: Grupo de Reflexão Prospectiva sobre o Mercosul*. Brasília: FUNAG/IPRI/SGIE/BID, 2003.

CATALANO, B. **Turismo e integración**: viajar sin pasaporte en el Mercosur. Buenos Aires, Argentina: Fundación Ciccus, 2021.

CHINCHILLA, L. **Democracia, Liderança e Cidadania na América Latina**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

COLES, T; HALL, C. M. Rights and regulation of travel and tourism mobility. *Journal of Policy Research in Tourism, Leisure and Events*, n. 3, v. 3, p. 209-223, 2011. DOI: 10.1080/19407963.2011.576865

CRESSWELL, T. Friction. *In: ADEY, P.; BISSELL, D.; HANNAM, K.; MERRIMAN, P.; SELLER, M. (orgs.). The Routledge Handbook of Mobilities*. Routledge, p. 107-115, 2014.

DRUMMOND, M. C. O Mercosul hoje: crise e perspectivas. *In: Grupo de Reflexão Prospectiva sobre o Mercosul*. Brasília: FUNAG/IPRI/SGIE/BID, 2003.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico** (3a ed.). São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ENS, W.; LAGO, S. **A energia-ciências: química-física** (Cap. 23). São Paulo: IBEP, s/d.

FLAMM, M.; KAUFMANN, V. Operationalising the Concept of Motility: A Qualitative Study. *Mobilities*, n. 1, v.2, p. 167-189, 2006. DOI: 10.1080/17450100600726563.

FREIRE_MEDEIROS, B.; LAGES, M. P. A virada das mobilidades: fluxos, fixos e fricções. *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], n. 123, p. 121-142, 2020. DOI: <https://doi.org/10.4000/rccs.11193>.

GARCIA, E. **Desenvolvimento e Cooperação na América Latina: A Urgência de uma Estratégia Renovada**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

GARCIA-PELUFO J.-I. Mercosur: más allá de la coyuntura. *In: Grupo de Reflexão Prospectiva sobre o Mercosul*. Brasília: FUNAG/IPRI/SGIE/BID, 2003.

HANNAM, K.; BUTLER, G.; PARIS, C. Developments and Key Concepts in Tourism Mobilities. *Annals of Tourism Research*, n. 44, v.1, p. 171-185, 2014.

IGLESIAS, E. **Os Desafios da América Latina no Século XXI**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

KAUFMANN, V.; BERGMAN, M. M.; JOYE, D. Motility: Mobility as Capital. *International Journal of Urban and Regional Research*, n. 28, v. 4, p. 745-756, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.0309-1317.2004.00549.x>.

MERCOSUL. RMTUR. ATA Nº 02/2021. Disponível em: https://medios.presidencia.gub.uy/tav_portal/2021/noticias/AI_446/Ata%20XXV%20RMTUR.pdf

MINISTÉRIO DO TURISMO. Anuário Estatístico de Turismo 2020 - Volume 47 - Ano Base 2019 - 2ª Edição 2021a. Recuperado em 01 dezembro, 2021, de <http://www.dadosfatos.turismo.gov.br/2016-02-04-11-53-05.html>

MINISTÉRIO DO TURISMO. Ministros de Turismo do Mercosul debatem unificação de protocolos e aprovam divulgação conjunta dos países. Marca única foi aprovada pelos ministros e representantes de Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai e Chile, 2021b. Recuperado em 04 abril, 2022, de <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/ministros-de-turismo-do-mercosul-debaterem-unificacao-de-protocolos-e-aprovam-divulgacao-conjunta-dos-paises>.

MONTEIRO, M. A. A.; MONTEIRO, I. C. C.; GASPARI, A. Abordagem experimental da força de atrito em aulas de física do ensino médio. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, n. 29, v.3, p. 1121-1136, 2012.

MOSSMANN, V. L. F.; CATELLI, K. B. M. D.; LIBARDI, H.; DAMO, I. S. Determinação dos coeficientes de atrito estático e cinético utilizando-se a aquisição automática de dados. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, n. 24, v.2, p. 146-149, 2002.

OLIVEIRA, F. A desaceleração da integração sul-americana: dilemas e desafios em tempos de Mercosul, Unasul e Aliança do Pacífico. In: **Os Desafios da América Latina no Século XXI**. IGLESIAS, E. (coord.); DAMIANI, G.; GARCÉ, A.; ZIBETTI, F. W. (orgs.). São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

PIGLIA, M. Aeromovilidad, tecnología y poder. El caso de la modernización de la flota de Aerolíneas Argentinas. **Revista de Historia de la Economía de la Empresa XII**, p.125-148, 2018.

PIÑON, N. **As Matrizes do Fabulário Ibero-americano**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

ROLIM, M. (no prelo). **Governabilidade migratória na América Latina: integração ou fragmentação?**

SALAZAR, N. B. Labour migration and tourism mobilities: Time to bring sustainability into the debate. **Tourism Geographies**, 2020. DOI: 10.1080/14616688.2020.1801827.

SCHENKEL, E. El derecho de las personas al turismo en Argentina. Una aproximación desde la justicia social. **Lider**, n. 22, v.15, p. 189-206, 2013.

SHELLER, M.; URRY, J. **Tourism Mobilities. Places to Play, Places in Play**. London: Routledge, 2004.

SHELLER, M.; URRY, J. The New Mobilities Paradigm. **Environment and Planning A**, n. 38, v.2, p. 207-226, 2006.

SHELLER, M. Mobility justice and the return of tourism after the Pandemic. **Mondes du Tourisme**, n. 19, 2021.

SOUZA, F. A desaceleração da integração sul-americana: dilemas e desafios em tempos de Mercosul, Unasul e Aliança do Pacífico. *In: Os Desafios da América Latina no Século XXI*. IGLESIAS, E. (coord.); DAMIANI, G.; GARCÉ, A.; ZIBETTI, F. W. (orgs.). São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

TOMAZZONI, E. L. **Relações Turísticas Brasil-Argentina: desafios e oportunidades**. Caxias do Sul: Educus, 2019.

United Nations World Tourism Organization. **International tourism highlights** – 2019 Edition, 2021. Recuperado em 30 novembro, 2021, de <https://www.e-unwto.org/doi/book/10.18111/9789284422456>.

VEIGA, P. M.; RIOS, S. P. O Mercosul na encruzilhada: uma agenda para os próximos anos. *In: Grupo de Reflexão Prospectiva sobre o Mercosul*. Brasília: FUNAG/IPRI/SGIE/BID, 2003.

WEBER, M. **Metodologia das Ciências Sociais Parte 1**. São Paulo: Cortez, 2001.

CAPÍTULO 4

Cartes-de-visite e as mobilidades turísticas na construção de imaginários turísticos sobre o Brasil no século XIX

Isabella Santos

Danielli Nogueira Alves da Silva

Juliana Carneiro

Mobilidades turísticas: uma ampliação do olhar para “novos” problemas de pesquisa

O turismo como atividade econômica, como fenômeno socioespacial e cultural e campo de conhecimento são indissociáveis. Para além da materialidade do fenômeno do turismo, devemos jogar luz em elementos imaginativos e subjetivos que também fazem parte do acontecer do turismo. Nesse sentido, a ampliação de perspectiva no turismo é exercício fundamental para direcionar esforços para uma sociedade mais justa e crítica. A mobilização deste olhar se faz necessária para desvelar frestas ainda obscuras nos estudos do turismo e, com isso, contribuir para seu entendimento de maneira nítida. Nesta perspectiva, reconhecemos a importância e contribuição do paradigma das novas mobilidades (PNM) para o turismo (ALLIS; MORAES; SELLER, 2020; MAVRIČ; URRY, 2009; SELLER; URRY, 2006), e o acionamos em todas as etapas de elaboração deste estudo, utilizamos as mobilidades como dispositivo analítico transversal.

Na perspectiva do PNM, as mobilidades são como uma lente para observar e estudar o mundo, onde tudo está centrado e estruturado no movimento, para que através de um novo olhar seja possível revelar fenômenos antes escondidos (SELLER; URRY, 2006). O turismo, objeto de estudo que contribuiu e contribui para o amadurecimento do paradigma como um todo (URRY, 2001, 2007), é visto como uma forma de mobilidade, mas também como uma janela para compreender que diferentes mobilidades informam o turismo. Nesta perspectiva, o turismo se coloca também como campo de conhecimento, e não somente um objeto de estudo, mas também como uma prática e método (ALLIS, 2016).

O turismo, em conjunto com o paradigma das novas mobilidades, proporciona perspectivas mais amplas e não tão habituais, como os estudos das imagens, imaginários e objetos em tempos passados (GRAVARI-BARBAS; GRABURN, 2012). Os sistemas de mobilidades que permitem o movimento de pessoas, ideias, imagens e informações, não são exclusividade do tempo contemporâneo. Mobilidades pretéritas (séculos XIX e XX, por exemplo) também se apresentavam múltiplas, ainda que sem a complexidade e instantaneidade vivenciadas atualmente (URRY, 2007). Contudo, essas temporalidades e os estágios de desenvolvimento desiguais, se manifestam em diferentes níveis quando se fala em países e continentes ao longo dos séculos e décadas, afetando-os e sendo afetados diretamente pelo turismo.

Ao refletirmos sobre as atuais e pretéritas formas de mobilização das imagens, imaginários e objetos que moldam/moldaram o turismo no Brasil, ressaltou ao olhar das autoras as distintas maneiras com que a fotografia se relaciona com o turismo (GODOY; LEITE, 2019). Notamos um possível antecessor dos cartões postais, os *cartes-de-visite* (cartões de visita) que estiveram presentes, predominantemente, durante o século XIX.

Os *cartes-de-visite* eram retratos (individualmente ou em grupo reduzido) tirados em estúdios por fotógrafos com cenários montados. Essas fotografias circulavam entre as pessoas, uma vez que poderiam ser realizadas inúmeras cópias de uma mesma imagem. As modalidades de circulação, a quantidade de exemplares disponíveis, as intenções dos retratados e o contexto da época ajudam a compreender a importância dos *cartes-de-visite*, como objetos, para a mobilização de imagens e imaginários que comunicavam também informações de seu tempo (GASTAMINZA, 2013; LEITE, 2011).

A escolha deste objeto de estudo se deu por dois motivos. O primeiro foi pela falta de estudos sobre os *cartes-de-visite* voltados para as mobilidades turísticas e suas interseções, em especial no contexto latino-americano, uma vez que ainda são raros os estudos históricos e de memória das mobilidades (PEARCE, 2019; PIGLIA, 2011). As imagens pela expressão da fotografia e sua capacidade de reprodução, desde seus primórdios, já demonstravam uma tensão entre o impulso na democratização da produção de imagens em massa e a força de homogeneização de mercado e consumo, enquanto novas formas de subjetividade vinham buscando reconhecimento social e político (USLENGHI, 2019).

O segundo motivo se refere às intenções e orientações decoloniais das pesquisadoras para os estudos do turismo por meio das mobilidades que direcionam também uma nova maneira de pensar os mundos sociais como emergentes de relações móveis complexas e multiescalares, fluxos, circulações e suas amarrações temporárias, em vez de epistemologias sedentárias e nacionalismo metodológico

(SHELLER, 2018). Os estudos decoloniais apresentam, também, diferentes objetos de pesquisa ao reexaminar os arranjos históricos e contemporâneos do saber-poder em diversas situações que acontece o turismo. A decolonização epistemológica para estudiosos do turismo exige uma revisitação do papel desempenhado pelas emoções no processo de pesquisa, particularmente, no que diz respeito sobre como a pessoa se posiciona em relação ao seu papel na pesquisa acadêmica (BOUKHRIS; PEYVEL, 2019; CHAMBERS; BUZINDE, 2015). Portanto, as pesquisadoras assumem neste trabalho suas emoções no processo de construção deste capítulo de livro no lugar de fala de mulheres, latinas, pardas e preta, e ativistas por uma epistemologia do Sul global (SANTOS; ARAÚJO; BAUMGARTEN, 2016).

Nesse sentido, notamos a importância de desvelar intenções, representações e imaginários dos *cartes-de-visite* que circulavam no século XIX no Brasil. Indagamos: o que se movia e quais imaginários sobre o Brasil seriam mobilizados pelos *cartes-de-visite* no século XIX, e que, posteriormente, seriam utilizados pelo turismo, na perspectiva do paradigma das novas mobilidades?

Em conjunto com as mobilidades, a proposta é analisar e interrogar as imagens veiculadas nestes cartões, a partir das proposições das imagens complexas de Josep Català (CARVALHO, 2020). Considerando que todas as imagens possuem uma função comunicativa, uma vez que são feitas para se relacionar com alguém (CATALÀ, 2011), este estudo nos possibilita pensar os *cartes-de-visite*, como imagens sob um novo paradigma cultural e de memória.

Cartes-de-visite

Os *cartes-de-visite* (cartões de visita) foram desenvolvidos na década de 1850 pelo fotógrafo francês André Disdéri e rapidamente geraram um consumo de massa pelo mundo. Foi considerado um avanço para o retrato (e para a fotografia) pelo desenvolvimento de um processo que permitia captar várias imagens no mesmo negativo de placa de vidro, reduzindo os custos de revelação e impressão. Por esse motivo, era possível a reprodução de diversos exemplares de uma mesma fotografia (12, 24 ou 36 imagens iguais). Os *cartes-de-visite* eram pequenos retratos (11,5 x 6,5 cm ou 9 x 5,5 cm), impressos em papel fino e montados em papelão (GASTAMINZA, 2013; USLENGHI, 2019).

O retrato fotográfico no século XIX inaugura uma era de maior representação do indivíduo e dos tipos sociais pois até então, o retrato pintado era exclusivo da aristocracia. Com o *carte-de-visite* a possibilidade de ser retratado também é oferecida à classe média e a diversas profissões que figuravam as classes emergentes (GASTAMINZA, 2013). Alguns homens e mulheres negras eram convidados pelos fotógrafos que, em sua maioria, construíam os cenários e vestimentas com intenção

de reforçar as diferenças dos brancos, demonstrando o olhar etnocêntrico que exotiza corpos e culturas. Eram composições, em geral, reproduzindo seus diversos afazeres, forjando cenas de trabalho, os “tipos de negros”, amas de leite e escravizados em geral (CEZAR; TEIXEIRA, 2020).

Nos *cartes-de-visite*, as pessoas posam predominantemente sozinhas ou em grupos reduzidos. Os retratos são feitos mostrando o modelo de corpo inteiro, meio corpo e de busto. Os retratos também faziam referência à vida familiar e rituais da vida burguesa que constituíam sua narrativa social e visual, conforme a Figura 1 (LEITE, 2011; USLENGHI, 2019).

Figura 1. Retrato de homem (em pé). Guimarães, José Ferreira



Fonte: Brasiliana Fotográfica (s.d)

Os “retratos-cartões” foram feitos para circular e para serem trocados socialmente (USLENGHI, 2019). No Brasil, o sucesso do *cartes-de-visite* também se deve a sua circulação nos grandes centros urbanos (SANTA CRUZ, 2019). Para Gastaminza (2014), os *cartes-de-visite* se tornam objetos de fetiche da arte da prática fotográfica do século XIX. “Podemos imaginar, então, essas imagens estrategicamente guardadas no bolso do paletó do homem que sai às ruas, agora, provido de sua própria autorrepresentação e amparado por sua ‘propaganda’ pessoal” (LEITE, 2011, p. 10). Os *cartes-de-visite* foram feitos para serem circulados!

Os hábitos de circulação desses cartões se demonstravam como quase estratégias promocionais. As fotografias retratam corpos quase invisíveis da classe pequeno-burguesa em ascensão com um desejo intenso de legitimar, representar, celebrar, se reconhecer e perpetuar-se ao memorizar sua própria imagem (USLENGHI, 2019).

Ainda para Uslenghi (2019) os *cartes-de-visite* levaram para o espaço doméstico o jogo da sociedade do espetáculo: ver e ser visto. No contexto latino-americano, ainda circulava o desejo corporificado do imaginário do século XIX: a busca de autodeterminação de setores populares em luta pelo reconhecimento social e político. São imagens de uma sociedade em construção e o registo visual permite restabelecer a dimensão da própria classe, não numa perspectiva imaginária que cada retrato aspira registrar, mas na própria construção da série de repetições e diferenças. Os *cartes-de-visite* foram produzidos para e pelo seu impacto social que, não apenas incorporando as normas vigentes, ajudou a criá-las e moldá-las.

Alguns fotógrafos também realizaram expedições de cunho científico, registrando imagens do país. Incluíam-se registros de trabalhadores escravizados e populações originárias, evidenciando primariamente a percepção hierárquica, pois brancos, negros e indígenas eram retratados de maneiras diferentes. Essas imagens impressas em quantidade podiam conter insígnias, assinaturas, dedicatórias e datadas, pois se destinavam também à comunicação. Também podiam ser vendidos para estrangeiros que visitavam o Brasil e que posteriormente regressavam aos seus países de origem levando essas imagens (WANDERLEY, 2016).

A padronização dos formatos ocorrida na fotografia e a prática de encaminhar mensagens a parentes nos versos do *cartes-de-visite*, marcou também uma nova fase na forma em como as pessoas se relacionavam com as imagens. Para fortalecer esse laço entre a fotografia e a comunicação, surge o cartão postal entre os anos de 1862 e 1869 (SANTA CRUZ, 2019). Seguindo também a prática de colecionar *cartes-de-visite*, logo se desenvolveu uma mania de colecionar cartões postais. Álbuns especializados foram produzidos, onde esses cartões pudessem ser armazenados e admirados em um círculo social (SPENNEMANN, 2021).

Para além dos cartões postais, os *cartes-de-visite* também influenciaram práticas até hoje reproduzidas. As imagens dos *cartes-de-visite* construíram uma lógica de produção e difusão de valores consolidados, atrelados a um espírito da individualidade que se manteve nos anos posteriores. Tais fotografias de autoimagem contribuem para compreendermos algumas tendências que vivemos atualmente (LEITE, 2011), sobretudo reproduzidos por aplicativos de divulgação de imagens, como o Instagram (BURSTOW, 2016).

Cartes-de-visite e as mobilidades de objetos, imaginativas e comunicativas

As caracterizações e representações dos *cartes-de-visite* demonstraram um desejo de como o sujeito/grupo gostaria de ser visto. Sem adentrar na questão se a fotografia retratava uma realidade “verdadeira”, cabe descortinar o que se desejava reproduzir e mover. Os sistemas complexos das mobilidades, que apelam pela interdependência entre os cinco tipos de mobilidades (corporal, de objetos, imaginativa, comunicativa e virtual), não nos permite acionar como chave analítica somente uma delas de maneira isolada (FREIRE-MEDEIROS; LAGES, 2020; URRY, 2007). Nestes aspectos, notamos a predominância de elementos mobilizados que remetem às dimensões analíticas das mobilidades, em especial: as mobilidades dos objetos (a materialidade dos cartões, oferecidos como lembranças), as mobilidades imaginativas (imagens, imaginários e representações contidas nas fotografias) e mobilidades comunicativas (informações sobre os fotógrafos e mensagens/dedicatórias pessoais escritas nos versos dos cartões).

A movimentação física de objetos se refere à circulação de coisas materiais, como mercadorias (entre produtores, consumidores) ou como elementos da dádiva (envio e recebimento de presentes). A mobilidade (ou viagem) imaginativa envolve a circulação de imagens por lugares e pessoas, por diferentes mídias ou suportes, viajam por meio de memórias, textos, fotos, cartões postais, rádio, filmes. A mobilidade (ou viagem) comunicativa remete à circulação de mensagens entre pessoas via dispositivos de comunicação, textos, cartas, e-mails ou ligações (FREIRE-MEDEIROS; LAGES, 2020; URRY, 2007).

A materialidade dos *cartes-de-visite* não deve ser ignorada, muito porque sem o objeto físico não haveria um “meio” onde a imagem pudesse ser movimentada. Ainda que não haja exatidão sobre como ocorria a circulação física dos *cartes-de-visite*, pela quantidade abundante de cópias feitas e as práticas de troca entre as pessoas, podemos considerar que os cartões eram presentes no cotidiano das pessoas.

Este tipo de retrato fotográfico tornou-se um objeto habitual que ocupava diferentes lugares da vida cotidiana, organizados em álbuns, páginas de livro, em mobílias ou paredes (GASTAMINZA, 2013). Para Urry (2001), os objetos demonstram uma biografia cultural, visto que foram montados a partir de objetos, informações e imagens extraídas de diversas culturas em uma ordem temporal e espacial específica. Há, portanto, uma grande importância das imagens visuais no que diz respeito à constituição de certos objetos.

Nesta complementaridade entre materialidade e imagens, podemos adicionar a discussão sobre as imobilidades. Ao passo que um cartão de visita é repassado, ele se ancora (se fixa) em determinada localidade, em geral, nas casas, expostos nos cômodos ou em álbuns (GASTAMINZA, 2013). Tais ancoradouros possuem relação direta com os fixos, infraestruturas materiais que sustentam, vigiam e retêm os fluxos (FREIRE-MEDEIROS; LAGES, 2020).

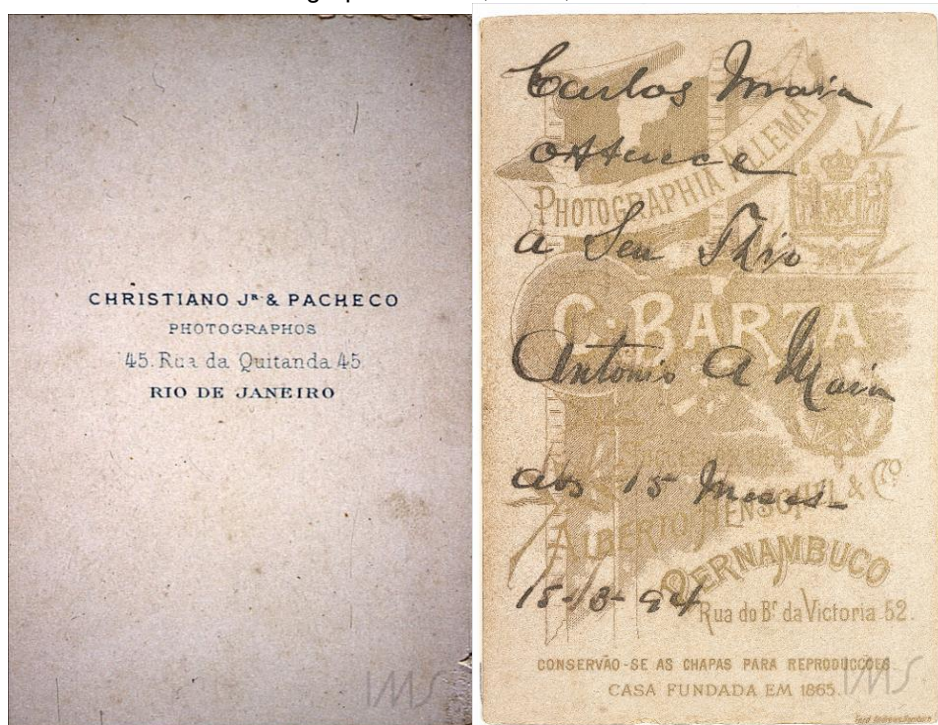
Para Uslenghi (2019), ao refletir sobre o contexto latino-americano, afirma que a fotografia (em especial, os cartões), pelas suas imagens, retratam um momento único que imobiliza aquele cenário muito bem pensado. Contudo, elas não imobilizam o contexto e os elementos representados neles contidos, as pessoas, as posturas e as intenções.

Nesse fluxo, as imagens já foram mobilizadas para além daquela localidade e assim serão, sempre que expostas para outras pessoas. Para Gravari-Barbas e Graburn (2012), a imagem mantém-se atrelada ao imaginário em uma relação dinâmica que nunca para de ser trabalhada. Nesse sentido, as imagens e seus objetos remeteriam aos imaginários, compreendidos como montagens representacionais transmitidas socialmente que interagem com a imaginação das pessoas (SALAZAR, 2012). Imagem e imaginário oscilam continuamente entre correspondências e dissonâncias, através das quais se confirma a proximidade, ou a separação, entre o real e sua representação (GRAVARI-BARBAS; GRABURN, 2012), discussões estas que estão presentes nas representações de pessoas nos cartões.

As mobilidades imaginativas também se relacionam com as comunicativas, uma vez que os imaginários são construídos por mensagens/imagens comunicadas (URRY, 2000). Para Silva (2019), a comunicação é um fenômeno que envolve signos e seu trânsito realizado por meio de um veículo, com uma mensagem enviada de um emissor para um receptor, fazendo com que o ato de comunicar represente alguma forma de mobilidade.

Além das imagens, outras informações circulavam em conjunto com o cartão, como os selos e contato do fotógrafo e do estúdio onde fora produzido. Na economia dos *cartes-de-visite*, os nomes dos fotógrafos já estavam funcionando como marcas registradas e não como indivíduos (USLENGHI, 2019). Além disso, o verso dos cartões era utilizado para encaminhar mensagens pessoais, mobilizando também correspondências afetivas. Para Santa Cruz (2019) esta prática marcou também uma nova fase na forma em como as pessoas se relacionavam com as imagens (Figuras 2 e 3).

Figura 2 e 3. Retrato de homem (verso) - Christiano Jr. e Pacheco. Retrato de criança (verso)
Photographia Allemã; Barza, Constantino



Fonte: Brasileira Fotográfica (s.d).

Fotografia e Cartes-de-visite no Brasil: paralelos com imaginários turísticos

Com o auxílio das discussões das mobilidades, direcionando a análise para os objetos, imagens e mensagens, conseguimos agora embasar, a partir do contexto brasileiro, de que maneira um imaginário turístico poderia estar sendo construído a partir dos *cartes-de-visite* que circulavam no Brasil.

O período considerado quando os *cartes-de-visite* estavam em acentuada circulação foi um momento de intensas pesquisas e experimentações, visando melhores resultados nos processos de produção de imagens. Tais procedimentos eram desenvolvidos em outros países e chegavam rapidamente ao Brasil (SANTA CRUZ, 2019). A fotografia faz parte da história brasileira a partir de 1840. O interesse de D. Pedro II fora decisivo para a difusão da fotografia no país, contribuindo para a chegada dos primeiros fotógrafos, oriundos do continente europeu e da América do Norte e, com o passar dos anos, o surgimento de fotógrafos brasileiros (WANDERLEY, 2016). Em realidade, o entusiasmo do Imperador fez com que a fotografia fosse utilizada como forma e objeto de promoção de sua própria imagem e do Brasil para o restante do mundo (Figura 4).

Figura 4. Família Imperial - Stahl, Augusto



Fonte: Brasiliana Fotográfica (s.d).

A construção da percepção de seu reino e reinado, que deveria contar com imagens que projetassem um futuro progressista, foram realizadas por profissionais contratados, dos quais alguns ainda eram alçados ao título de “Photographo da Casa Imperial”, como o francês Revert Henrique Lumb (c. 1826 – c. 1886), os portugueses Joaquim Insley Pacheco (c. 1830 – 1912) e José Ferreira Guimarães (1841 – 1924), e o brasileiro Marc Ferrez (1843-1923), com a distinção de Fotógrafo da Marinha Imperial. Para além da família imperial, a fotografia adquiriu atributos de uma ideia de civilidade e *status* entre a sociedade. Os fotógrafos eram contratados pela aristocracia imperial e famílias abastadas, para o registro de seus membros, conferindo prestígio social ao fotografado e também ao fotógrafo (WANDERLEY, 2016).

No final do século XIX o conceito tradicional de turismo ainda não estava consolidado, e as viagens ao Brasil eram majoritariamente motivadas por interesses comerciais. Há certa concordância que o turismo (propriamente dito) iniciou-se no começo do século XX, com a criação da Sociedade Brasileira de Turismo (1923), quando também do surgimento dos primeiros hotéis turísticos, agências de viagem e órgãos oficiais destinados prioritariamente a atrair e a receber visitantes (FREIRE-MEDEIROS; CASTRO, 2013; PERROTTA, 2013).

Contudo, a percepção sobre o turismo, se amplia quando utilizamos as lentes das mobilidades, sobretudo ao observarmos este processo de construção histórica dos imaginários turísticos brasileiros. Para Salazar (2012), para compreender como funciona a circulação de um imaginário, não se pode estudar somente o que está

circulando, mas também as estruturas socioculturais e mecanismos que tornam essa circulação possível ou impossível.

O fato de o turismo não ter sido uma prática efetiva no século XIX no Brasil, não quer dizer que os imaginários turísticos não existiam (ou surgiam) através das imagens e informações que eram disseminadas. O contexto de um crescimento e popularização da fotografia no Brasil e a intenção de projetar um tipo de sociedade pela Coroa portuguesa e pelas classes emergentes, faz com que, de certa maneira, uma espécie de imaginário turístico estivesse se desenvolvendo, para ganhar corpo nas décadas seguintes.

A expansão da popularidade da fotografia no final do século XIX foi apontada por Urry (2001) como “importante forma de percepção visual na reestruturação do olhar do turista, que estava emergindo naquele período” (2001, p. 183), trazendo a “compreensão que a fotografia representa uma forma socialmente constituída de ver e registrar” (2001, p. 185) que revela paradigmas culturais e forças sociais subjacentes.

Para além de um imaginário associado aos *cartes-de-visite*, na segunda metade do século XIX, surgiam os primeiros guias turísticos nesta época, fato que aponta para a existência de alguma demanda e fluxo de visitantes no país. O primeiro guia turístico sobre a cidade do Rio, foi lançado em 1873, intitulado “Guia do estrangeiro no Rio de Janeiro e uma notícia histórica sobre os principais monumentos”. O segundo, lançado em 1882, “Guia do viajante no Rio de Janeiro”, documento com 488 páginas, continha informações desde a história da cidade até legislações, escolas, hospitais e cemitérios, além de divertimentos, hospedagem e alimentação. Em geral, o público destinado destes guias era “estrangeiros”, “viajantes” e “imigrantes” (PERROTTA, 2013).

Um fato que também denota a construção do imaginário turístico, e posteriormente o turismo como atividade reconhecida, são as visitas às localidades na cidade do Rio de Janeiro. Segundo Perrota (2013), o Morro do Corcovado já era cenário de passeios de viajantes neste século. Em 1850, houve excursão que reunia cerca de 20 pessoas ao local. Pela beleza da paisagem, o interesse para visitas aumentou, dando início às obras de construção da primeira estrada de ferro eletrificada do Brasil, em 1882, sendo a primeira estrada de ferro com fins predominantemente turísticos no país.

Com propósito um pouco menos específico, os *cartes-de-visite* não tinham a pretensão de difundir imagens como os guias turísticos. Ao trazermos os guias turísticos, apontamos que outros meios de comunicação estavam surgindo pensando especialmente sobre o turismo. Com o aumento gradual dos fluxos ao longo das décadas, de meados do século XIX até início do século XX, não se pode ignorar

diversas representações imagéticas que circulavam no Brasil, sobretudo no Rio de Janeiro, local onde a Coroa portuguesa estava estabelecida. Em meio a construção dos guias, os *cartes-de-visite* também construíam um ideal e imaginário de sociedade que se queria demonstrar, ao observarmos o imaginário pelas representações sociais, uma vez que as imagens também são representações coletivas, conforme colocado por Siqueira e Siqueira (2011).

Para Salazar (2012), os imaginários permanecem intangíveis, então a única maneira de estudá-los é focalizando os múltiplos canais, como, os cartões postais (incluímos também os *cartes-de-visite*). Nestes canais, os imaginários se tornam visíveis na forma de imagens e discursos, como da exposição do corpo feminino em cartões postais (SIQUEIRA; SIQUEIRA, 2011).

A imagem complexa: conceito para leitura dos cartes-de-visite

À época de seu advento, no século XIX, a fotografia se colocava como o registro do fato, um espelho do real, uma imitação mais que perfeita da realidade, devido à sua própria natureza técnica, ao seu procedimento mecânico, adicionada a sua forma automática sem a intervenção direta do artista (DUBOIS, 1993). Enquadrados pela lente, a captura do momento incluía todos os seus componentes: pessoas, animais, casas, ruas, a natureza, e quaisquer outros poderiam compor a imagem como seus elementos constitutivos para comunicar uma mensagem.

Para Sontag (1977, p.28), “fotos podem ser mais memoráveis do que imagens em movimento porque são uma nítida fatia do tempo, e não um fluxo”. A memória nela contida fornece um testemunho, uma informação codificada. Assim, para sua leitura e interpretação, se faz necessária a tradução de seus símbolos e significados, partindo do reconhecimento que a imagem comunica muito além de seus componentes capturados à primeira vista, pois o olhar é uma construção complexa.

Convergindo com este pressuposto, o pesquisador Josep Català propõe a ideia da imagem complexa, “composta de uma vontade e o gesto que relaciona a vista com um determinado objeto, cujo interesse precede subjetivamente à sua visão propriamente dita” (CATALÀ, 2015, p. 36). Català (2005) entende que a imagem complexa se propõe enxergar as complexidades que todas as imagens possuem, não somente as imagens contemporâneas, mas também as imagens do passado (CARVALHO, 2020), pois a “imagem complexa não consiste em algo preciso, é uma forma de ver as imagens. Todas elas podem ser complexas” (CATALÀ DOMÈNECH; COSTA, 2015, p. 296). Estabelece-se, assim, níveis de complexidade, pois a imagem quando interrogada revela que não está isolada, como um objeto fechado, mas que está relacionada com outras imagens.

"Mirada complexa", como Català nomeia o ato de apreender imagens, não considera somente o que está em sua superfície, mas as inúmeras conexões estabelecidas por ela. Esse "olhar complexo" ajuda a desenvolver a percepção sobre os usos e funções das imagens e, principalmente, afrouxa os laços da realidade imagética (CARVALHO, 2020, p. 61). A mirada complexa desenvolve a relação entre as imagens e as dimensões subjetivas e objetivas, no espaço e no tempo, e no pensamento que provêm dessas articulações. A análise é direcionada de modo a "entender as consequências epistemológicas provenientes da imagem complexa" (CARVALHO, op.cit. p. 66), articulando a capacidade de não só pensar sobre as imagens, mas também pensar com elas.

Seguindo o pensamento de Carvalho (op.cit.), os diferentes níveis de complexidade aparecem conforme se estabelece uma conexão entre o observador e determinada imagem, fazendo com que o papel do observador seja fundamental. A complexidade também surge pelo não apego à imagem em concreto, mas quando se permite vê-la como parte. Nessa definição, Català também considera os aspectos de mobilidade e imobilidade da imagem estabelecendo: a imagem em movimento e a imagem estática. Antes só era considerada a imagem fixa, mas agora não se pode imobilizá-la por definitivo, porque o movimento é importante e a imagem nunca é vista por um único plano, mas é preciso entender o movimento nas imagens móveis para entender a imobilidade (CATALÀ DOMÈNECH; COSTA, 2015). Nesse momento, o conceito de imagem complexa converge, em parte, com o PNM, reconhecendo que objetos, pessoas, ideias e imagens se movem e são fixas, sobretudo, ao trazer a percepção das imagens, das fotografias, que fazem parte do imaginário.

Por estas transversalidades, incluímos as mobilidades nas categorias analíticas de Català para este estudo, e que mesmo os *cartes-de-visite* não estejam em circulação como uma prática semelhante à sua origem, hoje em dia eles continuam sendo mobilizados, sobretudo, nos meios virtuais, além deste ato de pesquisa e análise.

Reconhecendo que esses movimentos pretéritos refletem a complexidade dos significados e traduções das mobilidades no tempo presente, o conceito da imagem complexa nos instiga a ler as imagens para além da superfície, abrindo outras possibilidades de pensarmos as imagens sob um novo paradigma cultural, diferente dos pré-estabelecidos conceitos técnicos para leitura das imagens. São habilidades necessárias para o entendimento dos sintomas que uma sociedade, em cada tempo, produz através de sua estrutura visual (CARVALHO, 2020; CATALÀ, 2011).

A imagem complexa permite um procedimento qualitativo que se aproxima da análise semiótica, porque envolve elementos de percepção (a mirada complexa), de recepção e de leituras simbólicas. As interrogações direcionadas às imagens podem

se balizar em características dicotômicas, como opacidade e transparência, interativa e mero espectador. Existe também uma relação dialética entre a ausência e presença que, necessariamente, não se excluem: uma presença que afirma uma ausência e uma ausência que afirma uma presença (BUITONI, 2010).

A complexidade expõe a necessidade de observar elementos não somente da objetividade, mas também da subjetividade: “As imagens são lugares complexos nos quais se reúnem o real, o imaginário, o simbólico e o ideológico, e nos quais, portanto, iniciam-se constelações de significados” (CATALÀ, 2011, p. 8)”.

Apontamos até o momento aspectos que direcionam a construção dos imaginários (proto-)turísticos pelas intenções e mobilidades intrínsecas aos *cartes-de-visite*. Nesse sentido, cabe na próxima seção desenvolver com exemplos de retratos e imagens de alguns cartões que circulavam nas cidades brasileiras.

As interrogações sobre os cartes-de-visite do Brasil do século XIX

Os *cartes-de-visite* escolhidos para figurar nas análises propostas pertencem à coleção Brasilianas Fotográfica, portal digital de acervos fotográficos do Brasil e exterior fundado em 2015 pela Biblioteca Nacional e pelo Instituto Moreira Salles. O termo “*carte de visite*” foi utilizado nos campos de busca, como tema principal, e também busca dos assuntos correlacionados. Dos 112 *cartes-de-visite* disponibilizados pelo acervo, designamos sete exemplares, nos guiando pelos sintomas despertados pelas imagens nas três mulheres pesquisadoras. “Sintoma” é descrito por Català (2011, p.9) como um indicativo de um fenômeno amplo, que ocorre de forma espontânea, independente dos processos que compõem a obra e a vontade de quem o promove - “Nem tudo é simbólico, mas tudo é sintomático em maior ou menor medida”.

Este conjunto de imagens escolhido traz informações importantes para o estudo. Pode-se ir compreendendo mais sobre uma certa biografia cultural à medida que se pergunta para as imagens, o que elas dizem de pronto e o que elas podem dizer quando interrogadas, a partir de sua complexidade de símbolos e do que esses comunicam. O exercício de ler imagens, de ler o não dito é quase como o ato de revelar, trazendo em camadas mais e mais informações da imagem como discurso: de um grupo, de uma época, de um Brasil retratado por fotógrafos. Eram homens brancos que viajavam e que contratados deveriam contar sobre os valores de um país que procurava se afirmar como nação - através das fotografias que viajavam também.

Quem são as pessoas retratadas? Onde estão? Como estão? Por que estão? Quais são os objetos, símbolos e possíveis significados do que tem na imagem? O que se quis revelar? A quem serve? O que a retratada conta através do olhar? O que dela escapa às posturas impostas no cenário? O que o olhar da pessoa que observa pode trazer de novo a partir de seu repertório cultural? Se as imagens não são simples, quais pistas elas dão sobre as intenções de quem as produziu? O que as imagens carregam? De que Brasil se trata? Que imaginários de Brasil alimentam?

Cada uma das imagens discursa sobre tipos, denotando classe e pertença social e cultural. Ora exibindo a riqueza da coroa portuguesa, ora dos senhores escravistas - mesmo que não sejam eles os fotografados, ora discursando sobre o Brasil selvático a ser revelado. Aquele que deveria ser registrado pelas lentes e olhares estrangeiros dos retratistas do século XIX, contratados pela família imperial. O Brasil que começava a desenhar sobre o povo brasileiro e quem seria este.

O exercício de leitura destas imagens é também o exercício de leitura sobre o Brasil que se pretendia promover pelos *cartes-de-visite*. Portanto, as imagens devem ser lidas como discurso de um Brasil que se desejava ser compreendido, quiçá ordenado, seja no estúdio que reproduzia o ambiente externo, seja nas poses escolhidas e reproduzidas à exaustão ou nas roupas. Tudo é importante.

Nesse sentido, as imagens de D. Pedro II e da princesa Isabel (Figuras 5 e 6) são cruciais para entender o discurso sobre o império no Brasil e de uma elite que se mantém com costumes de civilidade europeia. Em meio a paisagem natural (vide o morro do Pão de Açúcar ao fundo, no Rio de Janeiro, atrativo de grande apelo turístico) encapsulada num estúdio, que demonstra a riqueza e fertilidade da terra a se descobrir, aparece uma fertilidade natural, mas também simbólica, que evoca o novo. Tais representantes da família imperial vestem roupas que denotam o lugar de superioridade sob o natural selvagem. Constatamos na roupa, mas também na postura escolhidas pelo fotógrafo.

Figura 5 e 6: D. Pedro II, Imperador do Brasil: retrato, 1883. Foto de Joaquim Insley Pacheco / Acervo FBN. Princesa Isabel menina. Foto de Revert Henrique Klumb. Rio de Janeiro, RJ, Brasil / Instituto Moreira Salles



Fonte: Brasiliana Fotográfica (s.d).

Nas Figuras 7 e 8, registros de mulheres negras, percebe-se que há um esforço em dizer sobre quem eram. No Brasil escravocrata, pessoas negras esgotáveis vezes eram retratadas em sua condição social, ou seja, pela lente do trabalho - pois não eram tidas como cidadãos. Na literatura (CEZAR; TEIXEIRA, 2020), encontramos facilmente esses “tipos” de mulheres negras; uma é a escravizada de ganho, a ganhadeira, a quituteira - aquela que comerciava nos centros urbanos vendendo em seus balaios frutas, quitutes e que voltava para entregar àquele que se dizia seu senhor, senhor de sua liberdade, de seu corpo o dinheiro ganhado no comércio das ruas.

Na figura da mãe-preta, muitas vezes descrita como a Mãe do Brasil, aquela que demonstrou o racismo e o sexismo (GONZALES, 1984) no espaço que ocupa na sociedade, observa-se uma mulher de ombros baixos, cansada, segurando a criança branca. Embora bem-vestida, há na imagem elementos de sujeição no olhar, na postura, no cansaço marcado; pela condição de vida, do momento retratado.

Figura 7 e 8: Escrava de ganho vendedora, [1864-1865]. Foto de Christiano Junior. Brasil, Rio de Janeiro / Museu Histórico Nacional. Antônio da Costa Pinto com a sua ama de leite, 1868. Foto de Antônio Lopes Cardoso. Salvador (BA) / Arquivo Nacional



Fonte: Brasileira Fotográfica (s.d).

Em ambas, percebe-se os tecidos em funções comuns nas tradições africanas, os da cabeça como proteção para o afazer ou religiosa, o da cintura que parece proteger o ventre e o da costa. Uma delas, descalça, lembra que calçar sapatos à época era impossível para pessoas negras - uma marca social reveladora sobre a escravidão, que lembra que os passos, os caminhos e a liberdade não eram do corpo escravizado. E as roupas? Alvas e engomadas eram do próprio estúdio e fotógrafo. Tais mulheres nos deixaram pistas em seus olhares - do cansaço, do descontentamento, da obrigação e quiçá do saber de si bem diferente do que o que se tentava retratar.

Conforme (MARTINS, 2021, p. 30), a população africana que sobreviveu às hediondas condições de seu sequestro e consequência travessia para o continente americano, foram depostos de sua humanidade e subjugados ao “perverso e violento sistema escravocrata, tornados estrangeiros, coisificados” e “desvestidos de seus sistemas simbólicos, menosprezados pelos ocidentais e reinvestidos por um olhar alheio, o do europeu”. Esse “olhar” presente na sociedade é expresso e percebido, não somente nas indagações feitas para os *carte-de-visite*, como também em suas respostas, revelando as complexidades dessas imagens.

A mulher negra baiana, diferente das outras duas, não encara o fotógrafo (Figura 9). Ela olha para o lado, em pose como se estivesse refletindo sobre algo, não designa função ou ofício. Mais ativa que as anteriores, ela comunica um status social relevante entre as mulheres de terreiro de Salvador, as “tias”, as “bairanas” que

comunicavam sua liberdade e cargo religioso nas joias que vestiam - as chamadas joias crioulas, são as primeiras do designer de joias brasileiro.

Figura 9: Mulher negra da Bahia, 1885.
Foto de Marc Ferrez, Salvador, BA, Brasil / Instituto Moreira Salles



Fonte: Brasileira Fotográfica (s.d).

A última imagem dessa seleção (Figura 10), retratado por Ferrez, o indígena Botocudo, parece-se com as mesmas que descreviam “tipos” de negros e de indígenas, de acordo com seus biotipos, escarificações, adornos etc. Possivelmente, uma tentativa de catalogar, demonstrar e mapear grupos étnicos. Uma denotação do contrário à civilidade, uma coisificação, um jeito de tratar que demonstra que o outro é aquele que difere dos padrões hegemônicos por isso, estranho, exótico, fora.

Figura 10: Índio Botocudo, 1876. Foto de Marc Ferrez. Sul da Bahia, BA, Brasil / Instituto Moreira Salles



Fonte: Brasileira Fotográfica (s.d).

As imagens comunicam, portanto, movimento e não movimento. Seja no olhar do fotógrafo estrangeiro, da sociedade brasileira, seja na leitura contemporânea de suas complexidades. De seus signos, o que será que se mantém no olhar e no interesse pelo Brasil, do século XIX aos dias atuais?

Considerações finais

Os *cartes-de-visite* foram parte relevante, ainda que indiretamente, da construção do imaginário de sociedade e do, então, incipiente imaginário turístico de Brasil. Pelo reconhecimento de que as imagens nos cartões se moviam, foi possível refletir sobre qual sociedade estava sendo apresentada/representada no final do século XIX, portanto, um imaginário sendo construído. Em conjunto com demais aspectos da história do turismo no Brasil, e em especial, no Rio de Janeiro, pudemos começar a compreender melhor este período e também estimular outras perguntas de pesquisa.

O desafio de se interpretar imagens do passado (não tão recente) com os olhares de pesquisadoras de hoje foi instigante. Ao decorrer do estudo, análises comparativas com as representações imagéticas atuais foram inevitáveis. Por isso, futuras análises comparativas entre as diversas formas de representação fotográfica que envolve o turismo e seus imaginários seriam extremamente enriquecedores para os estudos, como *cartes-de-visite*, cartões postais e as imagens de ultra circulação da rede social *Instagram*. Por outro lado, não podemos negar que os *cartes-de-visite* ainda se movem. Organizados e disponibilizados na coleção do IMS e Brasilianas Fotográfica eles ainda estão sendo estudados e sendo circulados. Contudo, com funções e leituras distintas.

Interessante pontuar também que a proposta do estudo se distancia das recorrentes análises das mobilidades imaginativas em meios virtuais em um contexto de modernidade atual mais fluida. A escolha do recorte pretérito para o debate atende a uma escassez de estudos que se dediquem a compreender de que maneira objetos e imagens do passado se relacionam com o fenômeno do turismo - com vistas a buscar entender eventuais representações e imaginários do presente.

Em suma, o presente trabalho pode contribuir para um rol (ainda que pequeno) de estudos sobre as mobilidades de objetos turísticos e de imaginários pretéritos. A falta de informações mais detalhadas sobre como, onde e com quem esses cartões de visita circulavam é uma limitação do estudo, porém o desenvolvimento das reflexões teóricas (sobre os cartões de visita e interseções com as mobilidades) e empíricas (análise do acervo escolhido) abre possibilidades inéditas e frutíferas para o desenrolar de questões de sobre turismo e fotografias que, ao serem produzidas socialmente, são

fruto das condições oferecidas pela realidade social que permeia sua produção, tendo dinâmicas específicas de movimento e dispersão.

Referências

ALLIS, T. Em busca das mobilidades turísticas In search of tourism mobilities. **PLURAL, Revista do Programa de Pós -Graduação em Sociologia da USP**, v. 23, n. 2, p. 94–117, 2016.

ALLIS, T.; MORAES, C. M. DOS S.; SHELLER, M. Revisitando as mobilidades turísticas. **Revista Turismo em Análise**, v. 31, n. 2, p. 271–295, 18 dez. 2020.

BOUKHRIS, L.; PEYVEL, E. O Turismo frente aos desafios dos paradigmas pós e decoloniais. **Via Tourism Review**, n. 16, 31 dez. 2019.

BITTONI, D. H. S. O registro imagético do mundo. **XIX Encontro da Compós, na PUC-Rio**, p. 1–17, 2010.

BURSTOW, S. The Carte de Visite and Domestic Digital Photography. **Photographies**, v. 9, n. 3, p. 287–305, 27 set. 2016.

CARVALHO, A. L. P. DE. **O Olhar Complexo de Joan Fontcuberta para Dis(Similar) a Verdade na Fotografia**. [s.l.] UNICAMP, 2020.

CATALÀ DOMÉNECH, J. M. **La imagen compleja**. Barcelona, Spain: Universitat Autònoma de barcelona, 2005.

CATALÀ DOMÉNECH, J. M.; COSTA, M. R. DA. Por um olhar complexo sobre a imagem. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 38, n. 1, p. 295–308, jun. 2015.

CATALÀ, J. M. Notas sobre el método. **Portal de la Comunicación InCom-UAB Lecciones del portal**, p. 1–13, 2011.

CATALÀ, J. M. A Rebelião do Olhar: introdução a uma fenomenologia da interface. **Parágrafo**, v. 3, n. 1, p. 35–44, 12 mar. 2015.

CEZAR, T. B. D. V.; TEIXEIRA, R. G. MEMÓRIA, FOTOGRAFIA E IDENTIDADE O protagonismo negro nas *cartes-de-visite* de Albert Henschel. Em: **Desenredos** . [s.l.: s.n.]. v. 34p. 1–229.

CHAMBERS, D.; BUZINDE, C. Tourism and decolonisation: Locating research and self. **Annals of Tourism Research**, v. 51, p. 1–16, 1 mar. 2015.

DUBOIS, P. **O Ato Fotográfico e Outros Ensaios**. 1ª Edição ed. Campinas, SP: Papirus Editora, 1993.

FREIRE-MEDEIROS, B.; CASTRO, C. Destino: Cidade Maravilhosa. Em: CASTRO, C.; GUIMARÃES, V. L.; MAGALHÃES, A. M. (ORGANIZADORES). (Eds.). **História do**

turismo no Brasil / Celso Castro, Valeria Lima Guimarães e Aline Montenegro Magalhães (organizadores). Rio de Janeiro: FGV, 2013. p. 13–36.

FREIRE-MEDEIROS, B.; LAGES, M. P. A virada das mobilidades: fluxos, fixos e fricções*. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 123, p. 121–142, 1 dez. 2020.

GASTAMINZA, F. D. V. La carte de visite: el objeto y su contexto. Em: GIL-DÍEZ USANDIZAGA, I. (Ed.). **Cartes de visite, retratos del siglo XIX en colecciones riojanas**. Rioja, Spain: [s.n.]. p. 11–32.

GODOY, K. E.; LEITE, I. D. S. Turismo e fotografia: um estudo bibliométrico sobre o uso de metodologias de análise da imagem nas pesquisas em turismo. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 13, n. 3, p. 71–91, 24 ago. 2019.

GONZALES, L. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, p. 223–244, 1984.

GRAVARI-BARBAS, M.; GRABURN, N. Imaginários turísticos. **Via Tourism Review**, n. 1, 16 mar. 2012.

LEITE, M. E. As fotografias cartes de visite e a construção de individualidades. **Interin**, v. 11, n. 1, p. 1–16, 2011.

MARTINS, L. M. Afrografias da memória : o Reinado do Rosário no Jatobá. p. 253, [s.d.].

MAVRIČ, M.; URRY, J. Tourism Studies and the New Mobilities Paradigm. Em: **The SAGE Handbook of Tourism Studies**. 1 Oliver's Yard, 55 City Road, London EC1Y 1SP United Kingdom : SAGE Publications Ltd, 2009. p. 646–658.

PEARCE, L. Mobility, Memory and the Lifecourse in Twentieth-Century Literature and Culture. **Mobility, Memory and the Lifecourse in Twentieth-Century Literature and Culture**, 2019.

PERROTTA, I. A construção dos atrativos turísticos do Rio de Janeiro a partir de seus primeiros guias para viajantes . Em: **História do turismo no Brasil**. [s.l: s.n.]. p. 14–37.

PIGLIA, M. The awakening of tourism: the origins of tourism policy in Argentina, 1930–1943. **Journal of Tourism History**, v. 3, n. 1, p. 57–74, 1 abr. 2011.

SALAZAR, N. B. Tourism Imaginaries: A Conceptual Approach. **Annals of Tourism Research**, v. 39, n. 2, p. 863–882, abr. 2012.

SANTA CRUZ, M. T. DA. **Retratos e postais: história da técnica e percurso de fotógrafos na cidade de São Paulo entre os anos de 1850 a 1915**. São Paulo: [s.n.].

SANTOS, B. D. S.; ARAÚJO, S.; BAUMGARTEN, M. As epistemologias do Sul num mundo fora do mapa. **Sociologias**, v. 18, n. 43, p. 14–23, 2016.

SHELLER, M. Theorising mobility justice. **Tempo Social**, v. 30, n. 2, p. 17–34, 28 jul. 2018.

SHELLER, M.; URRY, J. The new mobilities paradigm. **Environment and Planning A**, v. 38, n. 2, p. 207–226, 2006.

SILVA, V. DA. Mobilidades e viagens imaginativas: o papel da Associação de Estradas de Rodagem para o turismo em São Paulo (1919-1930). 27 set. 2019.

SIQUEIRA, E. D.; SIQUEIRA, D. DA C. O. Corpo, mito e imaginário nos postais das praias cariocas. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 34, n. 1, p. 169–187, jun. 2011.

SONTAG, S. **Sobre A fotografia**. 1977.

SPENNEMANN, D. H. R. ‘Your’s Truly’: The Creation and Consumption of Commercial Tourist Portraits. **Heritage**, v. 4, n. 4, p. 3257–3287, 1 dez. 2021.

URRY, J. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Editora Studio Nobel/SESC, 2001. v. 4

URRY, JOHN. **Mobilities**. p. 335, 2007.

USLENGHI, A. *Cartes-de-visite*: el inconsciente óptico del siglo XIX. **Revista de Estudios Hispánicos**, v. 53, n. 2, p. 515–536, 2019.

WANDERLEY, A. C. T. **Cartões de visita – cartes de visite | Brasiliana Fotográfica**. Disponível em: <<https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=3873>>. Acesso em: 12 fev. 2023.

Imagens com referências on-line

Figura 01: Fundação Biblioteca Nacional. Brasiliana Fotográfica | Retrato de homem (em pé). Guimarães, José Ferreira. Recuperado em 04 dez. 2021. <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/5396>

Figura 02: Fundação Biblioteca Nacional. Brasiliana Fotográfica | Retrato de homem (verso) - Christiano Jr. e Pacheco. Recuperado em 04 dez. 2021. <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/3933>

Figura 03: Fundação Biblioteca Nacional. Brasiliana Fotográfica | Retrato de criança (verso) - Photographia Allemã; Barza, Recuperado em 04 dez. 2021. <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/3930>

Figura 04: Fundação Biblioteca Nacional. Brasiliana Fotográfica | Família Imperial - Stahl, Augusto. Recuperado em 04 dez. 2021. <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/3916>

Figura 5: Fundação Biblioteca Nacional. Brasiliana Fotográfica | Dom Pedro II, um entusiasta da fotografia. Rio de Janeiro, 02 dezembro 2016. Recuperado em 30 nov. 2021 <https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2016/12/brasiliana-fotografica-dom-pedro-ii-um-entusiasta>

Figura 6: Fundação Biblioteca Nacional. Brasileira Fotográfica Revert Henrique Klumb, o fotógrafo da família real do Brasil. Rio de Janeiro, 31 agosto 2016. Recuperado em 30 nov. 2021. <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=5809>

Figura 7: Fundação Biblioteca Nacional. Brasileira Fotográfica | O fotógrafo açoriano Christiano Junior (1832 – 1902) e sua importante atuação no Brasil e na Argentina. Rio de Janeiro, 21 de setembro 2018. Recuperado em 30 nov. 2021. <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=11149>

Figura 8: Fundação Biblioteca Nacional. Brasileira Fotográfica | Antônio da Costa Pinto com a sua ama de leite (1868). Recuperado em 12 fev.2023. <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/4953>

Figura 9: Fundação Biblioteca Nacional. Brasileira Fotográfica | Mulher negra da Bahia, 1885. Foto de Marc Ferrez, Salvador, BA, Brasil / Instituto Moreira Salles . Recuperado em 12 fev. 2023. <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/2570>

Figura 10: Fundação Biblioteca Nacional. Brasileira Fotográfica | O brilhante cronista visual Marc Ferrez (RJ, 07/12/1843 – RJ, 12/01/1923). Rio de Janeiro, 07 dezembro 2016. Recuperado em 30 nov. 2021. <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=13570>

CAPÍTULO 5

Lugares em movimento e em resistência: A Escola de Samba Vai-Vai em seus processos móveis no bairro do Bixiga (São Paulo)

Bárbara Helenni Gebara Santin

Felipe Zaltron de Sá

Carlos Lúcio Martins

Introdução

No momento contemporâneo, a mobilidade tem sido incorporada em altos níveis nas unidades sociais, desde os processos urbanos de modernização até os movimentos acadêmicos. Nesta relação, o Turismo, atrativo e impulsionador da crescente mobilidade, abarca e interpela as dialógicas do mundo contemporâneo ao tentar apreendê-las nas suas multidimensões complexas (DE SÁ; GASTAL, 2021).

Com isso, pensar em movimento tem sido um desafio para o momento, principalmente devido ao contexto da pandemia da Covid-19 e seus reflexos socioculturais, econômicos, políticos e ideológicos. Portanto, refletir os lugares, sejam turísticos ou não, faz parte das contribuições para repensar a mobilidade. Pode-se considerar que o conceito de lugar é revisitado por diversas disciplinas, o que nos leva no presente texto a utilizar conceitos geográficos e sociológicos.

Metodologicamente, a pesquisa de teor ensaístico-reflexivo, busca na bibliografia e em entrevistas secundárias (jornais, sites e páginas na internet) refletir e analisar os lugares em movimento. Neste viés, alcança-se o Bairro Bixiga, na metrópole São Paulo, que como toda cidade está interpelada por ruas que podem ser percebidas como percursos territoriais repletos de subjetividades e subjetivações que dão margem à uma interpretação móvel do espaço, bem como os lugares antes fixos. No contexto aqui estabelecido, une-se a Escola de Samba Vai-Vai e os seus caminhos percorridos durante seus ensaios pelas ruas do bairro. O objetivo da pesquisa é analisar os lugares em movimento da Escola de Samba Vai-Vai, entrelaçando suas afetividades, suas resistências e suas tensões, por meio de discursos e práticas históricas e contemporâneas descritas e identificadas em bibliografia sobre o assunto e em matérias jornalísticas, como fontes de problematização (BORGES, 2022).

Estruturalmente, o presente texto apresenta, em subcapítulos, os conceitos de mobilidade, lugar e lugares em movimento, para após relatar brevemente o histórico

do Bairro Bixiga e da Escola de Samba Vai-Vai até os dias atuais. Ao fim apresenta as considerações não-finais, em que se interpreta a relação da Vai-Vai com o bairro Bixiga e as movimentações, tanto materiais quanto imateriais, causadas pela sua presença.

Mobilidade: dos territórios aos lugares (em movimento)

Conceitualmente, as mobilidades têm sido revistas por diversas disciplinas, não só transformando a discussão em inter e multidisciplinar, mas também agregando teorias do Turismo, da Geografia e da Sociologia. Aqui focaremos nos aspectos teóricos derivados da Geografia, em especial o território e o lugar, incorporando visões sociais e culturais, interpeladas pelo político e ideológico.

Espaço é sempre cultural (HARVEY, 2012), pois no espaço estão as interpretações relacionadas à subjetividade das percepções (vivido, percebido e concebido) e das relações humanas que, conseqüentemente, têm a cultura como elemento de movimento e humanidade (HOLZER, 2013). O espaço cultural vivido e construído pelo(s) sujeito(s) está mediado *no* e *pelo* corpo, na relação do corpo com os diferentes ambientes, objetos e pessoas no cotidiano.

Independente do quadro cultural e histórico, a origem do que se experimenta geograficamente está no espaço corporalmente vivido (SEAMON, 1980). A partir do estudo da corporeidade do espaço vivido, é possível analisar os hábitos construídos, o que é o caso do objeto de análise do presente texto – a Escola de Samba Vai-Vai, pois o samba é pura corporeidade. E, para além do samba-música, existe uma corporeidade que se faz presente por meio de uma mobilidade construída e realizada a partir da necessidade de fazer (re)existir o lugar – mesmo que esse lugar seja o trajeto pelo bairro, o trajeto histórico da escola, ou o trajeto dos sujeitos que estão interpelados nestes lugares.

Para Jameson (2002), pensar o momento contemporâneo só é possível se for representado *em movimento* (teórico, metodológico e prático). Com isso, o *ser-estar* no mundo contemporâneo pode e deve ser (re)pensado pelo viés da Mobilidade. Ou como dizem Lash e Urry (1994), as alterações significativas da mobilidade corpórea, imaginativa, de objetos e virtual dos sujeitos implicam em efeitos significativos sobre as unidades sociais¹, da aceleração do movimento respaldando em como as pessoas experimentam o mundo e produzem a subjetividade. A mobilidade, ao mudar a experiência do *ser-estar* no mundo, transforma e invade o cotidiano e, com isso, o modo de ver, de sentir e de presenciar os *lugares*.

1 A estrutura social não é somente material, mas também cultural e, portanto, os sujeitos estão submetidos a diversas relações e imposições que se estabelecem, tanto territorial, quanto culturalmente, os identificando socialmente enquanto unidades.

Cresswell (2006) coloca que a mobilidade é a “produção social em movimento”, o que significaria dizer que enquanto sociedade ultrapassamos “(...) a capacidade do corpo humano de se localizar, de organizar perceptivamente o espaço circundante e mapear cognitivamente sua posição em um mundo exterior mapeável” (JAMESON, 2002, p. 70). Por outro lado, o território cultural nos faz criar conexões cartografadas sentimentalmente, em que a subjetividade e as subjetivações deslocam os sujeitos pelos espaços, em que o corpo afetivo, político e cultural interpela as performatividades.

Mesmo que o Turismo e suas mobilidades produzam suas peculiaridades relacionadas ao lazer no espaço e, conseqüentemente, nos lugares – ao mesmo tempo se entrelaçam com outras (i)mobilidades – então é possível pensar um Turismo *no e do* cotidiano. Os autores Allis, Moraes e Sheller fazem uma alusão a essa possibilidade de análise espacial do Turismo quando dizem que “as mobilidades turísticas envolvem complexas combinações de movimentos e pausas, realidades e fantasias, lazer e trabalho” (2020, p. 276). O Turismo envolve todos esses aspectos. O cotidiano também.

Desta maneira, considerar os conceitos de “fluxos” e de “fixos” – conceitos pensados e discutidos por Milton Santos (2008) – permite retomar aproximações com o conceito de território em uma nova dimensão para buscar conceitualmente a mobilidade. Entende-se que os fluxos implicam em tudo que está em movimento no território, do movimento do trânsito aos movimentos comerciais, das ideias e informações às expressões culturais, entre outros, que ao mesmo tempo que impactam o território, o constituem (GASTAL, 2006). Assim posto, as velocidades, os ritmos, as fricções e as intensidades dos fluxos modificam tanto o local, quanto o global, seja no encolhimento e/ou na expansão, em termos de percepção. A desterritorialização que se sobrepõe implica em “um novo estado ontológico em livre flutuação, um estado no qual o conteúdo foi definitivamente suprimido em favor da forma” (JAMESON, 2001, p. 162).

Na mesma lógica, os fixos – parte material da unidade societal –, submetidos ao movimento, adquirem função, conteúdo e sentido, sejam eles privados ou públicos, o que inclui outras ressignificações a partir de seu impacto sobre as materialidades (em especial os *lugares*), mas também sobre as subjetividades (SANTOS, 2008). É nessa relação que o lugar, enquanto categoria fixa e territorializada, herdada da Modernidade, perde dimensão e força para entendimento do contemporâneo, a menos que seja ressemantizado a partir do conceito de rede. Pensar o lugar a partir da/em rede, para dar conta das novas relações de *ser-estar* no mundo, significa considerar os fluxos (movimentos) não só no seu interior, mas rompendo com as amarras do território, espacial e temporalmente, redimensionando-se como o centro de significado imbuído de poder (CRESSWELL, 2006) ou como *places in play* (lugares em

movimento) e *places to play* (lugares turísticos) (SHELLER; URRY, 2004; ALLIS; MORAES; SHELLER, 2020).

Os lugares turísticos e os turistas fazem parte de um sistema mais amplo, o qual abarca os estudos relacionados às mobilidades (ALLIS; MORAES; SHELLER, 2020; SHELLER; URRY, 2004).

A partir do momento em que o Turismo cria e/ou se apropria de lugares (ou do conceito de lugar) para se fazer presente, nada impede que o cotidiano desses lugares – e dos sujeitos e objetos que neles se movem – aguçe a curiosidade ou a motivação do turista, até mesmo porque a ideia de lugar está relacionada à criação de afetividades e hábitos no espaço, o que acontece no cotidiano (TUAN, 1979; HOLZER, 2003). Aquele turista que deseja estar em contato com o mínimo de cotidianidade busca por lugares no qual é possível vivenciar o cotidiano local (mesmo que seja uma vivência diferente da vivência do morador ou frequentador do lugar, o que gera diferentes afetividades).

Em consonância com o olhar das mobilidades, para que um lugar seja considerado turístico não basta somente que ele receba turistas, pois há outros fatores que se movem e corroboram para que um local específico tenha poder de atração turística (ALLIS; MORAES; SHELLER, 2020). Sendo assim, além dos turistas, há uma gama de coisas, lugares, ideias, sentimentos etc. – materialidades e imaterialidades – que dão movimento e, ao mesmo tempo, distância e proximidade aos lugares, fazendo, dessa maneira, com que os lugares, metaforicamente, se movam.

Em movimento, os lugares também são considerados como espaços de cultura, política, afetividade e resistência, sem desconsiderar o ideológico. É no lugar que o sujeito desloca e move seus modos de habitar, construir relações, estar conectado com o passado e projetar o futuro. A percepção de lugar dá vida ao espaço, o preenche de significados e significantes. A variedade de significados e de significantes pode ainda acarretar um conflito entre ideais, valores e crenças, interpelado pelo político e o ideológico.

Lugar, segundo Tuan (1979), além dos significados usuais da linguagem informal, possui um significado um pouco mais profundo: lugar tem traços particulares e sentido (em permanente desconstrução). A apreciação estética e a sensibilização dos cinco sentidos do corpo humano geralmente acontecem em um lugar, já que o mesmo acaba requerendo uma proximidade maior com o ambiente (HOLZER, 2003), e daí a performatividade *do* e *no* lugar.

É imprescindível para a análise dos lugares o dinamismo e o movimento que qualifica a cultura, ou seja, é preciso ir além de uma ideia imobilizada da cultura, rememorando que as experiências subjetivas e grupais (e sua qualidade ativa) no

espaço é o que torna a cultura dinâmica. As experiências espaciais (ou no lugar) surgem dos hábitos e de como os sujeitos interpretam o *ser-estar* no mundo a partir desses hábitos. Nessa comunicação repleta de significados e significantes, que acontece entre meio e sujeitos, é estabelecido o *lugar*.

No entanto, o lugar por estar em movimento, também está sujeito a ser interpelado por outros sujeitos, em que novamente estão incluídos o político e o ideológico. As relações de poder que acontecem no lugar fazem com que diferentes sujeitos experienciem a mesma coisa de maneiras diferentes, incluindo o olhar também diferente de turistas e visitantes. A “análise” que o visitante faz do lugar é, geralmente, *estética*, pois ele não possui a mesma conexão com o local que os moradores possuem; mesmo assim ainda é possível que o lugar seja reconhecido ou percebido como lugar quando existe uma afetividade em relação ao local, ainda que seja necessário algum tipo de atenção ou interesse especial para que haja uma conexão com os valores e o modo de ver o mundo dos habitantes ou frequentadores do lugar (TUAN, 1974).

A partir disso, podemos pensar complementarmente em duas práticas simbólicas em relação ao lugar: as oficiais e as populares, que por vezes se entrelaçam, e por vezes se tensionam. As práticas simbólicas oficiais seriam referentes à celebração de pessoas e eventos nacionais através de monumentos ou eventos cívicos; já as práticas simbólicas populares têm a ver com as manifestações culturais repletas de tradição popular local e vínculo identitário com o lugar (CORRÊA, 2012). Essa diferenciação delimita lugares conforme os significados das práticas simbólicas efetuadas.

Sobre a interação existente entre a cultura de um lugar e os sujeitos que vivenciam cotidianamente tal cultura, por um lado temos uma cultura dada, posta pelo lugar, signo de lugar, estático – sempre criada e recriada pelos sujeitos –; por outro lado, temos as aspirações dos sujeitos, isto é, as possibilidades de ação e de transformação dessa cultura para que ela permaneça em movimento.

Para pensar a Escola de Samba Vai-Vai e os sujeitos da Vai-Vai, elencam-se os lugares em movimento e os lugares de práticas simbólicas tensionados em um fluxo e fixo territorial e cultural partindo do próprio bairro Bixiga. Refletindo inicialmente sobre os tensionamentos e confrontos históricos do bairro Bixiga e sua intrínseca relação com a Escola de Samba Vai-Vai.

Bixiga: celeiro musical

O bairro do Bixiga – já formado com ruas e terrenos à venda – é considerado oficialmente fundado quando imigrantes italianos chegaram, em 1878, apesar de sua construção já ter sido iniciada anteriormente (SOARES, 1999; BARBOSA, 2013; LUCENA, 2021; MENEGHEL; GIMENES-MINASSE, 2021). Os “Campos do Bexiga” pertenciam ao distrito chamado Bela Vista.

Soares (1999) e Lucena (2021) dizem que para os negros “libertos” após 1888¹, foram reservadas as baixadas, mais próximas dos rios, áreas consideradas desfavorecidas por serem íngremes e vulneráveis a inundações, chamado de quilombo da Saracura. Para os imigrantes italianos foram direcionadas as áreas um pouco mais valorizadas e centrais.

As formas de apropriação dos espaços – o que no Bixiga está muito relacionado à musicalidade, desde sua fundação – instituíram um estilo de vivência coletiva que é acompanhado de história e memória (LUCENA, 2021). Mesmo assim, havia um limite de convivência entre imigrantes italianos e negros, devido à cultura racista europeia, obrigando que os moradores negros tivessem somente alguma expressão musical nas festividades do bairro. Sendo assim, as musicalidades e os lazeres deste grupo estavam limitados a acompanhar as procissões religiosas, como o culto à Madona Achiropita, com instrumentos africanos de percussão (SOARES, 1999).

Este tensionamento das expressões culturais e mobilidades entre italianos e negros se reflete nas expressões musicais que dão identidade e movimento ao bairro a partir do samba, do chorinho, do tango, da seresta, da poesia e dos blocos carnavalescos, o que em dias atuais parecem refletir como marcas de arte, história e pertencimento de quem habitou a atmosfera cultural do Bixiga.

Esta mudança de percepção em relação às expressões musicais e culturais se faz presente a partir dos anos 70, quando o bairro do Bixiga passa a ser inserido no mercado do lazer e do Turismo com a abertura de bares, teatros e cantinas, modificando de forma intensa algumas características do bairro como, por exemplo, a “vida em comunidade” (SOARES, 1999, p. 13). É a partir dos anos 80 que o Bixiga alcança sua visibilidade em termos culturais, chamado até de Belle Époque (RIBEIRO, 2020).

Durante o passar dos anos, o tensionamento entre os primeiros moradores do bairro transformaram o espaço em territórios culturais e políticos, manifestando memória, festividade, culinária e fé, elementos herdados principalmente dos

1 Assinatura da Lei Áurea.

imigrantes italianos (mostrando uma relação de poder imperativa pelos brancos). Uma das únicas manifestações que ainda perdura, com duras batalhas, é o samba.

A multiculturalidade, disputada por diferentes relações de poder, fez com que o bairro do Bixiga fosse mercantilizado como *tradicional*. Nas propagandas relacionadas ao Turismo é um bairro considerado “boêmio, religioso, tradicional, festivo e cultural” (MENEGHEL; GIMENES-MINASSE, 2021, p. 329). Nessa relação, um dos principais atrativos do bairro, do ponto de vista cultural e turístico, está na Escola de Samba Vai-Vai, incluída em um roteiro gratuito elaborado pela São Paulo Turismo.

A música ou a musicalidade característica do Bixiga é geradora do sensível, da socialização e promove significações e simbolismos de pertencimento, instituindo impressões na memória e na oralidade histórica. Deste modo, o Bixiga como território e lugar percebido, se faz presente nas canções e nas falas de seus sujeitos (LUCENA, 2021).

O Bixiga possui um movimento e uma espacialização próprios devido ao convívio social e à receptividade. Neste sentido, o cotidiano do bairro promove um envolvimento corporal do sujeito com o espaço até que este seja apropriado por aquele. Essa apropriação é passível de ocorrer obviamente com o morador do local, mas também com o frequentador e o visitante. Em relação a esse último, os sujeitos que se propõem a realizar passeios pelo bairro precisam se atentar para identificar os sinais instaurados na rede espacial e móvel do Bixiga pelos diferentes grupos sociais, os quais estão conectados com os seus diversos territórios (LUCENA, 2021).

Os usos espaciais do Bixiga representam uma forma particular de se colocar no mundo, de dar significado a um “estatuto”, como diz Lucena (2021, p. 233), o que permite uma identificação quase que imediata das identidades socioculturais, que enfatizam ora o italiano e ora a cultura negra, dependendo da festividade no momento. Deste modo, analisar os usos do espaço e as mobilidades no bairro acarreta o entendimento dos seus lugares de práticas simbólicas e, conseqüentemente, dos seus tempos.

Um dos lugares de práticas simbólicas do bairro, o qual é construído *no e durante* o tempo, é o samba, e mais especificamente o *fazer samba*. De acordo com Lucena (2021), muitos moradores ou proprietários de estabelecimentos no bairro veem o Bixiga como um território de mescla entre negros e italianos, que nas festividades se expressa na festa da Achirópita e no samba de raiz, através, principalmente, da Vai-Vai. Em relação a este último, muitas de suas letras de samba são escritas em homenagem ao bairro; a Vai-Vai incentiva a musicalidade e sua diversidade no Bixiga, sempre se preocupando em destacá-lo em suas canções, e

também remetendo ao Quilombo da Saracura – berço da Vai-Vai, como mostra o samba-enredo intitulado “Orgulho da Saracura” de 1980:

“(…) Traz a turma do Sardinha
E as rainhas do Bexiga em madrigais
Traz a Dona Castorina
A Iracema, Seu Livinho e tantos mais
Saracura
Deu futebol, chorinho
Amor a pão e vinho (…)”

O Bixiga transborda musicalidade, além de atualmente ser possível ouvir diversos estilos como o forró, o jazz e o rock, o samba se faz presente desde a fundação do bairro e originou muitos compositores e sambistas, tudo isso através da Vai-Vai. Inclusive, é destacado pelo Mestre Tadeu que com 47 anos de história com o samba, relata que:

A renovação de mestres é muito importante. Ninguém é eterno. O que está faltando são alguns mestres respeitarem os antigos. Nós sofremos no tempo da ditadura pra conseguir manter o samba. Para o mestre ficar tanto tempo numa bateria ele tem que ter responsabilidades em tudo (MATTOS, 2019).

Em relação à Vai-Vai como atrativo turístico, há um fator em particular que se imbrica com essa questão: a cotidianidade. Que os ensaios da Vai-Vai nas ruas do Bixiga são um atrativo turístico e dão movimento aos lugares do bairro já se sabe, mas há também a questão do cotidiano das pessoas envolvidas nos processos, no tempo e nos lugares do Bixiga que oferecem uma peculiaridade ao atrativo “Bixiga e Vai-Vai”. Corroborando com essa ideia, no dia 25 de janeiro de 2023 a Escola Vai-Vai postou o seguinte comentário em sua página oficial do Facebook:

No dia do aniversário de São Paulo, nada melhor do que relembrar e cantar o Carnaval de 2004, quando a cidade completou 450 anos e nós levamos pra avenida o enredo “Quem nunca viu o samba amanhecer... Vai no Bixiga pra ver”. Um desfile que exaltou o bairro mais cultural, alegre, tradicional, africano e italiano de São Paulo: o Bixiga!

Vai-Vai: breve histórico

As pessoas são muito importantes dentro da Vai-Vai, o que é percebido durante os ensaios e os encontros; nesses momentos o acolhimento e os laços criados em grupo são os motivadores para que a Vai-Vai seja uma Escola harmônica e querida por muitos. Essa característica de união está presente na Vai-Vai desde sua criação – e quando ainda era Cordão –, e segue presente nas letras dos sambas-enredo, as quais homenageiam a todo momento seus antigos integrantes (SANTOS; TERRA; ASSIS, 2011).

No início do século XX, os residentes do Bixiga tinham como opções de lazer a festa de Nossa Senhora Achiropita de origem italiana e o “samba de bumbo” de origem negra. Além das tradições étnicas, existiam os jogos de futebol e os encontros musicais. Como acompanhamento das partidas futebolísticas, havia um grupo de samba que sempre participava desses eventos e, por isso, passou a ser reconhecido como o grupo que “vai a qualquer lugar”, e devido a atritos entre os membros do clube de futebol “Cai-Cai” e os membros do grupo de samba, este último passou a se chamar “Vai-Vai” para logo após se transformar em cordão carnavalesco, mais especificamente no dia 1º de janeiro de 1930, nas imediações do Rio Saracura (SOARES, 1999).

Sobre os cordões carnavalescos, eles são expressões que foram se desenvolvendo ao passar do tempo através dos grupos negros e através de elementos de outras expressões culturais, as quais tiveram uma ressignificação, ocasionando assim uma nova maneira de pular carnaval e de resistir às imposições de lazer branco, de origem europeia da época (SOARES, 1999).

Essa visibilidade social aos negros e à cultura negra importa e é necessária, a partir do momento em que o processo de modernização – branco, patriarcal, europeu – se apropria dessa cultura para estabelecer uma dinâmica de relações em que a cultura negra é vista como algo somente lúdico, ou até mesmo ridicularizado, excluindo toda uma atmosfera política e de resistência dessas expressões culturais. Por isso, os grupos negros criaram, nas palavras de Soares (1999, p. 85), um “mundo institucional paralelo” ao mundo dos brancos, para que fosse possível dar espaço para seus modos de socialização e para as expressões de sua cultura.

Quando o popular, em especial os lugares de práticas simbólicas populares, passam a integrar macro-lugares, este lugar torna-se um lugar de prática simbólica oficial. A partir deste momento, este macro-lugar compartilha sujeitos, materialidades, calendários de eventos, visitas turísticas etc. Conforme a quantidade de participantes do cordão foi crescendo, seus ensaios começaram a ocorrer nas ruas do Bixiga, pois não havia sede. Apesar disso, o cordão Vai-Vai era querido pelos moradores do bairro,

sendo ajudado com contribuições que eram arrecadadas através do “Livro de Ouro”, o qual era passado de casa em casa pelos integrantes do cordão (SOARES, 1999).

A partir dos anos 60, os cordões de São Paulo iniciaram o processo de transformação em escolas de samba. O Vai-Vai, mais especificamente, mudou de cordão para escola em 1966. Dois anos depois, em 1968, Domingos Barone, o primeiro integrante branco ingressa na Escola de Samba Vai-Vai, até então formada somente por negros. É a partir desse ano também que as escolas de samba de São Paulo passam a ser organizadas dentro dos moldes cariocas, o que significava que “com uma maior ênfase na estrutura hierárquica, a escola necessitou da presença de brancos de classe média, devido ao aumento de custos com o carnaval” (SOARES, 1999, p. 42).

Antes dos processos de mudança dos cordões carnavalescos nos anos 60 e 70 se iniciarem, os desfiles eram vistos como expressões inatas das porções sociais paulistanas mais pobres, imbuídos de grande capacidade para o improviso e a originalidade, sem necessariamente seguir uma regra estabelecida. Após a mudança dos cordões para o formato de escola de samba, os desfiles de carnaval começaram a possuir regulamentos que eram definidos a partir do modelo de carnaval carioca.

Nos anos 70 a Vai-Vai se consolidou como uma das mais importantes escolas de samba de São Paulo, estando sempre entre as três primeiras escolas nos desfiles, fazendo com que a quantidade de associados e participantes aumentasse. E, mesmo que a Vai-Vai fosse uma escola de samba inclusiva e acolhedora, ainda era formada por uma maioria negra (SOARES, 1999).

Nas décadas de 80 e 90, a partir de uma apropriação das manifestações carnavalescas pelas classes média e alta de São Paulo, “as relações se dão, de uma maneira mais clara, ‘de cima para baixo’, (...) [com] demandas vindas dos patrocinadores e da indústria cultural televisiva que passam a ver o carnaval paulistano como uma [fonte] de lucros” (BARONETTI, 2013, p. 20). Ainda segundo o autor, essa imposição do lucro e do carnaval como produto do mercado cultural fez com que o governo retirasse os desfiles das ruas – espaço que foi conquistado pelos negros e pobres para manifestar suas resistências, mesmo que as classes hegemônicas as negassem o tempo inteiro – e os confinasse em locais menos democráticos: o sambódromo e as quadras.

Nos dias atuais, a Vai-Vai é uma escola formada pelos descendentes dos sambistas do passado que ressignificam o samba de raiz. Assim, é possível dizer que reorganizar expressões antigas do carnaval é fortalecer o pertencimento afro-paulista para os grupos negros; ao mesmo passo que reforça uma identificação com o bairro do Bixiga – presente nos sambas-enredo (LUCENA, 2021). Com esses movimentos

históricos, espaço-temporais e de poderes analisa-se, no que segue os lugares em movimento, que a Vai-Vai está deslocada, em que muitas vezes sofre com o político e o ideológico, assim como na sua história.

Vai-Vai: lugar(es) em movimento nos cotidianos

Existem dois lugares a serem discutidos aqui: [1] a Escola de Samba Vai-Vai enquanto grupo formado por pessoas que se reúnem em lugares colocados em movimento, portanto, lugares de práticas simbólicas; e [2] os lugares ainda fixados no território, que são colocados em movimento e que se reapresentam como lugares de práticas simbólicas, seja a rua, seja o cotidiano. Inicia-se pela descrição do momento de encontro com o ensaio da Vai-Vai por Soares (1999, p. 80) representando um lugar que está em movimento, tomado por corpos, objetos e sons em movimento:

Verão paulistano, final de tarde de Domingo. Na Av. Nove de Julho, os congestionamentos diários cedem espaço para o andar despreocupado dos transeuntes nas calçadas e o barulho do trânsito é substituído pelo pagode na mesa dos bares. Caminhando em direção à Praça 14 Bis, é possível perceber uma grande movimentação na Rua São Vicente, no velho bairro do Bexiga. A batucada e a grande concentração de negros anunciam: chegamos ao Vai-Vai.

Em sua maioria, as escolas de samba possuem uma quadra para que os ensaios técnicos sejam realizados. No caso da Vai-Vai, os ensaios não acontecem na quadra por ela ter um tamanho pequeno, portanto ocorrem pelas ruas do Bixiga e a quadra é utilizada para reuniões, concursos, venda de fantasias e algumas festas, tornando-se um símbolo da resistência negra no Bixiga.

Mas esse símbolo de resistência tem estado sob constante ameaça devido à crescente especulação imobiliária no bairro. Para Pereira (1983), alguns residentes do bairro alegavam que os ensaios eram barulhentos e que sambistas reunidos era *algo perigoso*. Essas reclamações eram provenientes de moradores que haviam acabado de chegar no bairro para habitar os novos edifícios construídos. Vê-se a estrutura de poder dominada por brancos italianos, em que para o bairro, a dominação cultural ainda prevalece, e mesmo a apropriação corre perigo de exclusão.

A Vai-Vai possui um histórico de lutas e resistências em relação à conquista de um espaço para a Escola. Em 1970, devido à construção do Minhocão (viaduto que liga a Praça Roosevelt à Barra Funda) a Vai-Vai mais uma vez enfrentou problemas com a localização de seu barracão/quadra. Então há um tempo os ensaios da Escola são realizados nas ruas do bairro do Bixiga.

O principal “evento” organizado pela Vai-Vai é o ensaio, sendo este dividido em dois tipos: o *ensaio de canto e dança* e o *ensaio geral*. Este último se inicia em

novembro, representando a reta final para o desfile de carnaval em fevereiro/março. Todos eles acontecem na rua e os compositores conduzem os ensaios de um palco disponibilizado pela Prefeitura.

Há nos ensaios gerais uma multiplicidade de sujeitos além dos integrantes da Vai-Vai, os quais são chamados de *ala da calçada*, que são visitantes e apreciadores dos ensaios; por outro lado há também os sujeitos não simpatizantes dos ensaios, os quais ficam incomodados com os festejos e seu barulho (SOARES, 1999). Além dos ensaios, várias festas com o intuito de arrecadar dinheiro para os desfiles são organizadas no decorrer do ano, aumentando a frequência conforme o carnaval vai se aproximando.

Um aspecto interessante dessas festas é que elas relativizam a disparidade existente entre trabalho e lazer, pois os integrantes da escola que se encontram sob a função da venda dos ingressos ou trabalhando no salão também participam da festa se juntando aos convidados nos momentos de maior agitação. Então a ideia de que tais festas possuam apenas o intuito de obter lucro acaba sendo algo raso, já que:

o cuidado com os preparativos, o envolvimento do grupo, a presença de autoridades do mundo do samba e de personalidades políticas transformam estes eventos em oportunidades para contrapor-se à visão estereotipada de que os grupos negros não têm capacidade de organização e que a escola de samba é um local que concentra 'vagabundos' e 'bandidos' (SOARES, 1999, p. 117).

Fazendo uma análise das atividades cotidianas da Vai-Vai pode-se identificar uma redefinição de certas noções: no geral, ter uma quadra para realizar os ensaios é considerado imprescindível ao mesmo tempo em que também representa prestígio; no caso da Vai-Vai existe uma ausência desse espaço de prestígio, porém tal ausência é compensada através da ocupação das ruas do Bixiga, o que se revela num lugar em constante movimento, tanto físico, quanto subjetivo.

Outro ponto interessante a ser observado, devido a essa apropriação do espaço público, é a possibilidade de os sujeitos que não integram a escola de samba de participar gratuitamente de seus ensaios. Essa participação de pessoas não pertencentes à Vai-Vai possui uma importante significação simbólica, já que a expansão do mercado cultural carnavalesco acabou por intensificar o apelo aos elementos visuais dos desfiles de carnaval, acarretando deste modo na elevação dos preços das fantasias, deixando de fora, conseqüentemente, os sujeitos sem condições de arcar com tais custos (SOARES, 1999).

Por isso, a participação clandestina nos ensaios da Vai-Vai é uma forma de resistir ao modelo – imposto pela apropriação capitalista da cultura – de escolas de samba. Além de uma forma de resistência, os ensaios da Vai-Vai são também uma

forma de construir laços entre os sujeitos frequentadores do Bixiga, instituindo conexões afetivas através das festividades carnavalescas com sua particularidade democrática (LUCENA, 2021).

Ressignificar culturalmente um espaço é atribuir outros usos e olhares ao lugar em movimento e ao lugar de prática simbólica, principalmente como na Vai-Vai e seus ensaios inclusivos e democráticos, mas também como o Bixiga, na composição dos espaços e das paisagens transformadas conforme os moradores e visitantes se movimentam.

Mesmo durante os anos e sob ataques de todos os tipos, em 2015, a sede da Vai-Vai é novamente ameaçada devido ao início das obras do metrô na construção da Linha 6 – Laranja. Com isso, a Escola e o Governo do Estado entraram em acordo com a Acciona (concessionária construtora) e foram realizadas mudanças no projeto para evitar que a quadra e outros imóveis do entorno fossem prejudicados (MEIER, 2016).

É importante comentar que tal construção recentemente encontrou traços e vestígios arqueológicos do Quilombo Saracura, a comunidade negra que deu origem ao bairro. Os objetos encontrados foram registrados no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Dando início a uma série de protestos no lugar (novamente em movimento) que exigem a mudança de nome da estação 14 Bis para Saracura Vai-Vai, estratégias para previsível gentrificação e a construção de um memorial, entre outras questões (MONCAU; STROPASOLAS, 2022). A remoção da Vai-Vai do seu lugar também é acrescida pelas placas “Não somos contra o metrô, somos contra o apagamento histórico” (MONCAU; STROPASOLAS, 2022).

A atual área onde a sede da Vai-Vai está localizada pertence à Prefeitura. No ano de 2015, a Secretaria de Transportes da Prefeitura negociou com o governo de Fernando Haddad uma nova sede na área da Ladeira da Memória que fica na região do Vale do Anhangabaú, contudo essa ideia não se concretizou. Em 2021, decidiu-se uma nova realocação da sua sede ainda em construção, passando para a Rua Almirante Marquês de Leão, a poucas quadras da antiga sede, com capacidade para 2.500 pessoas (PORTAL DO BIXIGA, 2021).

Para os integrantes da Vai-Vai, é difícil deixar um lugar onde a paixão pelo samba e pelo bairro é demonstrada e representada há mais de quarenta anos. A relação afetiva com o lugar que ficou fixada e enraizada por este tempo, passa agora a estar presente em uma prática simbólica de resignificar o novo espaço a fim de que ele se torne lugar. O depoimento extraído do site Alma Preta (2021) de Clarício Aparecido Gonçalves, presidente da escola, constata essa relação afetiva com a Vai-Vai:

Todos nós temos uma ligação emocional muito grande com esse espaço, que temos aqui. Só eu estou há 40 anos. **O Vai-Vai tem isso, nossa escola é paixão e emoção**. E a gente tem que entender que o Vai-Vai está no nosso coração. Então, o momento da razão chegou. **Mas a comunidade precisa preservar essa emoção e levá-la para a nova casa** (grifos nossos).

Essa citação leva a análise, por meio da mobilidade, como a Vai-Vai está se (re)estruturando: primeiro, como um lugar fixo que se movimenta, por obrigação e dominação política, mostrando a relação de poder ainda prevalecente no bairro Bixiga; segundo, pelo lugar de prática simbólica que está impregnado de afetividade, resistência e performatividade dos sujeitos que ali perpassam.

A partir desse discurso é possível interpretar os grifos feitos no trecho do jornal “Alma Preta”. No primeiro grifo tem-se a relação espaço-territorial da Escola de Samba Vai-Vai e a performatividade emocional do lugar, que mesmo fixo, se coloca em movimento fenomenológico. No segundo grifo, a relação entre a Vai-Vai, seus integrantes e participantes, inserida no lugar se expressa através de afetividades em movimento, não necessariamente afetividades fugazes, criadas superficialmente, mas afetividades que vêm de uma sensação de pertencimento e história de resistência. No terceiro grifo temos uma última camada de relação cultural com o território e o lugar. Primeiro, pela questão da *comunidade*, o que para eles são os sujeitos que se movimentam junto com eles, numa relação de estar-junto; segundo, pela importância e possibilidade de preservar, ou seja, depositar essa emoção/sentimento em cada um dos sujeitos integrantes da Vai-Vai para que essa emoção se mova com e através deles e esteja onde quer que eles estejam, sem necessitar de uma sede para que a valorização afetiva da escola se faça sempre presente, independentemente de sede, por exemplo. Terceiro, pelo novo modo de habitar, levar o sentimento para a nova casa, onde, nesse novo lugar fixo, poderá novamente estar presente.

Um outro discurso extraído do site Alma Preta (2021) é o de Fernando Penteado, diretor cultural da escola, filho de João Penteado e neto de Frederico Penteado, fundadores do Cordão Vai-Vai, em 1930, em que diz:

O Vai-Vai é uma grande comunidade. E essa força que nós temos vem de nós mesmos. Tem um samba que eu fiz que diz ‘ser Vai-Vai é algo mais’. **O algo mais somos nós**. Na época nós éramos um cercadinho, sem quadra, que ensaiava na chuva. E tem escolas com quadras lindas, com todo respeito a elas, **mas não tem nós** (grifos nossos).

Unindo essa fala com a do presidente Clarício tem-se outra relação imbricada. Penteado diz que a Vai-Vai tem algo mais, com isso se referindo ao *nós*, à comunidade que se movimenta junto com a Escola. O interessante do *nós*, é que ele pode significar na mobilidade, o ponto de parada, o nó de uma rede em movimento, ou mesmo o

lugar, enquanto por outro lado ele pode significar o novo modo de habitar em nós, sujeitos que estão em movimento(s).

Esse *nós* ou essa comunidade que tem estado em movimento (cultural, político e ideológico), forçado ou voluntário, fez com que a Vai-Vai se tornasse o que ela é hoje para estes sujeitos: símbolo de resistência, de liberdade e, principalmente, de cultura. Unindo os três aspectos: um lugar de prática simbólica em movimento de resistência cultural.

Algumas considerações

A Vai-Vai é por excelência uma Escola de Samba que surgiu de um senso e de uma prática comunitária que a todo momento se faz presente, tanto nos desfiles quanto nos ensaios e reuniões. A Vai-Vai, segundo Wolff e Wada, “depende da relação de hospitalidade da própria comunidade e da vizinhança, já que todos os ensaios e eventos são abertos e acontecem na Praça 14 Bis, gerando um grande movimento (...) no local. No entanto, conforme Penteado, diretor de harmonia da escola, a escola também contribui muito para própria comunidade, pois para que a escola traga um bom resultado para o carnaval de São Paulo, então todo trabalho prévio realizado com a comunidade é muito importante” (2018, p. 585-586).

Desde sua fundação até os dias atuais, o cordão carnavalesco/Escola de Samba Vai-Vai vem passando por diversos processos de transformação, tanto em sua estrutura, formação e função quanto em seus territórios, lugares e mobilidades. Seus participantes, desde sambistas até simpatizantes, parecem não medir esforços para que os ensaios no Bixiga continuem sendo realizados, mesmo que isso possa representar a mudança constante de lugar.

Porém, se conceber a ideia de “lugar” como uma percepção subjetiva do espaço ou do território e, a partir disso compreendendo “lugar” como uma construção abstrata humana, ou seja, uma maneira de perceber, de pensar e de sentir o meio ao redor, então é possível dizer que o que é considerado lugar no Bixiga, dentro do contexto de apropriação desse espaço pela Vai-Vai e seus seguidores, se encontra tanto no espaço físico como na corporeidade dos sujeitos, a qual se faz presente e em movimento por meio do samba no bairro do Bixiga.

Essa corporeidade, a partir do momento em que é colocada em movimento no espaço cotidianamente, vai criando caminhos, relações, laços, afetividades e, por isso, cria também resistências. A Vai-Vai é resistência de corpos que estão e estavam a todo momento ameaçados e impedidos de suas mobilidades: os corpos negros. O samba – e suas expressões e movimentos – que preenche a atmosfera festiva do

Bixiga é resistência cultural, ao mesmo passo que é resistência de sujeitos, lugares e mobilidades, sendo também, por isso, impulsionador do interesse e do olhar turístico.

É importante comentar a resistência do povo do samba, do povo negro e do povo que ainda mantém vivo, mesmo que com todos os percalços, o imaginário cultural do carnaval. Ao finalizarmos este texto, estamos no aproximando deste período e, portanto, gostaríamos de deixar registrado tal relação.

O presente texto foi elaborado analisando referências bibliográficas e matérias de jornal referentes à escola de samba Vai-Vai e seu espaço de atuação e movimento e os conflitos que esses movimentos trazem e sua influência nas mobilidades que a escola gera no bairro do Bixiga. Para um futuro próximo existe a intenção de continuidade desse estudo, desta vez com aplicação de pesquisa empírica com ida à campo e realização de entrevistas presenciais com os integrantes da Vai-Vai e os frequentadores e visitantes dos ensaios da Escola.

Referências

ALMA PRETA. Vai-Vai deixará sua sede no Bixiga após 50 anos. **Alma Preta – Jornalismo Preto e Livre**, cotidiano, 22 set. 2021. Disponível em: https://almapreta.com/sessao/cotidiano/vai-vai-deixara-sua-sede-no-bixiga-apos-50-anos?fbclid=IwAR2MBwHjZ6cCX3X0NyYVqrUcv_j9TfJbrxVT38SfG7_5R7DldgECREd7eq4. Acesso em: 3 dez. 2021.

BARONETTI, B. S. **Da oficialização ao Sambódromo**: Um estudo sobre as escolas de samba de São Paulo (1968-1996). 397 f. (Dissertação de Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

BORGES, V. L. B. Os Lugares para a História e a construção turística no bairro da Urca-RJ: os processos históricos e os confrontos políticos republicanos em diferentes temporalidades. **Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade**, Caxias do Sul, v. 14, n. 1, 58-76, 2022.

CORRÊA, R. L. Espaço e simbolismo. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Olhares geográficos**: modos de ver e viver o espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CRESSWELL, T. **On the move**: Mobility in the modern Western World. Londres: Routledge, 2006.

DE SÁ, F. Z.; GASTAL, S. Mobilidade, imobilidade e a-mobilidade: para discutir o Turismo em tempos de Covid-19. **RBTUR**, v. 15, n. 1, p. 2144, 2021.

FACEBOOK. Página oficial da Escola de Samba Vai-Vai. Post do dia 25 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://bityli.com/4FHDC>. Acesso em: 03 fev. 2023.

GASTAL, S. **Alegorias urbanas**: o passado como subterfúgio. Campinas: Aleph, 2006.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 22. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

HOLZER, W. O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 113-123, 2003.

HOLZER, W. Sobre territórios e lugaridades. **Cidades**, v. 10, n. 17, 18-29, 2013.

JAMESON, F. **Cultura do dinheiro**. Petrópolis: Vozes, 2001.

JAMESON, F. **Pós-modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. 2. Ed. São Paulo: Ática, 2002.

LASH, S.; URRY, J. **Economies of sign and space**. Londres: Sage, 1994.

LUCENA, C. T. Território do Bixiga: Um espaço de identidade cultural. In: BASTOS, S. (org.). **Migração e Turismo na cidade de São Paulo**: Liberdade e Bixiga em perspectiva. Rio de Janeiro: Provisório produções – Modi produções, 2021, 193-228.

LUCENA, C. T. Códigos, letras e músicas anunciam o Bixiga. In: BASTOS, S. (org.). **Migração e Turismo na cidade de São Paulo**: Liberdade e Bixiga em perspectiva. Rio de Janeiro: Provisório produções – Modi produções, 2021, 229-257.

MATTOS, M. Donos do ritmo: dupla de mestres alia experiência e juventude no comando da bateria do Vai-Vai. **Carnavalesco**, 20 fev. 2019. Disponível em: <https://www.carnavalesco.com.br/donos-do-ritmo-dupla-de-mestres-alia-experiencia-e-juventude-no-comando-da-bateria-do-vai-vai/>. Acesso em: 03 fev. 2023.

MEIER, R. **Escola de Samba Vai-Vai continuará no Bixiga**. MetrôCTPM, 18 de maio de 2016. Disponível em: <https://www.metrocptm.com.br/escola-de-samba-vai-vai-continuara-no-bixiga>. Acesso em: 3 dez. 2021.

MENEGHEL, C. R. de A.; GIMENES-MINASSE, M. H. Uma São Paulo múltipla: Olhares turísticos sobre os bairros do Bixiga e da Liberdade. In: BASTOS, S. (org.). **Migração e Turismo na cidade de São Paulo**: Liberdade e Bixiga em perspectiva. Rio de Janeiro: Provisório produções – Modi produções, 2021, 324-345.

MONCAU, G.; STROPASOLAS, P. Vai-vai, Quilombo Saracura e o metrô: obra reacende luta pela memória negra no Bixiga. **Brasil de Fato**, 22 ago. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/08/29/vai-vai-quilombo-saracura-e-o-metro-obra-reacende-luta-pela-memoria-negra-no-bixiga>. Acesso em: 10 fev. 2023.

PEREIRA, J. B. B. Negro e cultura negra no Brasil. **Revista de Antropologia**, v. 26, s/p., 1983.

PORTAL DO BIXIGA. Vai-Vai mudará de endereço após acordo com Linha 6 do Metrô. **Portal do Bixiga - Tudo sobre o Bairro da Bela Vista**, 21 set. 2021. Disponível em:

<http://www.portaldobixiga.com.br/vai-vai-mudara-de-endereco-apos-acordo-com-linha-6-do-metro>. Acesso em: 3 dez. 2021.

PREFEITURA DE SP. **Bixiga, o mais fiel retrato da cidade**. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/comunicacao/noticias/?p=140150>. Acesso em: 4 dez. 2021.

RIBEIRO, M. Bixiga anos 80 e 90 – Quanta saudade. **Bloco do Fua** – Memória, 22 jul. 2019. Disponível em: <https://blocodofua.com.br/blog-do-fua/historia-memoria/bixiga-anos-80-e-90-quanta-saudade>. Acesso em: 03 fev. 2023.

SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: EdUSP, 2008.

SANTOS, M. C.; TERRA, L. R.; ASSIS, E. E. As implicações da cultura organizacional no processo de inovação nas escolas de samba da cidade de São Paulo: o caso da Escola de Samba Vai Vai. **Administração em Diálogo**, v. 13, n.3, 110-130, 2011.

SEAMON, D. Body-subject, time-space routines and place-ballets. In: BUTTIMER, A.; SEAMON, D. (eds.). **The human experience of space and place**. New York: St. Martin's Press, 1980.

SHELLER, M.; URRY, J. **Tourism mobilities: places to play, places in play**. Routledge, 2004.

SOARES, R. da S. **O cotidiano de uma escola de samba paulistana: O caso do Vai-Vai**. 220 f. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

TUAN, Y. F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1974.

TUAN, Y. F. Space and place: humanistic perspective. In: GALE, S.; OLSSON, G. (Eds.). **Philosophy in Geography**. Dordrecht: Reidel Publ. Co., 1979.

WOLFF, C. K.; WADA, E. K. Hospitalidade em eventos - Estudo de casos múltiplos: Escola de Samba Vai-Vai, Campus Party e Fashion Cruise. **Rosa dos Ventos**, v. 10, n. 3, 577-589, 2018.

CAPÍTULO 6

Mobilidades e turismo: costurando mais agendas de pesquisa

Thiago Allis

Camila Moraes

Barbara Catalano

Eu também, eu também hei de estar no Grande Aeroporto, um dia

Entre os outros viajantes sem bagagem...

Tu não imaginas como é bom, como é repousante

Não ter bagagem nenhuma!

("Aeroporto", de Mário Quintana,

em "Preparativos de Viagem - Antologia Pessoal", 1987)

Introdução: um pequeno caleidoscópio de reflexões

Um exercício aplicado demonstra que, quando nos permitimos observar o turismo por múltiplas perspectivas, as relações entre turismo e mobilidades se manifestam de maneira entusiasmante. E, para isso, podemos - ou não - partir de práticas típicas de turismo: análise do movimento de corpos (turistas) em direção a espaços específicos (destinos), orientados por necessidades e desejos produzidos em uma sociedade de consumo altamente mediatizada. Já se disse: não é possível, mesmo em abordagens alternativas, ignorar o óbvio que compõe as feições mais explícitas do turismo. Contudo, já não é sem tempo de ir além delas - não apenas em termos filosóficos, senão também com vistas a aplicações por meio de políticas, trocas comerciais, relações comunitárias e engajamento de movimentos sociais (ALLIS, 2016; 2022; SHELLER e URRY, 2004).

Neste livro, foram apresentadas abordagens que cobrem desde as relações sobre turismo e hospitalidade nas dimensões virtuais (de Sena, Borges e Andrade; Sampaio, Brito e Ribeiro) - ainda mais no rescaldo de um traumático período pandêmico - a políticas de integração regional (Lumertz e Conceição), assunto não menos contundente no contexto geopolítico presente, passando por análises de temas urbanos (Santin, de Sá e Martins) e da construção proto-turística no Brasil oitocentista

(Santos, Silva e Carneiro). São distintas escalas, abordagens, problemas e perspectivas que, isoladamente e em combinação, trazem elaborações arejadas sobre várias dimensões de mobilidades, ainda que em caráter de experimentação analítica.

Por si, quaisquer destes trabalhos poderiam ter sido desenvolvidos sobre várias encruzilhadas disciplinares (história, geografia, sociologia urbana, comunicações e artes, relações internacionais, ciência política, para citar alguns) sem sequer trazer as mobilidades como categoria de análise. E ainda assim alimentar excelentes debates. Porém, o que esta pequena coletânea ensejou é um esforço objetivado, qual seja o de vestir as lentes das mobilidades para enquadrar o turismo nas suas múltiplas manifestações, buscando apreender seus elementos (i)móveis em várias dimensões - inclusive, e não apenas, a de corpos que se movem, os significados que isso implica, as novas elaborações que surgem nas frestas...

Como alertado pelos estudos de mobilidades desde a entrada no século XXI, um dos primeiros e principais equívocos a se evitar é tratá-las como mero *objeto* ou *tema* - cujo tratamento analítico eventualmente pudesse ser compartimentado à luz de quaisquer enfoques teórico-metodológicos. De maneira mais ambiciosa - e por isso mesmo tão auspiciosa, a “virada” que despontou há cerca de 20 anos foi assim proposta por entender as mobilidades como analisador, enfoque, marco teórico ou perspectiva (SINGH *et al*, 2018, p. 15), reforçando a necessidade de uma “distinção analítica entre movimento [físico] e mobilidade [de sentidos, significados etc.]” (CRESSWELL, 2006, p. 2).

Por conta disso, quando olharmos para o turismo, qualquer adjetivação que se produza, ainda que com a intenção de especificar o debate, poderia correr o risco de (re)produzir equívocos - ao objetificar cartesianamente as mobilidades (como sinônimo de mobilidade urbana, referindo-se a um fenômeno mecânico de transportes) ou, no mínimo, desviar de abordagens mais necessárias. Ainda assim e com todo o cuidado, este pode ser um chamado dos mais produtivos e inspiradores, desde que se assumam compromissos engajados ao levantar questões, compreender ações e produzir entendimentos específicos aos estudos da área.

Partindo desta variedade de temas e abordagens aqui ou alhures, bem como reconhecimento da necessidade de se empregar as mobilidades como analisador ou operador analítico (FREIRE-MEDEIROS e LAGES, 2020; SINGH *et al.*, 2018), há que se perguntar o que está a montante e o que se projeta a jusante das searas acadêmicas em termos de mobilidades turísticas.

A montante: um caminho em elaboração

O simples falar em mobilidades turísticas pode levar às leituras rasas sobre a complexidade que este enfoque encerra como manifestação das mobilidades contemporâneas. De um lado, o risco mais comum, já citado: um sinônimo que substitui apenas semanticamente a própria ideia de turismo. Fosse isso, talvez o estudo das mobilidades turísticas seriam, no mínimo, um modismo semântico, uma nova nomenclatura para as mesmas coisas - algo muito comum entre acadêmicos que buscam confirmar-se como referência em qualquer área do conhecimento. Por outro lado, o adjetivo ("turísticas") poderia simplesmente ser entendido como "relativo àquilo que se refere a turistas". Em si, não seria um erro, senão, talvez, uma insuficiência, um olhar limitado para a rede de sujeitos, situações, territorialidades e desdobramentos que decorrem da emergência e desenvolvimento do chamado "olhar do turista", desde o alvorecer da Revolução Industrial até o tempo presente (URRY, 1990; 2002; 2011; 2021).

Em 2004, antes mesmo de boa parte das ideias, centros de pesquisa e livros terem sido produzidas sobre um "paradigma de mobilidades", no marco de uma "virada das mobilidades" e do que seria conhecido como Escola de Lancaster (FREIRE-MEDEIROS e LAGES, 2020), Mimi Sheller e John Urry organizaram uma coletânea de textos que chamaram de *Tourism Mobilities: Places to Play, Places in Play*. Foi um dos primeiros esforços para pensar o turismo pelo prisma das mobilidades; e os autores - no capítulo de abertura do livro - arriscam uma definição de "mobilidades turísticas":

Nós nos referimos a "mobilidades turísticas" não apenas para constatar o óbvio (que o turismo é uma forma de mobilidade), mas para destacar que **muitas mobilidades diferentes informam sobre o turismo, dão forma aos lugares onde o turismo é performado e orientam a construção e a desconstrução de destinos turísticos**. Mobilidades de pessoas e objetos, aviões e malas, plantas e animais, imagens e marcas, sistema de informação e satélites, todos compõem este "fazer" do turismo. O turismo também se refere às mobilizações relacionais de memórias e performances, corpos racializados e generificados, emoções e atmosferas. (...) As mobilidades turísticas envolvem complexas combinações de movimento e pausa, realidade e fantasia, diversão e trabalho (p. 1, ênfase adicionada).

Assim, pela linhagem das ciências sociais, a abertura do debate buscava sobrepujar e apontar novas possibilidades de interpretação de um fenômeno que, na maioria das vezes, é abordado de maneira plana, normativa e prescritiva. Seguiram-se quase duas décadas de debates sobre as mobilidades e, neste contexto, vozes de diversas origens disciplinares e geográficas continuaram questionando e pensando a constituição do turismo como fenômeno móvel - o que, por óbvio, implica também reconhecer suas imobilidades. Em resumo, podemos notar que tais acadêmicos e

acadêmicas têm se concentrado em mobilizar (*mobilize*) o turismo - tarefa a que esta coletânea também ora se dedica.

Há textos que poderiam ser considerados basilares, dado seu claro propósito de conceituar ou propor um ordenamento de enfoques para a interpretação e o estudo das mobilidades turísticas. Dentre estes, merecem destaque os trabalhos de Doering e Duncan (2016), Coles, Hall e Duval (2016), Hall (2015), Cohen e Cohen (2015), Coles (2015), Hannam, Butler e Paris (2014) e, ainda mais precocemente, German-Molz (2009). A partir desta seleção, pode-se notar certa concentração de textos em meados da década de 2010, a ponto de, diante de certa profusão de escritos, Coles (2015) se perguntar se mobilidades turísticas ainda seriam mesmo um "tema vigente".

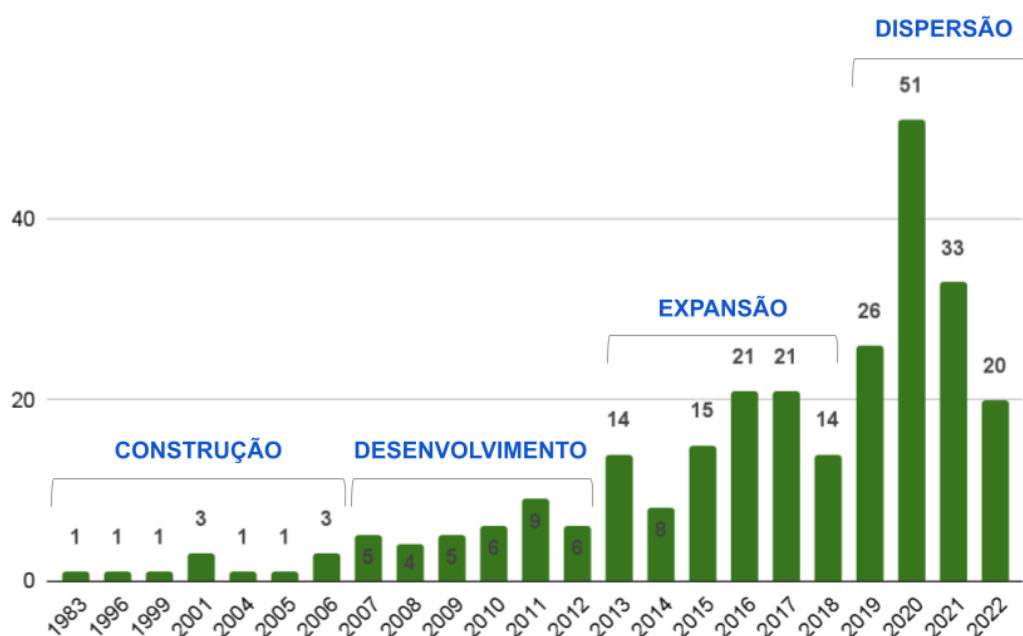
Levantamentos gerais nas bases científicas¹, estruturados de maneira mais sistemática, ajudam a indicar um caminho de construção deste pensamento. Tal e qual ao que se refere às ciladas semânticas, os descritores de busca precisam ser bem colocados e os resultados, analisados com atenção. Até o início de 2022, um conjunto de quase 300 publicações traziam, de maneira conjugada a expressão "mobilidade(s) turística(s)" no título, no resumo ou nas palavra-chave². Por certo, este tipo de busca, dado seu propósito de produzir um estado da arte, pode deixar de fora certas publicações sabidamente relevantes ou mesmo incluir outras que, por razões várias, se afastam do *core* analítico. Contudo, sendo um mapeamento mais técnico, cumpre a função de ajudar a conhecer as formas de abordagem, origens de pesquisadores(as), distribuição temporal, para ficar em alguns pontos básicos. Mesmo com eventuais faltas ou excessos, essa seleção informa sobre como as mobilidades turísticas, de maneira objetivada, povoam as produções de pesquisadores e pesquisadoras em escala global.

Com efeito, olhando para a distribuição da produção bibliográfica em escala temporal, podemos responder com alguma segurança à pergunta de Coles (2015) - "mobilidades turísticas: ainda um tema vigente?". Em ascensão desde 2013, será a partir de 2020 que a série sofrerá um crescimento brutal, algo que pode se atribuir ao interesse de acadêmicos em reagir aos impactos imobilizantes da pandemia da Covid-19 sobre o turismo global. Portanto, pelo menos no tocante ao interesse de pesquisadores e pesquisadoras, sim, o tema segue vigente, especialmente depois de 2015 - ano de publicação do artigo-questão de T. Coles - com uma clara linha ascendente (Gráfico 1).

1 Os dados desta pesquisa, inclusive os gráficos aqui dispostos, foram elaborados de maneira colaborativa entre Thiago Allis e Juliana Carneiro, como parte de produção conjunta do Grupo de Pesquisa Mobilidades e Turismo, em processo de sistematização e organização para publicação.

2 Descritores de busca conforme segue: SCOPUS: TITLE-ABS-KEY (("touris* mobilit*")) AND (LIMIT-TO (DOCTYPE, "ar")) e WEB OF SCIENCE: TÓPICO: ("touris* mobilit*"). Refinado por: TIPOS DE DOCUMENTO: (ARTICLE)

Gráfico 1 - Distribuição temporal de publicações sobre mobilidades turísticas - 1983-2022



Fonte: Allis (2022), a partir de levantamento do Scopus, Scielo e Web of Science

A categorização destes trabalhos, a partir da leitura de títulos, palavras-chave e resumo, indica uma diversidade importante de temas, que vão de questões de ordem ambiental (água, mudanças climáticas e turismo em áreas naturais) até abordagens centradas em conflitos, crises, diásporas, peregrinações, comunicação, passando por um grande grupo de trabalhos sobre Covid-19, bem como sobre aplicação de técnicas móveis (assentadas no "tracking") e, ainda, um bloco qualificado como ensaios, comentários e reflexões abertas - onde se encontram as melhores contribuições direcionadas para um olhar potencialmente ontológico.

Quadro 1 - Categorias temáticas das publicações sobre mobilidades turísticas - 1983-2022

1. Água	14. Mobilidades turísticas no tempo
2. Caminhada e peregrinação	15. Mudanças climáticas
3. Comportamento e consumo	16. Questões comunitárias/residentes
4. Comunicação, virtualidades e imaginários	17. Risco e medo
5. Conflitos e crises	18. Saúde e bem-estar
6. COVID-19	19. Segunda residência
7. Distribuição espacial (DE) (intra/entre destino)	20. Sustentabilidade
8. Distribuição espacial (DE) (região/país)	21. Trabalho e trabalhadores
9. Ensaios, comentários e reflexões abertas	22. Tracking (Aplicação de técnica)
10. Fronteiras e geopolítica	23. Transportes (T) (automobilidades/cultura do carro)
11. Identidades em movimento	24. Transportes (T) (transporte aéreo e espacial)
12. Migração e diáspora	25. Transportes (T) (Transporte local)
13. Mobilidade Justas ou Desiguais	26. Turismo em áreas naturais

Fonte: Allis (2022), a partir de levantamento do Scopus, Scielo e Web of Science

Mesmo sem um mergulho detalhado aos trabalhos dentro destas categorias, é premente reconhecer que uma parte relevante dos trabalhos detectados, apesar de trazer a terminologia precisa ("mobilidade(s) turística(s)"), distanciam-se muito dos preceitos trazidos pelas mobilidades como em Urry (2000; 2007), Sheller e Urry (2006), Cresswell (2006; 2010) ou Adey (2010), voltando-se para as mobilidades como tema ou objeto concreto, como sinônimo direto de deslocamento.

Ainda assim, dentre este levantamento primário, anuncia-se um cenário propício para debates sobre mobilidades justas (cf. SHELLER, 2018a), identidades e outras ênfases sensíveis e relacionais - e não meramente espaciais ou voltadas ao movimento mecânico de corpos. Com efeito, as mobilidades, longe de serem fenômenos livres e dependentes de vontades subjetivas, são condicionadas por "esquemas" ou "regimes" de mobilidade" (SHELLER, 2018B; KESSELRLING, 2014; GLICK SCHILLER, 2013), que determinam as possibilidades de acesso, bem como "interrupções, hierarquias e distinções" (FREIRE-MEDEIROS *et al.*, 2018) nos vários tipos de movimento. Isso faz parte de certos processos em que se tenta modelar a sociedade a partir de circuitos de interconexão e que leva a pensar nas estruturas que moldam ou determinam que as mobilidades ocorram de uma forma ou de outra.

Diante deste quadro global, resta tentar entender como a reflexão e a produção brasileira tem se apresentado. Desde 2009, pesquisadores brasileiros vêm se debruçando sobre as mobilidades na perspectiva da "virada". De forma mais ampla, são mais de 50 pesquisadores e cerca de 80 trabalhos publicados dentre artigos em periódicos científicos, dissertações e teses, e capítulos de livros. De 54 pesquisadores da área, 17 transitam pelas ciências sociais (sociologia, antropologia, e ciência política) e 14, pelo turismo, os demais se distribuem entre as áreas de arquitetura e urbanismo, comunicação social, educação, direito e economia.

De 52 artigos científicos, 16 são sobre mobilidades turísticas e 1 sobre lazer; de 16 dissertações e teses, 6 versam sobre mobilidades turísticas; e dos 11 livros/capítulos de livros, 7 são sobre mobilidades turísticas, ou seja, cerca de 1/3 (um terço) da produção sobre mobilidades no Brasil versa sobre turismo e aborda as mobilidades turísticas¹.

Esses números se justificam, pois, esta literatura chega ao Brasil, em grande medida, a partir da leitura do "O Olhar do Turista" de John Urry (2001)², que não tratava exatamente de mobilidades, ou não ainda sobre as mobilidades da forma que tratamos neste livro, mas já ensaiava o que viriam a ser estes estudos. Era preciso olhar para

1 Dados coletados pela equipe TurisData/UNIRIO. Descritores de busca: "paradigma"+"mobilidades"

2 A terceira edição de Olhar do Turista foi publicada em português em 2022, e esta edição aborda de forma mais direta as mobilidades turísticas

um campo de estudos ou objeto de pesquisa em constante movimento, ou centrado no movimento para enxergar as mobilidades como lente de análise.

Mas, quando falamos de mobilidade turística no Brasil de que se trata? Há um grupo de artigos que se aproxima de ensaios teóricos que ainda buscam compreender as mobilidades turísticas e sua contribuição para pensar o turismo, bem como realizar revisões bibliográficas e/ou estados da arte sobre o tema (GUIMARÃES, 2011; KUNZ, 2015; ALLIS, 2016; ALLIS e FRAGA, 2016; ALLIS *et al.* 2020). A estes, se somam os trabalhos sobre as mobilidades turísticas com foco nos destinos ou lugares turísticos, sejam favelas (FREIRE-MEDEIROS, 2013; FREIRE-MEDEIROS e MENEZES, 2016; MORAES, 2017), cidades (BARCELLOS e MORAES, 2017), ou ainda, suas populações locais (KUNZ *et al.* 2018). Mais recentemente, entre 2021 e 2022, trabalhos se debruçaram sobre os temas pandemia e (i)mobilidades (CARNEIRO e ALLIS, 2021; ZALTRON DE SÁ e GASTAL, 2021; MORAES *et al.* 2022)

Ainda são raros - no Brasil e, também no mundo - os estudos sobre a interseção mobilidades turísticas e mobilidades justas. Mas eles já surgem, especialmente em anais de evento, notícias de estudos em andamento sobre mobilidades turísticas e público LGBTQIAP+, mulheres e relações étnico raciais. Há ainda todo um campo, bem como fronteiras a serem exploradas sobre mobilidades turísticas e lazer, bem como mobilidades turísticas e trabalho, considerando os trabalhadores e trabalhadoras do turismo (guias, hoteleiros, consultores, gestores etc.) ou que viajam para trabalhar (guias, *au pair*, *worldpackers* etc.).

Por fim, há ainda uma concentração das pesquisas no eixo RJ e SP, o que pode ser observado na busca por grupos de pesquisa e nos objetos empíricos das pesquisas publicadas. No Diretório de Grupos de Pesquisa, do CNPq, há 34 grupos de pesquisa que têm no título ou nas linhas de pesquisa o termo mobilidades. Destes, 13 grupos estão em universidades do Sudeste, 12 no Nordeste, quatro no Sul, três no Centro-Oeste e dois no Norte. Destes, somente quatro tratam de turismo e mobilidades e/ou mobilidades turísticas, estando todos no Sudeste: dois grupos no Estado de São Paulo e dois no Estado do Rio de Janeiro. Os demais grupos tratam de temas como mobilidade urbana, migrações, mobilidade educacionais, transportes, entre outras. Ele se reflete na produção científica. As dissertações e teses sobre mobilidades turísticas estão concentradas entre Rio de Janeiro e São Paulo, acompanhando os grupos de pesquisa encontrados, bem como as pesquisas com objetos empíricos definidos também se concentram nestes dois estados.

A jusante: ampliando a agenda de pesquisa

Diante de uma panorâmica sobre a forma como acadêmicos e acadêmicas vêm expressando seu aprendizado e os achados de suas pesquisas sobre mobilidades turísticas, é esperado que, ao final de um exercício aplicado coletivamente produzido, apontem-se possíveis direções de continuidade. Afinal, 20 anos na história do pensamento é um lapso, que, se por um lado foi relevante para plantar bases para o pensamento sobre mobilidades contemporâneas, por outro, expõem claramente uma infinidade de lacunas e perguntas em aberto.

Assim, numa espécie de tetralogia elementar, entendemos que o questionamento, a pesquisa, o ensino e ação sobre as mobilidades turísticas, deveriam atentar para os seguintes eixos:

O compromisso elementar: encruzilhadas de saberes

Para gerações de estudantes e pesquisadores de turismo - especialmente no Brasil - a interdisciplinaridade sempre foi difundida como compromisso elementar, mas, provavelmente, pouco cumprida. Isso porque, ainda que muito lógica, não é uma empresa fácil, especialmente para quem não se origina de áreas tradicionais (administração, economia, história, geografia, sociologia, para citar alguns). Essa "geração turismo"¹, com efeito, tem o desafio de navegar por referências multidisciplinares, com a atenção de conseguirem se situar em uma trilha lógica de estudos e produção do conhecimento. Por sua abordagem ancorada na complexidade dos fenômenos, as mobilidades, então, podem ser uma arena hospitaleira e ensejadora de mais e melhores estudos que iluminem o caminho do turismo.

Especificamente, Coles *et al.* (2015) reforçaram, há quase 10 anos, nos estudos e pesquisa de turismo, a necessidade de análises para além do interdisciplinar, sendo conveniente avançar para um paradigma pós-disciplinar. Some-se a isso a inadiável necessidade de olhares decoloniais, antirracistas, feministas para o pensamento e a ação no mundo contemporâneo, dado que o turismo, na sua complexidade, toca,

1 "A Geração Turismo, caracterizada por acadêmicos novos e emergentes com formação em turismo e formação educacional multidisciplinar, surgiu recentemente. É tipificado por acadêmicos relativamente jovens, detentores de diplomas multidisciplinares, centrados em fenômenos e frequentemente aplicados em turismo, com pouco ou nenhum conhecimento das disciplinas centrais que moldaram os estudos de turismo. Essa massa de pesquisadores normalmente inclui tanto acadêmicos de turismo com formação multidisciplinar e que mantêm essa perspectiva mais generalista (Geração Turismo clássica), quanto estudiosos do turismo que podem começar com uma formação multidisciplinar, mas que depois gravitam em direção a uma disciplina de fundação específica (representantes do Geração Turismo que se especializam mais em seu foco de pesquisa)" (FILEP *et al.*, 2015, p. 511-512).

reforça, mas pode ser vetor de transformação nas relações sociais, políticas, de gênero, étnico-raciais.

Para além dos umbigos: necessidade de redes de colaboração internacional

Grandes países do Sul Global - como o Brasil, Índia, México, Indonésia, para citar alguns - têm um conjunto de temas e uma concretude de questões cotidianas tão vasta que, por vezes, parece se bastar com celeiro para reflexões teóricas. Além disso, quando se projetam conexões internacionais - inclusive na academia - não é raro que relações (neo)coloniais se (re)estabeleçam, levando a proposições teóricas desencaixadas das particularidades e desafios que fervilham aos olhos dos observadores e cidadãos. Por isso, uma tarefa corrente é o reforço da autonomia no conhecimento e nas produções de conhecimento da América Latina sobre mobilidades turísticas, porque, ainda que os referentes sigam sendo as reflexões originais provenientes do mundo anglo-saxão, as problemáticas e também as categorias de análise, formas de abordagem e mesmo propostas de intervenção guardam particularidades.

Nesse sentido, se, por um lado, o imperativo da globalização impõe uma visão necessariamente internacional para quase todos os temas da vida contemporânea, por outro, é razoável que o Sul do Mundo participe mais da produção de conhecimento a partir de categorias e questões nativas. É assim que para se entender turismo como um fenômeno debaixo do grande guarda-chuva das mobilidades, é imprescindível identificar, decodificar e reagir, na produção de novas epistemologias para a área, aos nexos que se estabelecem entre múltiplas localizações (e suas questões particulares) e os temas do mundo mergulhado na era do antropoceno.

Ainda mais urgente se considerarmos que as mobilidades virtuais e a circulação de imagens estão, não sem assimetrias e fraturas, aplainando o mundo - mesmo que as interações físicas continuem modulando muito das interações turísticas.

O mantra: é preciso explorar novas experimentações metodológicas

Para se consolidar um jeito particular de compreender e intervir em turismo, é necessário um esforço diuturno para testagem, experimentação e promoção de abordagens metodológicas próprias. Por suposto que não é sempre necessário reinventar a roda, mas adaptar criativamente e implementar, sem receios exagerados, novos esquemas metodológicos, que podem contribuir profundamente para desvelarmos sentidos, questões, práticas e agendas para o turismo contemporâneo.

Tal e qual M. Sheller e J. Urry (2004) buscaram criar um caleidoscópio de referência sobre as mobilidades turísticas, Büscher *et al.* (2011) reconhecem que a

"virada das mobilidades" (*mobilities turn*) "abre formas diferentes de entender a relação entre teoria, observação e engajamento. Isso engendra novos tipos de entidades pesquisáveis, um novo ou redescoberto domínio empírico e novas avenidas para crítica" (p. 2). Nesta seara, no contexto latino-americano, a Escola de Ciência Avançada em Mobilidades (SPMob), organizada desde 2017, tem buscado pautar métodos e apoiar pesquisadores e pesquisadoras em seus projetos de mestrado e doutorado, como tarefa contínua na formação de quadros.

Mesmo que o trabalho aplicado nos capítulos deste livro priorize abordagens secundárias, produzidas em gabinete, contabiliza-se uma diversidade de técnicas, a partir de vários campos teórico-metodológicos: pesquisa história e análise imagética (fotos de arquivo) ou de manifestações públicas (imprensa); análise de relações internacionais, a partir do estudo de acordos e estatísticas de turismo regionais (América do Sul); estudo das práticas de hospitalidade no domínio virtual - com uma espécie de observação participante *online* e, ainda, estudo puramente teórico, com levantamento e diálogo com literatura selecionada. Todos os trabalhos ilustram uma pequena fração daquilo que pode ser aplicado para entender as múltiplas manifestações do turismo, em variadas escalas de tempo e espaço. Para além de seus enfoques específicos, podemos dizer que eles também permitem visualizar transposições para outros lugares e contextos, problemáticas similares e também desdobramentos similares.

Assim, em suas rotinas e protocolos de pesquisa, pesquisadores e pesquisadoras do presente e do futuro deveriam se imbuir, em medidas equilibradas, de responsabilidade (para estudar e processar práticas e métodos de pesquisa consagrados) e coragem (para abrir novas possibilidades metodológicas), do que certamente resultarão compostos metodológicos ajustados e técnicas híbridas potencialmente muito úteis para explicar e entender o turismo pelo prisma das mobilidades. Certamente, o grande arcabouço dos chamados métodos móveis pode ser um ponto de partida bastante promissor.

Um compromisso: reflexões que levem a aplicações

A tradição das ciências sociais, muito marcada na construção das mobilidades como lentes analíticas, aportam um caráter invariavelmente reflexivo ao fenômeno do turismo. Esse cabedal proporciona um conhecimento arejado sobre a natureza das mobilidades turísticas, o que deve ser ponto de referência para atuação política e técnica. No Brasil - e em boa parte do Ocidente - consagrou-se o entendimento de que o turismo se acomoda na grande área das ciências sociais aplicadas, ainda que as ciências sociais e as humanidades, nas suas particularidades, sempre tenham pavimentado vias para a compreensão global do fenômeno.

É incontestável o papel de instituições formadoras de profissionais do turismo na gestação dessas transformações e na elaboração deste saber-fazer. Assim, a pesquisa, com um compromisso de aplicação, precisa ser aprofundada e fortalecida, principalmente com um olhar crítico e construtivo que contribua para a resolução das desigualdades e problemas que se escondem por trás do turismo (cf. CATALANO, 2018). Vide, por exemplo, a difusão de observatórios do turismo pelo Brasil, muitos dos quais concebidos e geridos por meio de parcerias entre academia e outros setores da sociedade.

A pequena seleção de textos que compõem este livro deixa nítido que precisamos ir muito além da ideia de fluxos turísticos como elemento definidor exclusivo do turismo. Como se notou, os autores e as autoras captaram e desenvolveram o caráter analítico que as mobilidades podem proporcionar, jogando luz sobre alguns aspectos problemáticos vinculados a práticas turísticas invisibilizadas ou negligenciadas apontando para caminhos de reflexão e ação no debate contemporâneo.

Assim, atendendo ao chamado de transformação do mundo, os muitos agentes que compõem a cadeia de pensamento e ação do turismo precisam se alimentar deste repertório diverso com o firme compromisso da aplicação transformadora, com toda a riqueza de experimentação epistemológica e a reflexão prospectiva que as mobilidades ensejam.

Referências

ADEY, P. **Mobility**. London/New York: Routledge, 2010.

ADEY, P.; BISSELL, D.; HANNAM, K.; MERRIMAN, P; SHELLER, M. (orgs.). **The Routledge Handbook of Mobilities**. London: Routledge, 2014.

ALLIS T. **O olhar do turista e as mobilidades turísticas na metrópole**. 200p (Livre Docência - Turismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

_____. Em busca das mobilidades turísticas. **Plural**, 23, 94-117, 2016.

_____. Movilidad y Turismo. In: DHAN Z. S.; G. GIUCCI e P. J. (Orgs.). **Términos clave para los estudios de movilidad en América Latina**. Buenos Aires: Biblos, 2018, p. 131-138.

ALLIS, T.; FRAGA, C. Mobilidades turísticas e hospitalidade urbana: Análise bibliográfica a partir de publicações de turismo no Brasil. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, 26, 155-165, 2016

ALLIS, T., MORAES, C. M. dos S., e SHELLER, M. Revisitando as mobilidades turísticas: . **Revista Turismo em Análise**, v. 31, n. 2, 271-295. 2020 <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v31i2p271-295>

BARCELLOS, C; MORAES, C. Mobilidade urbana e turismo: Percepção dos residentes de Cabo Frio, Rio de Janeiro, Brasil. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, v. 1, n. 27/28, p. 2061-2072, 2017.

CARNEIRO, J.; ALLIS, T. Como se move o turismo durante a pandemia da COVID-19?. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 15, n. 1, 2021. <https://doi.org/10.7784/rbtur.v15i1.2212>

CATALANO, B. Lo que se entrevé y se oculta detrás del turismo. **Revista Bordes**, 177-184, 2018.

COLES, T. Tourism mobilities: still a current issue in tourism? **Current Issues in Tourism**, n. 18, v. 1, p. 62-67, 2015.

COLES, T., HALL, C. M.; DUVAL, D. T. Tourism and Postdisciplinarity: Back to the Future? **Tourism Analysis**, n. 21, v. 4, p. 373–387, 2016. doi:10.3727/108354216x14679788

CRESSWELL, T. **On the Move: Mobility in the Modern Western World**. New York: Routledge, 2006

_____. Towards a Politics of Mobility. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 28 n. 1, 17-31, 2010. <https://doi.org/10.1068/d11407>

FILEP, S.; HUGHES, M.; MOSTAFANEZHAD, M.; WHEELER, F. Generation Tourism: towards a common identity, **Current Issues in Tourism**, n. 18, v. 6, p. 511-523, 2015. DOI: 10.1080/13683500.2013.855174

FREIRE-MEDEIROS, B. **Touring poverty**. Londres: Routledge, 2013

FREIRE-MEDEIROS, B., MENEZES, P. V.. As viagens da favela e a vida social dos suvenires. **Sociedade E Estado**, v. 31, n. 3. 2016 <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016.00030005>

FREIRE-MEDEIROS, B; LAGES, M. P. A virada das mobilidades: fluxos, fixos e fricções. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 123, 121-142, 2020.

FREIRE-MEDEIROS, B; TELLES, V. S.; ALLIS, T. Apresentação: por uma teoria social on the move, **Tempo Social**, v. 30, n. 2, 1-16, 2018.

GERMANN-MOLZ, J. Representing pace in tourism mobilities: staycations, slow travel and the Amazing Race, **Journal of Tourism and Cultural Change**, n. 7, v. 4, 270-286, 2009. DOI: 10.1080/14766820903464242.

GLICK SCHILLER, N.; SALAZAR, N. Regimes of Mobility Across the Globe. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 39, n. 2, 183-200, 2013.

GUIMARÃES, V. Globalização, as condições de mobilidade contemporânea e as práticas turísticas. **Contemporânea (Título não-corrente)**, [S.l.], v. 9, n. 2, dez. 2011. DOI:<https://doi.org/10.12957/contemporanea.2011.2139>

KESSELRING, S. Mobility, Power, and the Emerging New Mobilities Regimes, in **Sociologica** [on line], v. 1, 2014, doi: 10.2383/77047

KUNZ, J. As mobilidades turísticas como objeto de pesquisa: um panorama dos periódicos estrangeiros (2000-2014). **Revista Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade**, v. 7, n. 3, 377-391. 2014. <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v7iss3p377>

KUNZ, J. G.; CASTROGIOVANNI, A.C. TOSTA, E.; FRANCISCO, G. As mobilidades turísticas na/da fronteira sob a visão de seus agentes locais: um estudo no Chuí - RS, Brasil. **Revista Iberoamericana de Turismo - RITUR**, Penedo, v. 8, n. 2, dez. 2018, 195 - 215 DOI:10.2436/20.8070.01.108

MORAES, C.M.S. **Favelas Ecológicas**: passado, presente e futuro da favela turística. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV-RJ. 2017

MORAES, C.M.S.; LA VEGA, B. FRENZEL, F; REGA, I; MAINARD-SARDON, J. Favela Tour Virtual: Sobre Mobilidades Turísticas em Favelas no Contexto da Pandemia de Covid-19. **Cadernos de Arte e Antropologia [Online]**, v. 11, n. 1, 2022. DOI: <https://doi.org/10.4000/cadernosaa.4284>

SHELLER, M. **Mobility Justice**. The Politics of Movement in an Age of Extremes. London: Verso, 2018a.

_____. Theorising mobility justice. **Tempo Social**, v. 30, n. 2, p. 17-34, 2018b.

SHELLER, M.; URRY, J. (Orgs.). **Tourism mobilities**: places to play, *places in play*. London/New York: Routledge, 2004.

SHELLER, M; URRY, J. The New Mobilities Paradigm," **Environment and Planning A**, v. 38, n. 2, p. 207-226, 2006. DOI: 10.1068/a37268

SINGH, D.; GIUCCI, G.; JIRÓN, P. Introducción In: DHAN Z. SINGH; G. GIUCCI e P. J. (Orgs.). **Términos clave para los estudios de movilidad en América Latina**. Buenos Aires: Biblos, 2018, p. 13-21.

URRY, J. **Sociology Beyond Societies**. Mobilities for the Twenty-First Century. London: Routledge, 2000.

_____. **The tourist gaze**. 2. ed. London: Thousand Oaks: Sage, 2002.

_____. **Mobilities**. Cambridge: Polity Press, 2007.

URRY, J.; LARSEN, J. **The Tourist Gaze 3.0**. London: Sage, 2011.

_____. O olhar do turista 3.0. São Paulo: Ed. SESC, 2022.

SÁ, F. Z.; GASTAL, S. DE A. Mobilidade, imobilidade e a-mobilidade: para discutir o Turismo em tempos de COVID-19. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 15, n. 1, jan. 2021. <https://doi.org/10.7784/rbtur.v15i1.2144>

Sobre o organizador e as organizadoras



Thiago Allis

É professor associado na Escola de Artes, Ciências e Humanidades, da USP (EACH-USP), onde atua no Bacharelado em Lazer e Turismo e no Programa de Pós-Graduação em Turismo (PPGTUR-EACH-USP). É bacharel em Turismo (2004), mestre em integração da América Latina (2006) e doutor em Arquitetura e Urbanismo (2012), sempre pela Universidade de São Paulo (USP). Lidera o do Grupo de Pesquisa Mobilidades & Turismo (MobTur), a partir do qual conduz orientações de trabalhos de pós-graduação, desenvolvimento de pesquisas financiadas (CNPq, British Academy/Newton Fund, União Iberoamericana de Universidades) e ações de popularização da ciência - com um perfil no Instagram (@mobtur_esp) e o podcast Turismo & Mobilidades. Atuou como professor visitante na Universidade Nacional de Timor Leste (2012) e Universidade de Viena (2022).



Camila Moraes

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social (PPGMS/UNIRIO). Professora Adjunta do Departamento de Turismo e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), onde atua no Bacharelado em Turismo, na Licenciatura em Ciências Sociais e nas Pós-Graduações em Ecoturismo e Conservação (PPGEC) e Memória Social (PPGMS). Formada em Turismo pela UNIRIO, Especialista em Sociologia Urbana e Mestre em Ciências Sociais pela UERJ, durante seu doutorado em História, Política e Bens Culturais pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil na Fundação Getúlio Vargas (CPDOC / FGV-RJ), realizou estágio de pesquisa no Centre For Mobilities Research / Lancaster University no Reino Unido, quando voltou suas pesquisas para os estudos do turismo dentro do campo mais amplo de estudos das mobilidades. É Tutora do Programa de Educação Tutorial (PET / MEC) Observatório de Turismo do Estado do Rio de Janeiro onde coordena o Programa TurisData: Base de Dados sobre os Estudos do Turismo e das Mobilidades e o Observatório do Turismo em Favelas. É também coordenadora do Projeto Destino inteligente tem memória e história: mobilizando o turismo de base comunitária na Rocinha (Financiamento FAPERJ); Co-Investigadora dos Projetos Lockdown Stories (Financiamento Global Challenges Research Fund (GCRF) / Leicester University) e Local Heritage and Sustainability: promote reflection and sharing within and across communities (Financiamento AHRC International Network: Pathways to Impact) onde vem desenvolvendo com moradores, guias locais, ativistas e produtores culturais narrativas e visitas virtuais sobre as favelas do Rio de Janeiro.



Barbara Catalano

Es Investigadora del Consejo de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) de Argentina en la Universidad Provincial de Córdoba (UPC). Es integrante del Grupo de Estudios en Turismo y Sociedad del Instituto de Investigaciones Gino Germani de la Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires (UBA). Es doctora en Ciencias Sociales (UBA), Magister en Procesos de Integración Regional y Mercosur (UBA), Licenciada en Turismo por la Universidad del Salvador y docente de grado y posgrado en Universidad Nacional de Tres de Febrero en asignaturas vinculadas al turismo, investigación y planificación turística. Recientemente publicó el libro “Turismo e Integración: Viajar sin Pasaporte en el Mercosur”, Ediciones Ciccus donde se exponen los resultados de su investigación doctoral. Sus líneas de Investigación se vinculan con la sociología del turismo, las movilidades, el turismo urbano, la integración regional, entre otros.



Sobre as autoras e os autores

  Bárbara Helenni Gebara Santin

Doutoranda bolsista (FAPERJ) em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com linha de pesquisa em Cultura e Natureza; Mestre em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com área de concentração em Cultura e Natureza (2017); Bacharel em Turismo pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2014); Extensão Universitária em Formação Holística de Base na abordagem Transdisciplinar pela Universidade Internacional da Paz (2014). Monitora bolsista, na graduação, da disciplina Turismo e Apreciação Estética. Atualmente realiza pesquisa em turismo comunitário com artesãs do bairro Santa Cecília em Teresópolis-RJ.

  Carla Oliveira Brito

Bolsista Pesquisadora do Mestrado em Geografia pela Universidade Federal da Bahia. Graduada em Turismo e Hotelaria pela Universidade do Estado da Bahia. Tem experiência na área de Turismo, Inovação, Empreendedorismo e Gestão de Pessoas. Bolsista CNPq modalidade extensionista sobre Inovação em Pequenas Empresas e bolsista do SENAI/SESI/SEBRAE no edital de Inovação para a Indústria, na chamada Cidades Inteligentes. Integrante do Grupo Multidisciplinar de Estudo e Pesquisa SSEETU - Sociedade Solidária, Espaço, Educação e Turismo (UNEB/CNPq) e participante do Projeto de Extensão Tourmorrow (Estudo exploratório para divulgação de informações sobre impactos sociais, econômicos, culturais e políticos do COVID-19 no Turismo e Hotelaria).

  Carlos Lúcio Martins

Mestrando em Turismo pelo Programa de Pós-Graduação em Turismo, EACH/USP. (2022-2024). Tecnólogo em Gestão de Turismo pelo Instituto Federal de São Paulo (2018), graduação licenciatura em Música pela Universidade Metropolitana de Santos (2014), Especialização em Docência e Pesquisa para o Ensino Superior pela Universidade Metropolitana de Santos (2018). Atualmente Turismólogo, Guia de Turismo com CADASTUR do Ministério do Turismo e Empresário.

  Danielli Nogueira Alves da Silva

Mestranda em Turismo pelo Programa de Pós-Graduação em Turismo, EACH/USP. (2021-2023). Bacharela em Turismo pela Universidade de Vila Velha - Espírito Santo (1999). Servidora pública municipal estatutária (2008). Turismóloga com mais de vinte anos de experiência em pesquisa, planejamento e organização do turismo na iniciativa pública e privada, com ênfase nos temas: elaboração e implantação de políticas públicas de turismo nos espaços urbano e rural, pesquisas de demanda e fluxo turístico, estudos sobre os segmentos e atores da cadeia produtiva do turismo no Espírito Santo, qualificação e certificação das atividades turísticas, instrutoria para capacitação turística e consultoria para o desenvolvimento de projetos de visitação turística em atrativos turísticos, unidades de conservação e patrimônio histórico.

  Davi Alysson da Cruz Andrade

Doutor em Turismo (PPGTUR USP). Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente (2007, PRODEMA/UFPB), Especialista em Administração Hoteleira (SENAC SP, 2014) e Bacharel em Turismo (2004, UFPB). Professor do Departamento de Turismo e Hotelaria da Universidade Federal do Maranhão (UFMA - Campus São Luís). Vem realizando pesquisas e projetos sobre hospitalidade, turismo, hotelaria, estratégia, planejamento e gestão de empresas e destinos turísticos.

  Eliane Avelina de A. Sampaio

Doutoranda em Turismo pela Universidade de São Paulo (USP). Mestra em Turismo pelo Instituto Federal de Sergipe (IFS). Especialista em Planejamento e Gestão do Turismo pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Especialista em Docência do Ensino Superior pela Estácio SE. MBA em Empreendedorismo, Marketing e Finanças pela FAVENI. Graduada em Turismo (UFS) e Técnica em Hotelaria (IFS). Atualmente é coordenadora do Turismo Social no Serviço Social do Comércio de Sergipe e ministra capacitações profissionais em Turismo e Hotelaria. Desenvolve pesquisas na área de planejamento e gestão do turismo com ênfase em novas metodologias de planejamento turístico e na perspectiva do Smart Tourism e respectivos atributos metodológicos e ecossistêmicos. Atua como revisora de artigos científicos em importantes periódicos e eventos nacionais e internacionais. Tem se dedicado aos estudos do Turismo e a divulgação científica por meio de publicações relevantes em periódicos nacionais e internacionais.

  Felipe Zaltron de Sá

Doutorando em Turismo e Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul/RS, Brasil. Mestre em Turismo e Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul/RS, Brasil. Bacharel em Turismo. Pesquisa os temas de Turismo, Mobilidade, Cultura, Cidade e Urbanidade.

  Isabella Santos

Bacharela em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2012), Pós-graduada em Relações Étnico Raciais e Sociedade pelas Faculdades Integradas Campos Salles (2016), Mestranda do Programa de Pós-graduação em Turismo EACH-USP, com interesse nos assuntos relativos ao turismo, memórias e tradições de matriz africana, urbanidades e patrimônio. Atualmente coordena o projeto Sampa Negra, de cartografia afetiva e de memórias negras na cidade de São Paulo e integra o Grupo de Pesquisa Mobilidades e Turismo (MobTur) - EACH USP.

  Jéssica Sewaybricker Ribeiro

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, pesquisadora no Grupo de Pesquisa Mobilidades e Turismo. Bacharel em Turismo pelo Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio, com especialização em Administração e Organização de Eventos pela Instituição SENAC. Licenciatura Plena no Programa Especial de Formação Pedagógica de Professores para Educação Profissional em Nível Médio pelo Centro Paula Souza conveniado com o Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação. Guia de Turismo Regional, Nacional e América do Sul pela Embratur. Atualmente docente no Eixo de Turismo, Hospitalidade e Lazer do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza.

  Juliana Carneiro

Doutoranda em Turismo pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Turismo EACH/USP. Mestre em Turismo pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Turismo UFF. Bacharel em Turismo pela Faculdade de Turismo e Hotelaria da UFF. É pesquisadora dos grupos de pesquisa: "Turismo, Gestão e Território" (FTH/UFF) e "Mobilidades e Turismo" (EACH/USP). Atualmente é professora substituta do curso Superior de Tecnologia em Gestão do Turismo do Instituto Federal de São Paulo, Campus São Paulo (IFSP/SPO). Possui interesse em temas que envolvem Turismo e Geografia, Mobilidades do Turismo, Planejamento de Destinos Turísticos, Trabalho e Trabalhadores do Turismo, Metodologia da Pesquisa em Turismo e Epistemologia do Turismo.

  Juliane Santos Lumertz

Bacharel em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC RS (2005), Mestre em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (2009), Atualmente Doutoranda em Turismo no Programa de Pós-graduação em Turismo (PPGTUR) da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP). Membro do Grupo de Pesquisa em Turismo & Mobilidades (Mobtur). Estuda especialmente os seguintes temas: Turismo Internacional, soft power, Relações Internacionais, processos de integração, mobilidades internacionais; política externa; diplomacia; Mercosul.

  Lorena Cunha de Sena

Graduada em TURISMO pela Universidade de Fortaleza, Especialização em Marketing pela Universidade Estadual do Ceará, Mestre em Administração de Empresas pela Universidade de Fortaleza e Especialização em Formação Pedagógica para Docência na Educação Profissional e Tecnológica. Professora efetiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE. Foi professora do Centro Universitário Estácio/FIC, da Faculdade CDL e de cursos de pós-graduação. Coordenou o Curso de Especialização em Docência na Educação Profissional, Científica e Tecnológica - UAB/IFCE.

  Luciana Resende Borges

Possui formação multidisciplinar: Doutoranda em Turismo pela EACH – USP Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo; Mestre em Turismo pelo Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília – UnB; Especialista em Gestão e Planejamento de Eventos pela Universidade Católica de Goiás – PUC; Gestora Hoteleira – Instituto Federal de Goiás. Experienciou diversas atividades profissionais; empreendedora na área de eventos; Professora e pesquisadora das áreas de Eventos, Hospitalidade, Turismo, Administração e Educação; Consultora; integra grupo de pesquisa; Autora de artigos científicos, capítulos de livros e do livro ‘Saberes, Acolhimento, Turismo e Eventos: o ciclo virtuoso para encontros mais humanizados’.

  Renan Augusto Moraes Conceição

Doutorando em Turismo na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP). Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Graduado em Turismo pela Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Apucarana (FECEA). Professor do curso de Turismo e Negócios da Universidade Estadual do Paraná (Unespar campus Apucarana). Membro do grupo de pesquisa Labor Movens - Condições de Trabalho em Turismo, vinculado à Universidade de Brasília (UnB) e membro da Alba Sud - Investigación y Comunicación para el Desarrollo, de Barcelona, na Espanha.

Coleção Desenvolvimento do Turismo

O turismo é uma atividade que afeta praticamente todas as pessoas em todos os cantos do planeta. Por sua natureza humana e complexa, ele pode ser interpretado sob diversas perspectivas, tais como um fato econômico, uma atividade de lazer, um conjunto de negócios, um fenômeno sociológico, cultural, espacial ou histórico, entre outras. O turismo também pode ser estudado sob a lente de quase todas as ciências e correntes epistemológicas existentes. Essa diversidade de perspectivas possíveis no estudo do turismo deve ser reconhecida e valorizada.

Com esse caráter multidisciplinar e eclético, a coleção "Desenvolvimento do Turismo" traz pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (PPGTUR-EACH-USP).

"Desenvolvimento do Turismo" é o nome da

primeira disciplina de curso superior no Brasil que tinha em seu título a palavra turismo, criada em 1970 na USP, no Departamento de Relações Públicas e Propaganda (CRP).

"Desenvolvimento do Turismo", em todos os seus matizes, nos campos social, humanístico, cultural, ambiental, político, econômico e científico, é também o nome da área de concentração do PPGTUR-EACH-USP.

Assim, em sua essência, essa coleção tem o propósito de contribuir para o turismo, especialmente no Brasil, de forma ampla, diversa, consistente, crítica e construtiva.

Programa de Pós-Graduação em Turismo da
Universidade de São Paulo
PPGTUR-EACH-USP



PPGTUR - Programa de Pós-Graduação em Turismo
Escola de Artes, Ciências e Humanidades
Universidade de São Paulo